D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

#11



Ano 1 - Edição #11 - outubro/ 2020

Neimar Proença 2017


financiado com
catarse
CAMPANHA
ADOTE
UMA PÁGINA
D-ARTE
REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA
R$ 10,00
(MENSAIS)

click aqui

Around the World



#11

BRAZIL - 2020

D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

EXPEDIENTE - Revista D-arte
Diretores de Redação : Wilson Inacio, Ronilson Rony

Site: dartelondrina.wordpress.com
Email: dartelondrina@gmail.com
Instagram: @dartelondrina

Realização

Wilson Inacio - Arte & Design

Ronilson Rony

Apoio cultural

BATUQUE NA CAIXA

I.C.A.B
Instituto Cultural Arte Brasil

Saudações! Apresentamos nossa 11ª edição da Revista D-arte. Lembramos a todos os leitores que a revista se apresenta de forma interativa, clicando nos ícones e links serão direcionados para as páginas e redes sociais dos artistas. Buscamos mais uma vez, de forma democrática , receber os trabalhos dos artistas, grupos, escritores, autores, pesquisadores e afins, sem qualquer pré-julgamento possibilitando que este ambiente seja plural, diversificado e livre.

email para envio de materiais:
dartelondrina@gmail.com.

Nossas publicações operam de forma independente e, para mantermos o trabalho, disponibilizamos o projeto em financiamento coletivo. Interessados em colaborar financeiramente com esta empreitada podem fazer doações no link

Catarse



A Revista D-ARTE, surge como um ambiente interativo, dedicado as mais variadas formas de expressão artística, no intuito de fomentar, disseminar e divulgar a expressão artística brasileira.

Artistas, músicos, fotógrafos, poetas, escritores, professores e entusiastas das artes, podem nos enviar trabalhos para digulgação em nossas edições.

Nosso objetivo é de maneira democrática, manter este espaço aberto, como forma de comunicação, entre artistas, obras e público. As opiniões expressas aqui e o conteúdo apresentado, não representam necessariamente a opinião da revista que, apenas, cumpre o papel de publicação dos mesmos. Nosso muito obrigado!

A revista pode ser baixada gratuitamente no endereço eletrônico:
https://dartelondrina.wordpress.com/

A REINVENÇÃO DO SER HUMANO OU A TRANSIÇÃO PARA UM MUNDO PÓS-COVID?

O ano de 2020 ficará marcado como um divisor de águas. Um ano que está sendo um explosivo capaz de abalar, estremecer e por abaixo, os principais pilares econômicos, sociais e culturais da humanidade.

Ele representa uma ruptura completa de paradigmas. Nos obrigando neste que, talvez, seja um dos momentos mais críticos de nossa existência. Um momento delicado, de muita perda, que nos obriga a repensarmos um mundo pós-covid; enquanto aguardamos os testes e a produção de uma vacina ou qualquer outra solução que nos tire do confinamento.

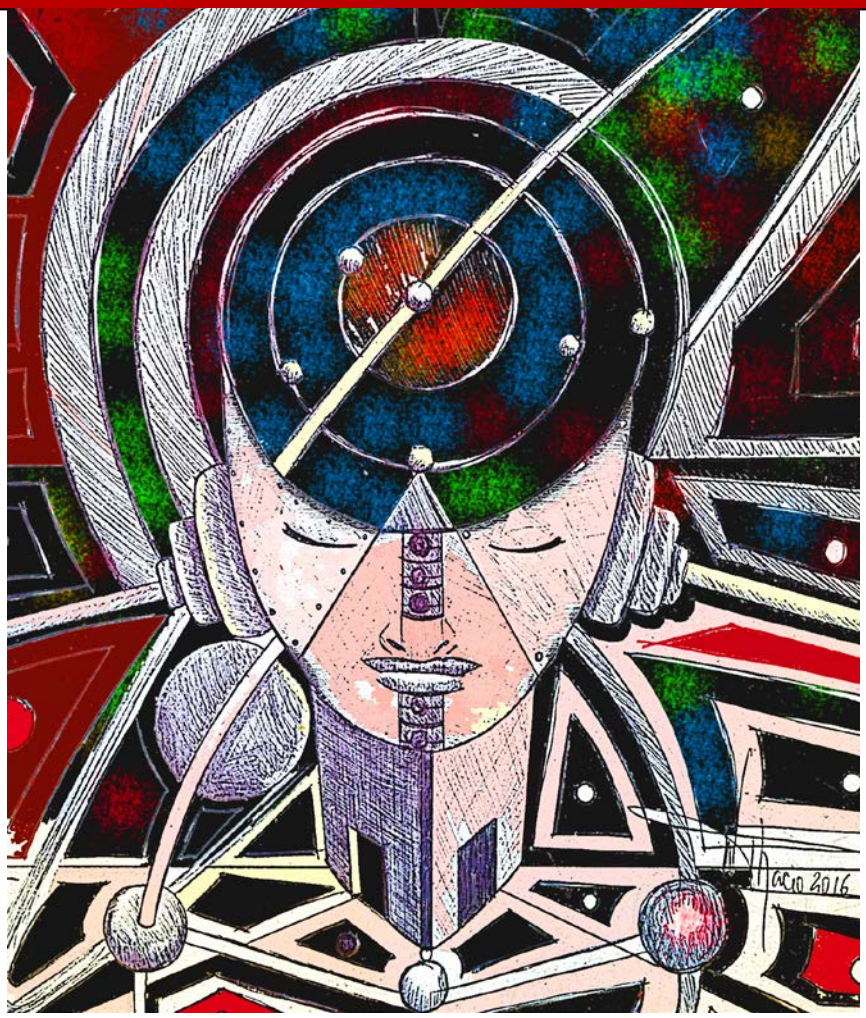
Que nesse momento de pausa, aprendamos a não sermos mais coniventes com o dito "normal" ou o "retorno ao normal". Creio que, enquanto acharmos normal pedirmos às pessoas que "fiquem em casa" enquanto permitimos que pessoas estejam desabrigadas, e passem fome, e sem trabalho, e sem dignidade, ainda estamos muito aquém e falhamos quanto espécie.

Precisamos compreender que frases como "um mundo cada dia mais competitivo" não nos cabe mais; seja no mercado financeiro ou de trabalho.

Porque junto com as portas das casas, também se fecharam as portas dos escritórios, das lojas e das fábricas, levando o desemprego e a informalidade no Brasil, a níveis mais de 50% da população ativa economicamente (isso representa 36,6 milhões de desempregados aproximadamente, isso é equivalente à população do Canadá). Já são 2 bilhões de trabalhadores informais no mundo e boa parte perdeu sustento com a covid.

Percorridos exatos sete meses do decreto de calamidade pública, o setor cultural, já tão sofrido pela falta recursos e de investimentos, agora é ainda mais fragilizado, sem a possibilidade das apresentações ou qualquer outro formato presencial de arte, que envolva o público.

A arte vem se reinventando na maneira de se consumir conteúdos por meios digitais, mesmo sabendo que no Brasil, segundo pesquisas, o acesso a computadores e redes de internet não se estende a todos , chegando somente a 71% das residências, ainda assim, artistas, produtores culturais, coletivos, grupos e projetos vem contribuindo e disponibilizando os seus conteúdos nas redes, inclusive em muitos casos, de forma gratuita.



A cultura é um importante setor econômico , sendo assim, é preciso salientar que: por trás da elaboração de uma peça de teatro, um espetáculo de música, dança de produção cinematográfica ou até mesmo a montagem de uma exposição; requer envolvimento de muitos outros profissionais e trabalhadores de outros setores, ligados diretamente nesse processo. A cultura e a arte são peças fundamentais dentro dessa engrenagem que impulsiona a economia.

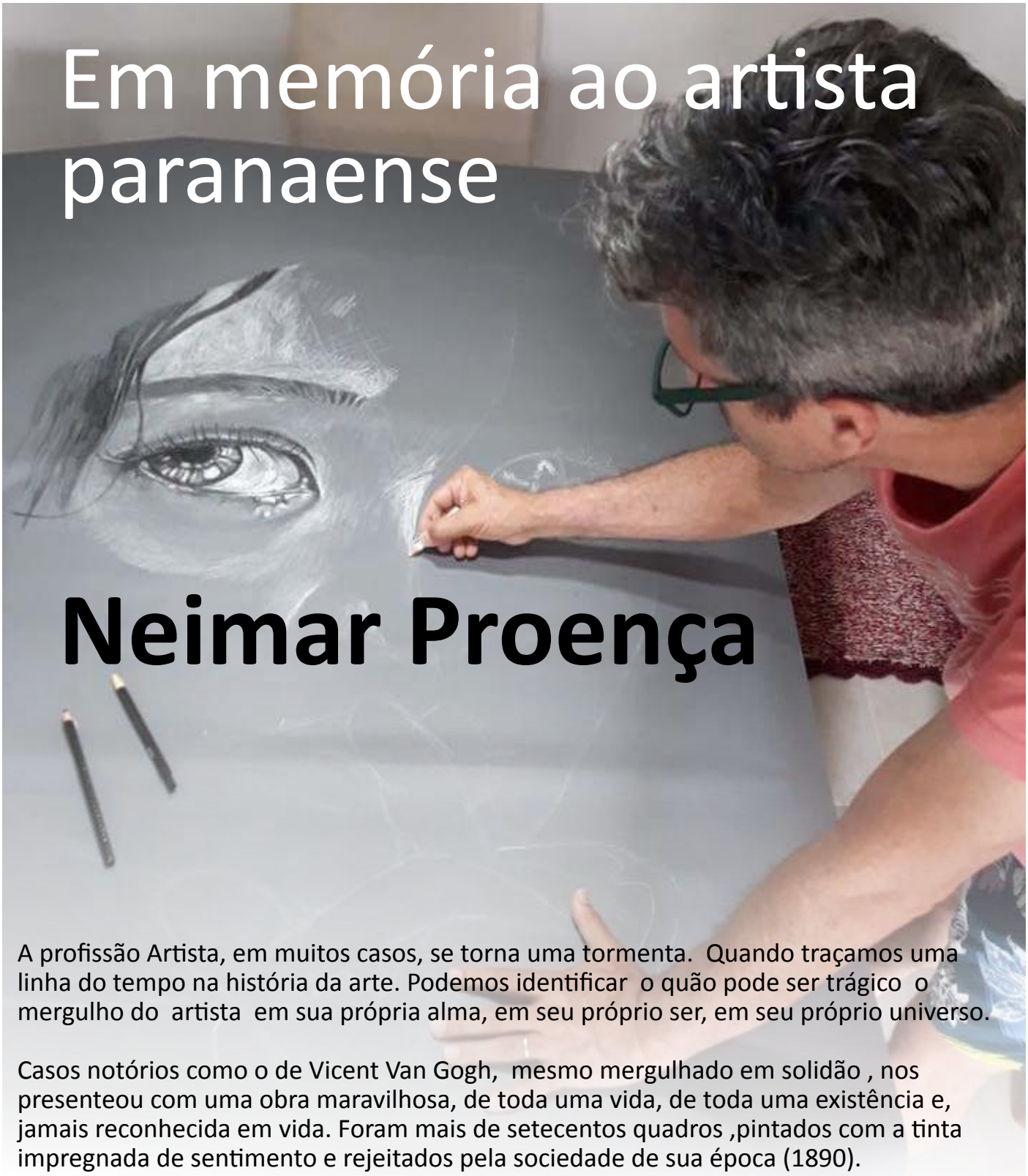
Felizmente, apesar desse cenário distópico, medidas foram tomadas em socorro aos trabalhadores da cultura. A União já repassou a Estados e aos Municípios cadastrados , os recursos Lei 14.017 "Lei Aldir Blanc". Assim como em nossas edições anteriores, sempre trazemos informações desta iniciativa suprapartidária, que garantiu que os recursos do Fundo Nacional de Cultura fossem utilizados.

Esperamos que em breve possamos publicar os resultados desta iniciativa, pois, quanto se investe em arte, está se investindo na valorização do ser humano.

Que aprendamos a convivermos primeiramente, consigo, consigo mesmo, com os nossos pleonasmos, tal qual acabei de cometer, propositalmente, pra frizar que: para lidarmos com o isolamento é preciso saber estar só, como aprendizagem para o convívio com o próximo, com o planeta, com nossos ecosistemas internos e externos, na certeza que a arte cumpre muito bem esse papel.

A redação

Em memória ao artista paranaense



Neimar Proença

A profissão Artista, em muitos casos, se torna uma tormenta. Quando traçamos uma linha do tempo na história da arte. Podemos identificar o quão pode ser trágico o mergulho do artista em sua própria alma, em seu próprio ser, em seu próprio universo.

Casos notórios como o de Vicent Van Gogh, mesmo mergulhado em solidão , nos presenteou com uma obra maravilhosa, de toda uma vida, de toda uma existência e, jamais reconhecida em vida. Foram mais de setecentos quadros ,pintados com a tinta impregnada de sentimento e rejeitados pela sociedade de sua época (1890).

O quão agonizante pode ser a vida de uma artista? Como Frida khalo, presa a uma cama, escrevendo em tela o diário de sua enfermidade.

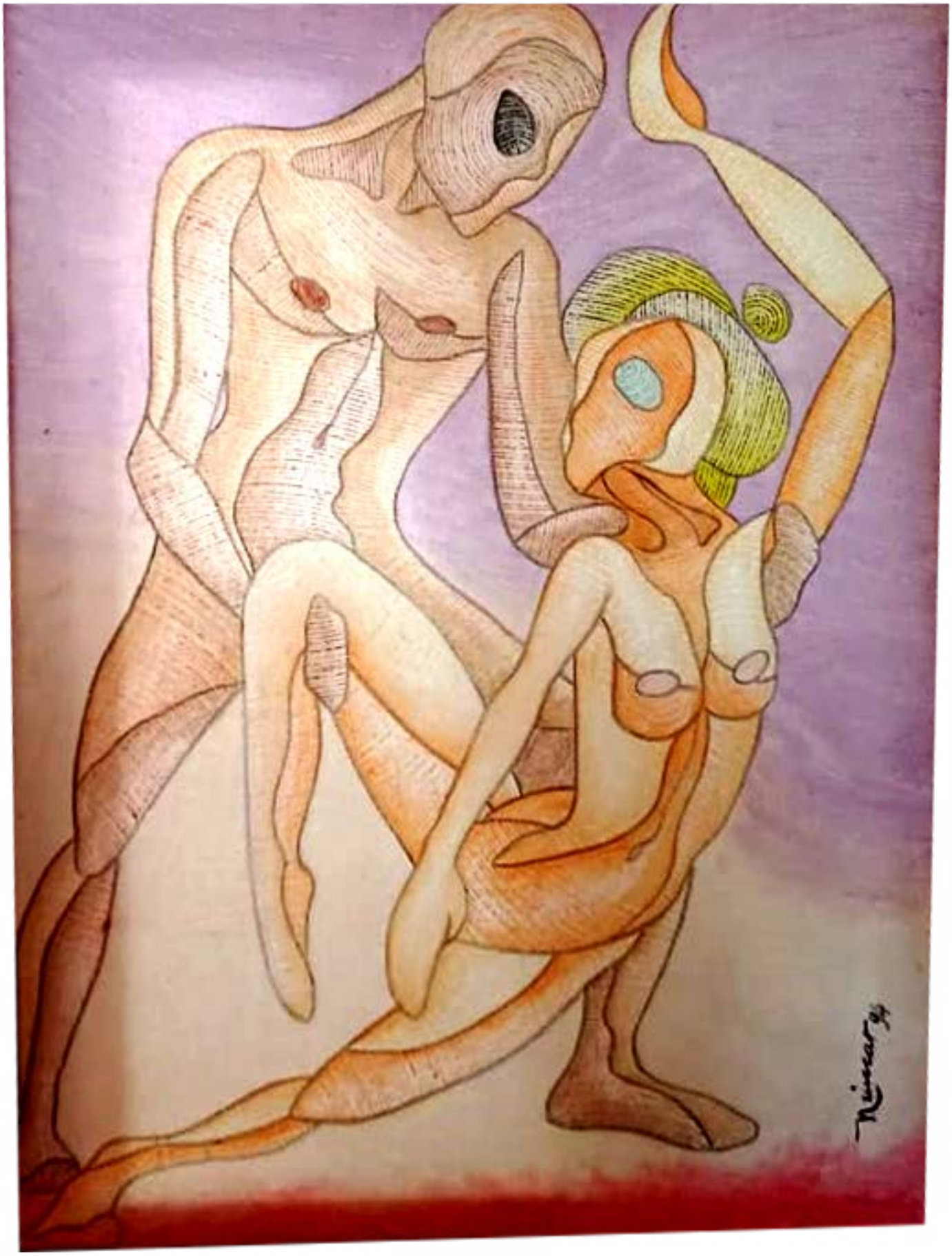
Quando o artista emerge desse mergulho, vindo à tona, em busca do ar, percebe que este ar já não é tão puro quanto o desejo em transformar o mundo através de sua verve, suas cores, formas, provocações, denunciar injustiças e acima de tudo, o simples desejo de tocar o âmago das pessoas com sua arte, com seu lirismo.

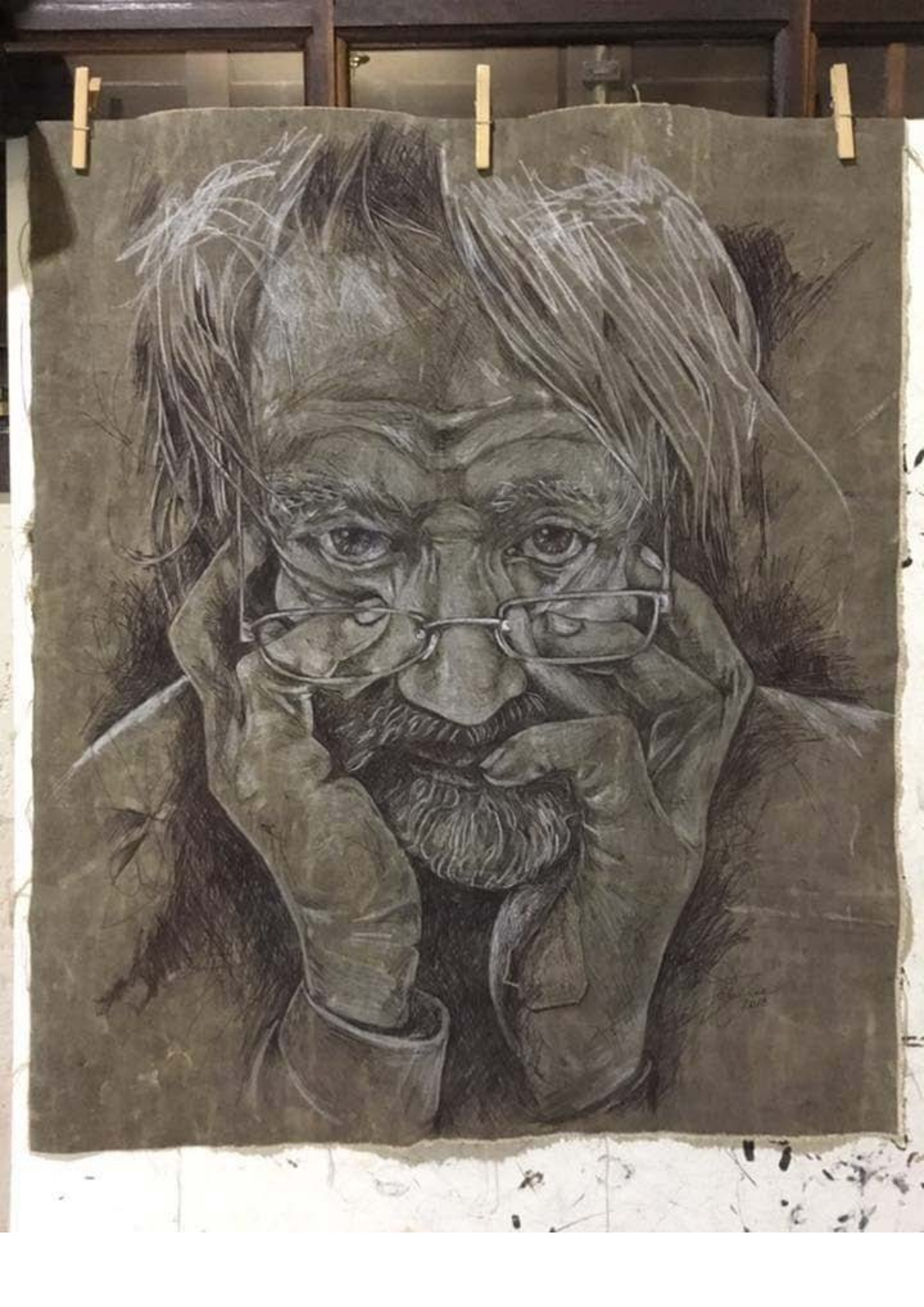
Este mês, trazemos uma homenagem ao artista paranaense Neimar Proença, que nos deixou no início do ano de 2020.

O artista parte, mas... eterniza sua alma em forma de poesia e arte, nosso muito obrigado!



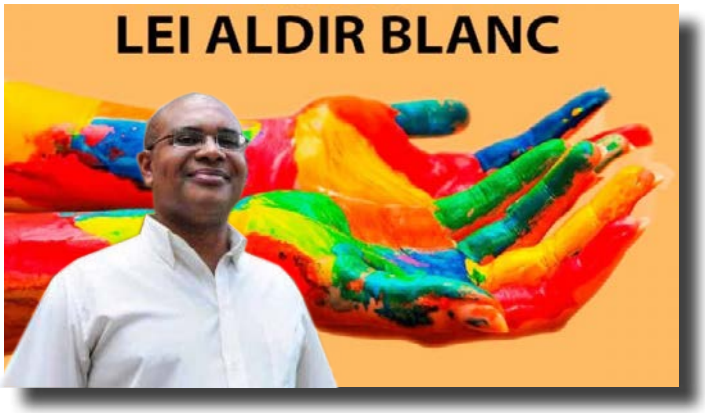












A LEI E A CULTURA EM TEMPOS DE PANDEMIA

"A esperança equilibrista sabe que o show de todo artista tem que continuar"
(O bêbado e o equilibrista/ Aldir Blanc e João Bosco)

A pandemia tinha chegado ao Brasil e os decretos estaduais e municipais deixavam claros a gravidade do momento e suas consequências psicológicas, econômicas e nos hábitos das pessoas. Mudanças que mal conseguimos dimensionar mas que já sabemos permanentes.

Timidamente, o Congresso Nacional começa uma discussão para uma lei que desse alento e sobrevida ao setor cultural, vindo já em 2019 de desmontes e dificuldades.

Desde o início, pessoalmente me envolvi nas discussões e acreditei no que viria a ser conhecida como a Lei Aldir Blanc.

Mas apenas parte da luta foi concretizada pois no dia em que escrevo sobre o tema (16/10) mais de 30% dos municípios brasileiros sequer ainda tinham iniciado a elaboração do plano de ação na plataforma Mais Brasil. Distantes dessa realidade e com grande preocupação pela cultura, cidades como Londrina, Maringá e Ibiporã; Bauru, Indiaroba, Umbaúba e Arauá tem muito o que contar sobre suas trajetórias na cultura e a motivação dos gestores para socorrer o meio artístico.



Manifestação Cultural - Indiaroba/SE -



sessão plenária virtual

Em Indiaroba, primeira cidade no Sul do Sergipe a captar os recursos da Lei Aldir Blanc, o diretor de juventude da Secretaria de Cultura fala sobre a importância desse momento para a cultura e a juventude da cidade:

"Na vida dos nossos jovens amantes da cultura, agentes que movimentam a economia criativa, todos sofrem com o impacto de não poder se expressar. A lei Aldir Blanc, mesmo emergencial, veio para ficar, para a história, porque foi uma luta que dá início a uma compreensão nacional do papel fundamental da Cultura para a economia. Em nossa amada cidade Indiaroba/SE, localidade na região centro sul do Estado de Sergipe, a Lei Aldir Blanc caiu como uma luva nas mãos dos nossos administradores e agentes culturais, estamos conseguindo promover o diálogo mesmo de forma virtual com os nossos agentes, instruindo-os para melhor utilização dos recursos disponibilizados da lei Aldir Blanc. A Lei Aldir Blanc representa um avanço significativo no reconhecimento da importância da classe de trabalhadores, das empresas de cultura e da cultura, em sua essência, principalmente porque a cultura é meio legítimo de produção de conhecimento, de fortalecimento das raízes históricas, das tradições populares e elemento de transformação social.

Somos uma cidade rica em Cultura, nossa cidade ao andar nas ruas sentimos o cheiro da cultura de longe; aproveito para convida-los a conhecer um pouco dos nossos grupos Culturais. Por aqui temos: lambe sujo de chupinha e Cabelo fino, Samba de coco da tia mocinha, Reisado do mestre pataca, as quadrilhas juninas: Estrela do divino, Pisa na Brasa, o nosso maestro Fernandinho da Bahia e sem falar das comunidades tradicionais como

Cajueirinho e Saguim. Venham nos conhecer.” Afirma o jovem mas experiente ativista social em prol da juventude. Além de coordenar essa função no município, Rafael é atuante com os festejos juninos.

No Paraná, Deivid Lima é colaborador de eventos importantes e Conselheiro Estadual de Cultura e pontua o marco histórico que a lei apresenta amparando artistas e grupos num momento de tragédia e isolamento social.

“A partir desta lei, o governo sinaliza que ainda há meios para que a cultura possa ser promovida em toda a nação e com muitas possibilidades que visam facilitar a promoção daqueles que a transmitem para o povo” é sua opinião

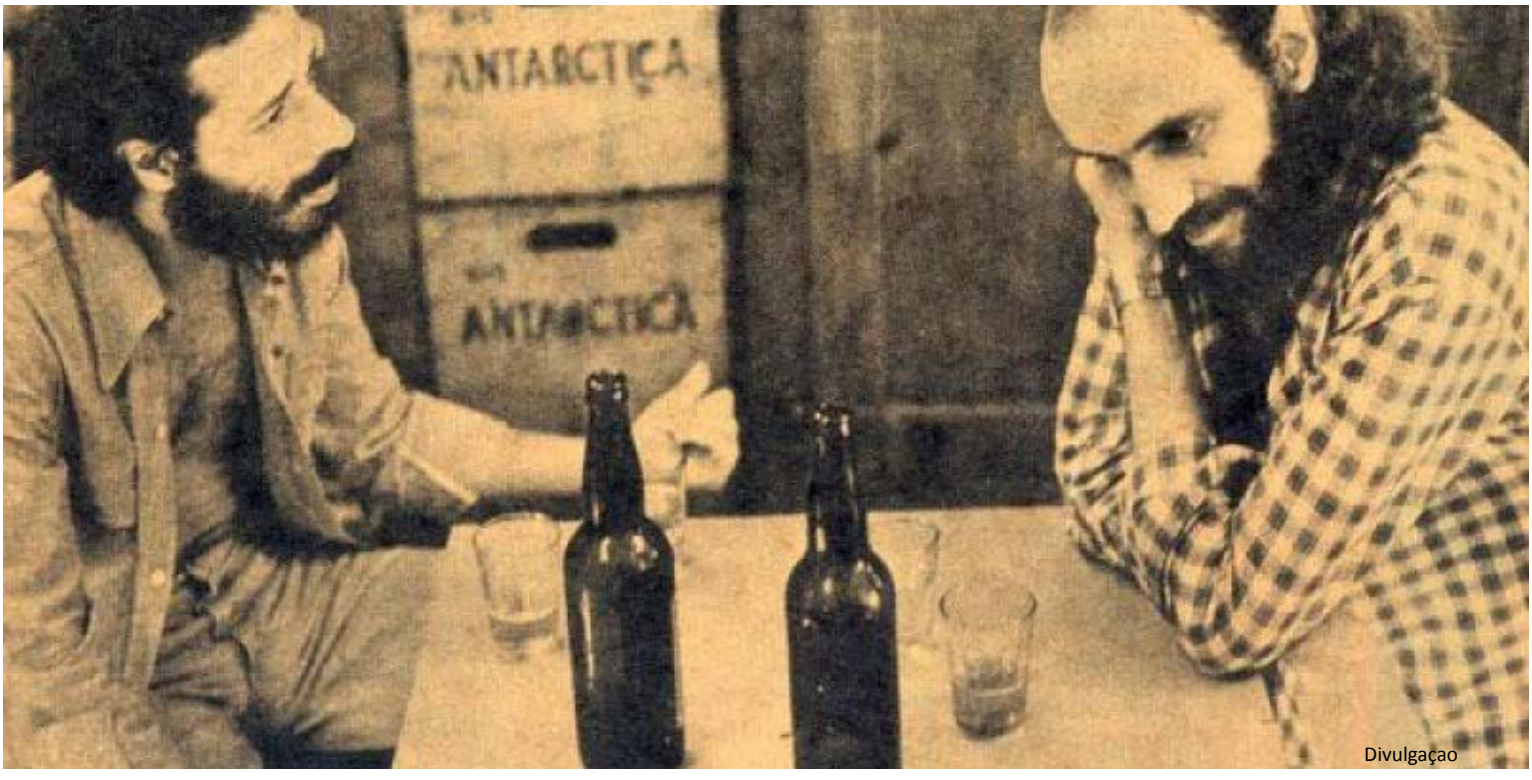
Em matéria publicada na página oficial da Prefeitura de Bauru/SP no dia 17 de setembro, o secretário de cultura Rick Ferreira enfatiza a agilidade dada para atender o setor cultural:

“Bauru vai oferecer as condições necessárias para que todos os artistas, trabalhadores da cultura e espaços culturais possam requisitar os recursos emergenciais a tempo. Todos aqueles que são elegíveis a receber os recursos conforme estabelece a Lei terão seu direito assegurado. Os editais vão contemplar todas as linguagens com cadeira no Conselho, além de outras como arte com acessibilidade, manifestações LGBTQI+, cultura negra, a cadeia produtiva audiovisual etc. Só não vai receber quem não precisa e abrir mão ou não preencher os requisitos previstos pela Lei”.

Em Conde, interior da Bahia, Pai Anderson de Oxum (da Casa de Umbanda Xangô de Ouro Sitio do Conde) ressalta o respeito à diversidade cultural e a democratização dos recursos pautada na Lei Aldir Blanc.

“Todos os segmentos da população negra em especial foi e é quem mais está sofrendo neste momento de pandemia. A lei chegou para fortalecer os setores excluídos de recursos por conta da covid 19”, pontua o líder religioso e produtor cultural

Reinaldo Martins é o diretor de cultura em Indiaroba, sul do Sergipe e faz questão de destacar o empenho da equipe para transformar dificuldades em realizações na implementação da Lei: “Passamos por dificuldades por falta de estrutura para fazer os cadastros e com uma equipe pequena conseguimos fazer muitas coisas, por isso é sempre importante ter uma equipe que trabalha com humildade com carinho e com força de vontade para ajudar nossos artistas serem contemplados com essa ajuda. A União fez a força, essa é minha opinião!”
Assim como em Indiaroba e em Araruá (onde a secretária Vanicley Santos e toda equipe técnica da gestão se encontram empenhados em socorrer e dar um novo rumo à cultura local), em Umbauba (também no Sergipe), a secretária Dra Angelita Santos destaca “a cultura como meio legitimo na produção de conhecimentos, no fortalecimento das raízes históricas, nas tradições populares e também como elemento de transformação social.”



Divulgaçao

João Bosco e Aldir Blanc

“A lei Aldir Blanc representa um avanço significativo no reconhecimento da importância da classe de trabalhadores e das entidades de fomento à cultura”, diz a gestora da pasta.

Com cerca de 350 mil habitantes, Maringá é um importante pólo cultural do Paraná e realiza importantes festivais e projetos de formação.

“A lei Aldir Blanc é de fundamental importância para a manutenção e fomento das políticas públicas para as artes e cultura em nossas cidades. É uma injeção de ânimo para uma classe tão impactada neste momento que todos estamos passando com a pandemia da Covid-19. Maringá criou um grupo de trabalho (GT) composto por representantes do poder público, do Conselho Municipal de Políticas Culturais (CMPC) e de lideranças dos movimentos artísticos da cidade com o propósito de utilizar de forma democrática e transparente o valor a ela destinado. Serão dezenas de espaços e empresas culturais recebendo o benefício, além de inúmeros editais visando premiar e contratar serviços e produtos culturais destinados a toda população maringaense.” enfatiza Francisco Pinheiro, Secretário de Cultura de Maringá

Assim também em Londrina, Cambé e Ibiporã que concentram ideias inovadoras e berço de importantes artistas como Arrigo Barnabé, Ivo Pessoa e onde Henrique Aragão desenvolveu sua vida e obra, a chegada dos recursos foi precedida de debates e permanente reflexão sobre o melhor caminho para a destinação final. Wilson Inácio, Valdir Rodrigues, Ronilson Rony e Anésio Montini são artistas e produtores culturais que se engajaram firmes nesta luta.

“A lei Aldir Blanc é uma importante iniciativa para atenuar os efeitos da Pandemia sobre o setor cultural. A lei é um instrumento de reconhecimento da relevância do setor na sociedade atual. Em Londrina, a Administração lançou editais de credenciamento para a implementação da Lei no município” comenta o secretário de cultura Caio Cesaro cuja gestão já disponibilizou os editais culturais na plataforma Londrina Cultura.

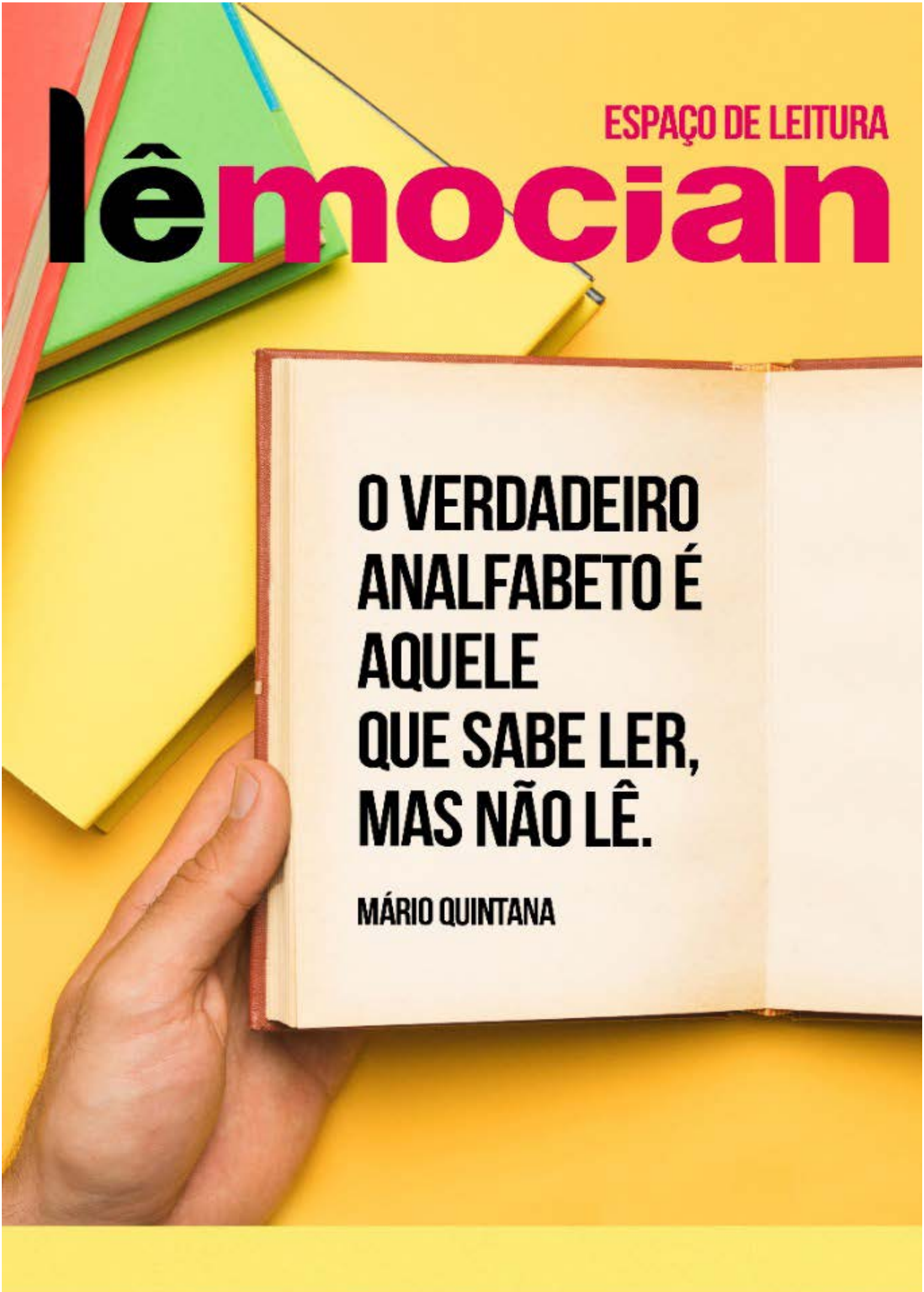
Morando e produzindo música e pesquisa cultural na multifacetada São Paulo, Tiago Mayer enxerga esperança e novas possibilidades no esforço conjunto que resultou na lei que leva o nome de um dos maiores poetas e cronistas de nosso tempo. Mayer ressalta que “a pandemia foi inesperada e pegou todos desprevenidos. Infelizmente muitas pessoas tiveram suas vidas interrompidas por conta do vírus e outras perderam o emprego e sua renda. Os bares, teatros, circos, cinemas e casas de shows se encontraram vazios de uma hora pra outra e os artistas ficaram sem público e “sem chão”. Os eventos culturais foram duramente atingidos e assim exigiram ainda mais a criatividade dos artistas, que se reinventam mesmo que de forma virtual. O espetáculo não poderia parar. Agora com a Lei Aldir Blanc, os trabalhadores e trabalhadoras da cultura poderão ter uma renda emergencial mensal, além da possibilidade de retornar os subsídios para a manutenção dos espaços culturais e dos editais de fomento a cultura. Precisamos continuar com o nosso show”

Aldo Moraes (MTB 0010993/PR)

ESPAÇO DE LEITURA

lêmocian

A empresa Mocian cedeu um local no refeitório para montar o Espaço Lê Mocian em parceria com o Instituto Cultural Arte Brasil, Conexão Brindes e a Revista D-Arte. Neste espaço serão disponibilizado livros para leitura e empréstimo e em breve com o fim da pandemia será um espaço para receber autores, palestras e outras atividades artísticas. .


ESPAÇO DE LEITURA
lêmocian
O VERDADEIRO ANALFABETO É AQUELE QUE SABE LER, MAS NÃO LÊ.
MÁRIO QUINTANA



APOIO

D-ARTE
REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

Brindes
Marketing Promocional

BATUQUE NA CAIXA
I.C.A.B
Instituto Cultural Arte Brasil

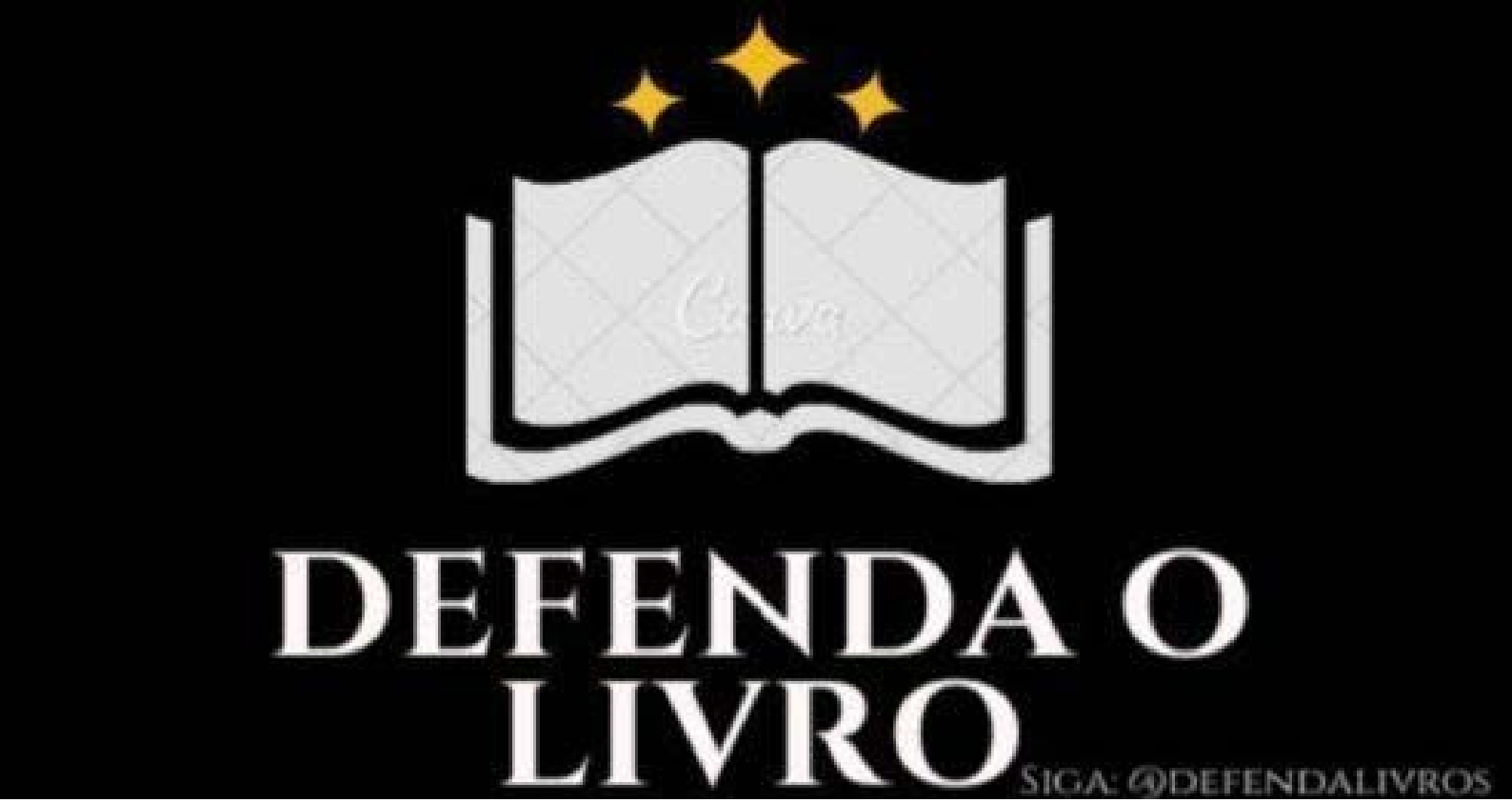
mocian
SINTA A BELEZA

D-ARTE
REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

ATIVISMO CULTURAL!!!



Divulgação/campanha



Diga Não à Tributação de Livros

ASSINE AGORA COM UM ÚNICO CLIQUE

O ministro Paulo Guedes enviou uma proposta de reforma tributária que colocou uma taxação de 12% em cima dos livros. Atualmente, os livros não possuem essa taxa, pois o objetivo disso (quando proposto por Jorge Amado) era tornar o acesso à cultura mais fácil. Infelizmente, sabemos que esse acesso já não é tão fácil assim.

Se aprovado o Projeto de Lei 3887/2020, os livros irão se tornar mais caros e inacessíveis do que já são para grande parte da população. Afetando, assim, não somente os que têm apreço à leitura, mas também editoras menores sustentadas por famílias que já LUTAM por sua sobrevivência e, consequentemente, autores de livros - em especial os nacionais não famosos.

O consumo de livros já é completamente elitizado, imagine se a proposta for aprovada e os livros ficarem mais caros do que já são? A média de leitura do brasileiro é de APENAS dois livros por ano e, mesmo assim, a reforma foi encaminhada. Qual o real intuito de aumentar um imposto de um mercado já defasado? Seria o intuito "acabar com privilégios" ou perpetuar um sistema que os permite existir ?

Ao ser questionado sobre isso, o ministro Paulo Guedes AFIRMOU que iriam doar livros para os "pobres e frágeis", mas os ricos deveriam pagar impostos sobre os livros. Mas eu te pergunto: com o histórico que o governo apresenta em ajudar os "pobres e frágeis" você acha mesmo que isso vai acontecer? Quais livros eles estão falando que vão doar? Por que ele disse isso e ao mesmo tempo nenhuma proposta do tipo foi encaminhada ao congresso? Mal se tem livros nas escolas públicas para todos os alunos!

Ao invés de estar correndo atrás de políticas para que os livros possam ser acessados pela maior parte, ou até por toda a população, o governo está fazendo exatamente o contrário.

"Um autor recebe, em média, 10% do preço de capa do livro por direitos autorais. Caso a reforma seja aprovada, o governo passará a receber 12%. Ou seja, mais que o autor do livro."

DIGA NÃO À REFORMA TRIBUTÁRIA! PRECISAMOS DE MEIOS PARA FACILITAR O ACESSO À CULTURA E NÃO O CONTRÁRIO!

#DEFENDAOLIVRO

change.org



ANTONIO MENESES,
ARTISTA DE TODOS OS TONS

por Nelson Bravo

VIOLONCELISTA ANTONIO MENESES, ARTISTA DE TODOS OS TONS

Há anos ele estrategicamente fixou residência na Basiléia, Suiça, fala alemão e integra o seleto e ambicionado nicho dos maiores virtuoses da música clássica internacional. Nasceu em Pernambuco em 1957 e veio para o Rio com a família, com apenas um ano de idade. Aos nove, começou a flertar com o violoncelo, considerado o mais lírico dos instrumentos, tendo como cupido seu pai. Orientado por ele, cuja sagacidade lhe permitia ver o Brasil como um país carente de instrumentistas de corda, Antonio Meneses seguiu na direção apontada. E como o velho era bom de palpite, também direcionou seus outros quatro filhos rumo a essa meta. Hoje, além de Antonio Meneses, outros três de seus irmãos são violinistas e um quarto, violoncelista, como ele. Seu pai enxergava longe, e como primeiro passo, mudou-se para o Rio de Janeiro, contratado como 1ª. Trompa da Orquestra do Teatro Municipal, o que já era meio caminho andado. Por outro lado, seria ingenuidade acreditar que para serem instrumentistas, seus filhos não tiveram que ralar. Pois sim! Isso custou-lhes muito esforço, disciplina e perseverança. Pensar que tudo veio do pai, como um maná caído céu, seria equiparar-se ao personagem camponês de Pirandello que, na sua limitação

intelectual, atribuía a Copérnico a culpa por revelar que a terra girava, dando assim, boa desculpa para os bêbados.

A primeira professora de Antonio Meneses foi Nidia Soledade Otero, hoje nome de praça, na Taquara, Rio. Com ela estudou seis anos e aos quatorze entrava para a Orquestra Sinfônica Brasileira, dirigida pelo maestro Isaac Karabtchevsky, reflexo de sua precocidade musical. O talento e sua paixão pelo violoncelo o levariam, ainda adolescente, ao aperfeiçoamento, na Europa. Para isso, foi decisiva a intervenção do maestro e violoncelista italiano Antonio Janigro, ex-aluno de Pablo Casals, que tocou no Rio com a Orquestra Sinfônica Brasileira, quando o conheceu e nele vislumbrando grande futuro, convidou-o para ser seu discípulo, na Alemanha. Mesmo já tendo vencido vários concursos nacionais, dificilmente Meneses teria oportunidade de alçar vôos mais altos, se aqui permanecesse. Alinhava-se anonimamente numa das estantes da Orquestra Sinfônica Brasileira, como outros instrumentistas, numa profissão incerta e com salários pouco animadores.

De olho na Europa, tentou uma bolsa de estudo pelo Itamaraty, mas nada conseguiu. Reconhecendo seu talento e esforço, o pessoal da Ordem dos Músicos do Brasil sensibilizou-se e presenteou-o com uma passagem aérea **de ida para a Alemanha. Assim, despediu-se do Brasil e ficou se equilibrando na Europa, com as economias do seu trabalho avulso, como músico, além da pequena ajuda enviada pelo pai. Aos 16 anos, encontrava-se sozinho num país desconhecido, cujo idioma não falava. Virava-se como podia, fazendo extras, tocando em casamentos, aniversários, funerais, festas, o que pintasse. Como a escola era gratuita, o que ganhava era suficiente para pagar a alimentação e o quarto. Passou oito anos nela, a partir de 1973, onde, além das aulas do instrumento, pelo prof. Antonio Janigro, em Düsseldorf e, depois, em Stuttgart, aprendeu história da música, harmonia, piano e análise musical. Ao violoncelo, dedicava de quatro a sete horas diárias. Quando o maestro austríaco Herbert von Karajan, o mais respeitado do mundo e regente da Orquestra Filarmônica de Berlin foi vê-lo tocar, exclamou, feliz: "Enfim, um bom violoncelista!". Parece pouco, mas isso, vindo dele, pode ser considerado uma consagração. Em 1977, Meneses fez sua estreia internacional, como solista, tocando Fantasia para Violoncelo e Orquestra, de Heitor Villa-Lobos, em Washington. No mesmo ano, vence o importante Concurso Internacional de Violoncelo, em** Düsseldorf.

Lembramos de que numa de suas vindas ao Brasil, em 1984, Meneses explicou que o violoncelista pode ser músico de orquestra, de conjunto de câmara, professor ou solista, que é um caso especial, como escreveu o crítico musical Ilmar Carvalho (1927-2018) nO Pasquim. No topo do ranking dos melhores instrumentistas da atualidade, ao lado de virtuoses como seu colega violoncelista Yo-Yo Ma, o pianista Nelson Freire e o violinista Itzhak Perlman e uns poucos, Meneses é requisitado **para tocar nas mais reputadas orquestras do globo. Desde jovem venceu muitos concursos internacionais. O que lhe abriria todas as portas, aos 25 anos, em 1982, foi**



o Concurso Internacional Tchaikovsky, de Moscou, o mais importante da música clássica. Nele, superou 69 concorrentes, onde os russos, que sempre venciam, eram favoritos. Esse evento é para artistas com idade entre 16 e 30 anos, ali realizado, a cada quatro anos, nas categorias de piano, violino, violoncelo e solo de vocal (este para homens e mulheres, separados), avaliados por um júri internacional**, com premiação em dinheiro e imenso prestígio aos finalistas. A seguir, em 1983, Meneses abriu a temporada da Filarmônica de Berlim, convidado pelo seu regente-titular, o mítico von Karajan. Na ocasião, interpretou o Concerto Duplo de Brahms, ao lado da jovem violoncelista Anne Sophie Mutter, descoberta e lançada pelo maestro em 1978, com apenas 13 anos de idade. Essa histórica apresentação foi gravada em disco estéreo digital e aqui distribuída pela Polygram, pelo selo Deutsche Grammophon. Nela, a performance de Meneses é notável, cabendo também realçar a segurança e perfeição na execução de seus solos de violino, por Anne-Sophie Mutter, então com 19 anos. Lembramos que ainda em meados dos anos 1980, Antonio Meneses passou a ocupar posição de grande relevo nos palcos internacionais, tendo em vista, além do seu indiscutível talento, a despedida de cena de grandes violoncelistas como Paul Tortelier (seu filho Yan Pascal Tortelier, hoje mundialmente célebre, é o atual diretor artístico da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo), Pierre Fournier, Leonard Rose e Mstisláv Rostropóvitch, todos já falecidos.**

Antonio Meneses, que no início da carreira, como todo principiante, tocava com instrumentos modestos, por falta de recursos, hoje possui um violoncelo Matteo Goffriller, construído em Veneza em 1710, avaliado em um milhão e meio de dólares, correspondente a um violino Stradivarius. Em ocasiões especiais, toca um violoncelo feito por Filippo Fasser e também um outro, barroco, de 4 ou 5 cordas, construído por Fabrice Girardin, ambos luthiers nossos contemporâneos.

Em 2011, os jornalistas João Luiz Sampaio e Luciana Medeiros entrevistaram o artista no período em que ele teve um hiato na sua agenda, no Brasil, causado por um tumor benigno no pulso direito. Produziram com ele o livro Antonio Meneses – Arquitetura da Emoção, acompanhado de um CD com obras solo e a participação do pianista Luiz Fernando Benedini.

O repertório de um astro internacional pode ir além dos clássicos tradicionais (Bach, Beethoven, Mozart...). No caso de Meneses, interessante notar que ele também se preocupa em tocar e divulgar compositores de mérito e de sua estima, como os nossos valorosos Villa-Lobos e Ernesto Nazareth, dentre outros. Na Alemanha, destacamos que ele também realizou grandes performances com o aclamado pianista brasileiro Marco Antonio Almeida, Diretor Artístico do Festival de Música de Londrina (PR) e Professor Catedrático da Hochschule für Musik und Theater Hamburg e da Martin-Luther-Universität Halle-Wittenberg.

Também é oportuno evidenciar o interesse dos grandes empresários do setor, que sempre visam casas lotadas para terem maiores lucros. Seu interesse é o de que o instrumentista construa um repertório básico **impecável. Numa Orquestra como a Filarmônica de Berlin, a melhor do mundo, onde Meneses toca regularmente, a perfeição também se estende aos estúdios de gravação, dado o imenso interesse e consumo de m**úsica clássica em países de tradição musical**, onde o público é muito exigente, fruto da educação recebida, desde cedo, nas escolas. Para a Deutsch Grammofon, Antonio Meneses realizou algumas gravações com Herbert von Karajan e a Orquestra Filarmônica de Berlim, privilégio para poucos instrumentistas. Titular de algumas orquestras de câmara, Meneses também integrou o Beaux-Arts Trio, de 1998 a 2008, uma das mais prestigiadas formações do gênero, no mundo.**

Além do repertório tradicional, Meneses destacou que os instrumentistas também se preocupam com o aprendizado de compositores modernos, para peças ainda desconhecidas, o que constitui enorme desafio. Em 2006, encomendou a seis compositores brasileiros – Marlos Nobre, Ronaldo Miranda, Edino Krieger, José Antonio Rezende de Almeida Prado, Marisa Rezende e Marco Padilha – obra para antecederem as suítes de Bach. Em 2012, Meneses estreou, com a Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, concerto dedicado a ele pelo compositor Marco Padilha. Em função do seu prestígio internacional como extraordinário violoncelista, ele é um convidado regular dos mais importantes Festivais de Música e leciona, desde 2008, no Conservatório de Berna, na Suiça. É tempo de nos orgulharmos de um instrumen**tista extraordinário como ANTONIO MENESES, ainda pouco conhecido, no Brasil, pela nossa indigência cultural, onde a vulgaridade das mídias prefere exaltar mediocridades de consumo televisivo imediato, a divulgar nossos melhores valores.**

Nelson Bravo – Juiz de Fora (MG)



ellsy
PROFESSIONAL

www.ellsy.com.br

BLOCKS

DESIGN + IMPRESSÃO 3D

A Blocks é uma marca do RS, que produz objetos de design através da impressão 3D, utilizando um biopolímero compostável. Surgiu da vontade de unir design, inovação tecnológica e sustentabilidade em uma nova perspectiva de produção e consumo. Enviam as peças para todo o Brasil. Conheça mais pelo instagram da marca @ lojablocks e pelo site www.lojablocks.com.br





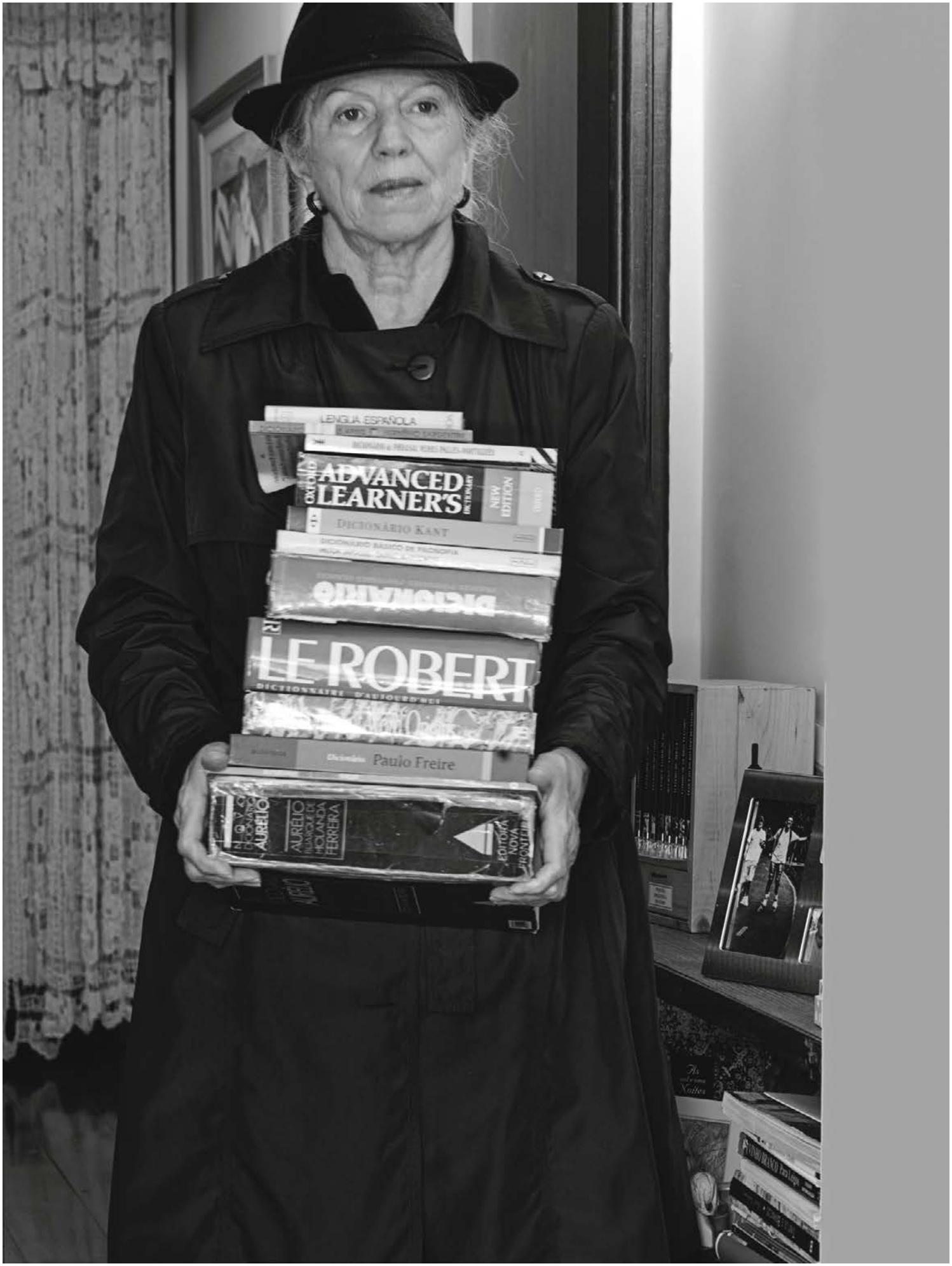
Lucinea Rezende dedicou-se ao Magistério. Aposentou-se na UEL – Universidade Estadual de Londrina. Nos últimos anos vem se dedicando à fotografia, participando de eventos junto ao Foto Clube de Londrina, ao qual é filiada. Chegou ao universo fotográfico graças ao trabalho que desenvolvia na UEL, voltado a múltiplas leituras.

Como fotógrafa, participou de inúmeras exposições fotográficas em conjunto com os associados do Foto Clube de Londrina, no Brasil e no exterior. Tem fotografia publicada no livro Cliques e Escritos, publicado por essa organização social. Realizou exposições individuais em Ibiporã, Bela Vista do Paraíso e, por várias vezes, em diferentes lugares, em Londrina. Já apresentou o trabalho fotográfico que é desenvolvido no Brasil na Bulgária, em Sofia, e em outubro de 2020, irá apresentar uma de suas exposições na Universidade de São Paulo – USP. Participa de Salões e Bienais Nacionais e Internacionais de arte fotográfica e conta com fotografia selecionada para uso em livro didático. Já escreveu, juntamente com algumas colegas, artigo na área de fotografia, publicado em livro.

É uma londrinense de coração, mineira de nascimento, apaixonada pelo mundo da fotografia.

A fotógrafa apresenta, nesta edição da Revista D-ARTE, um ensaio fotográfico, já premiado no Foto Clube de Londrina, intitulado “Dias coronados”. Neste ensaio, autorretrato, a autora apresenta-se vestida com capa e chapéu, significando proteção, e apresenta cenas que compõem o cotidiano dos dias que estão sendo vividos em quarentena, em razão da Covid-19, que já dura sete meses. É a vida e a arte, imbricadas, se apresentando...

O olhar da fotógrafa está voltado ao cotidiano, com atenção às questões sociais. Isso não a impede de estar atenta àquilo que chama a atenção do ponto de vista estético, humano.


LENGUA ESPAÑOLA
OXFORD
ADVANCED LEARNER'S
DICTIONARY
NEW EDITION
DICIONARIO KANT
LE ROBERT
DICTIONNAIRE D'AUJOURD'HUI
Dicionário Paulo Freire
NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA
AURÉLIO
BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA
EDITORA NOVA FRONTEIRA









ALMALONDRINA
rádio web

#ouça
RÁDIO
ONLINE

https://almalondrina.com.br/

Cultura930
PORTAL DE CULTURA

https://www.radios.com.br/aovivo/radio-cultura-930-am/12410

Dani Chineider

A exposição deste novo projeto estava prevista para esse ano no museu de arte de Londrina, trata-se do resultado de duas monografias lato sensu, 2013 e 2016 com o estudo e pesquisa fixado no processo de criação e o meio virtual.
O estilo Abstrato /Figurativo estruturado no trabalho entende-se como resultado deste longo processo de criação.



Página no Facebook Dani Chineider
https://www.facebook.com/danichineider/

WhatsApp: 43-99937-4910
ou 99622-5527



S/título, acrílica sobre tela, 60x40 cm, 2020



S/título, acrílica sobre tela, 50x50 cm, 2020

12 Volts

CUSTOM TATTOO

(43) 3334-2648

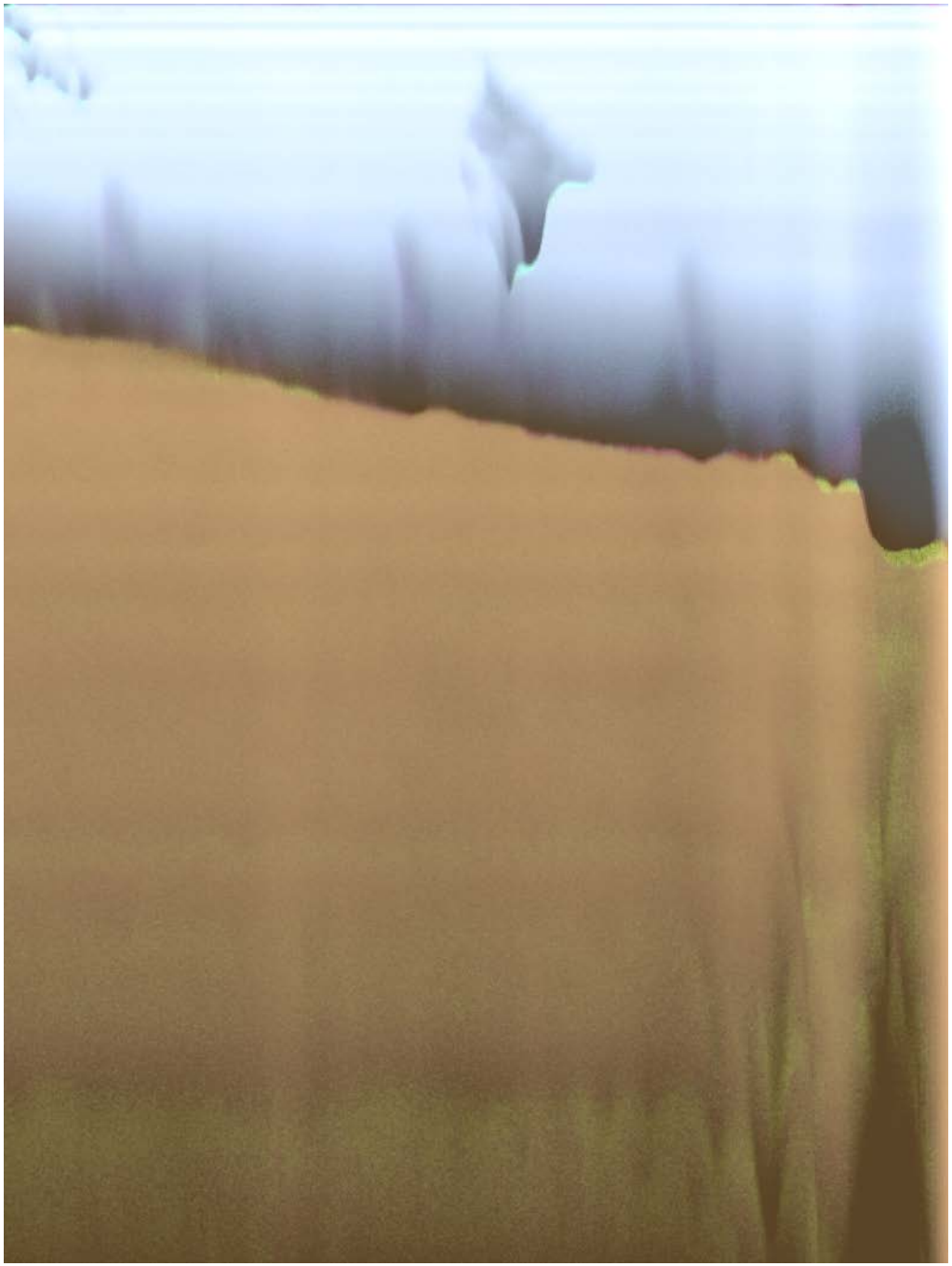
Rua João Cândido 344, sala 307 - Londrina



A fotografia impressionista na estética do erro

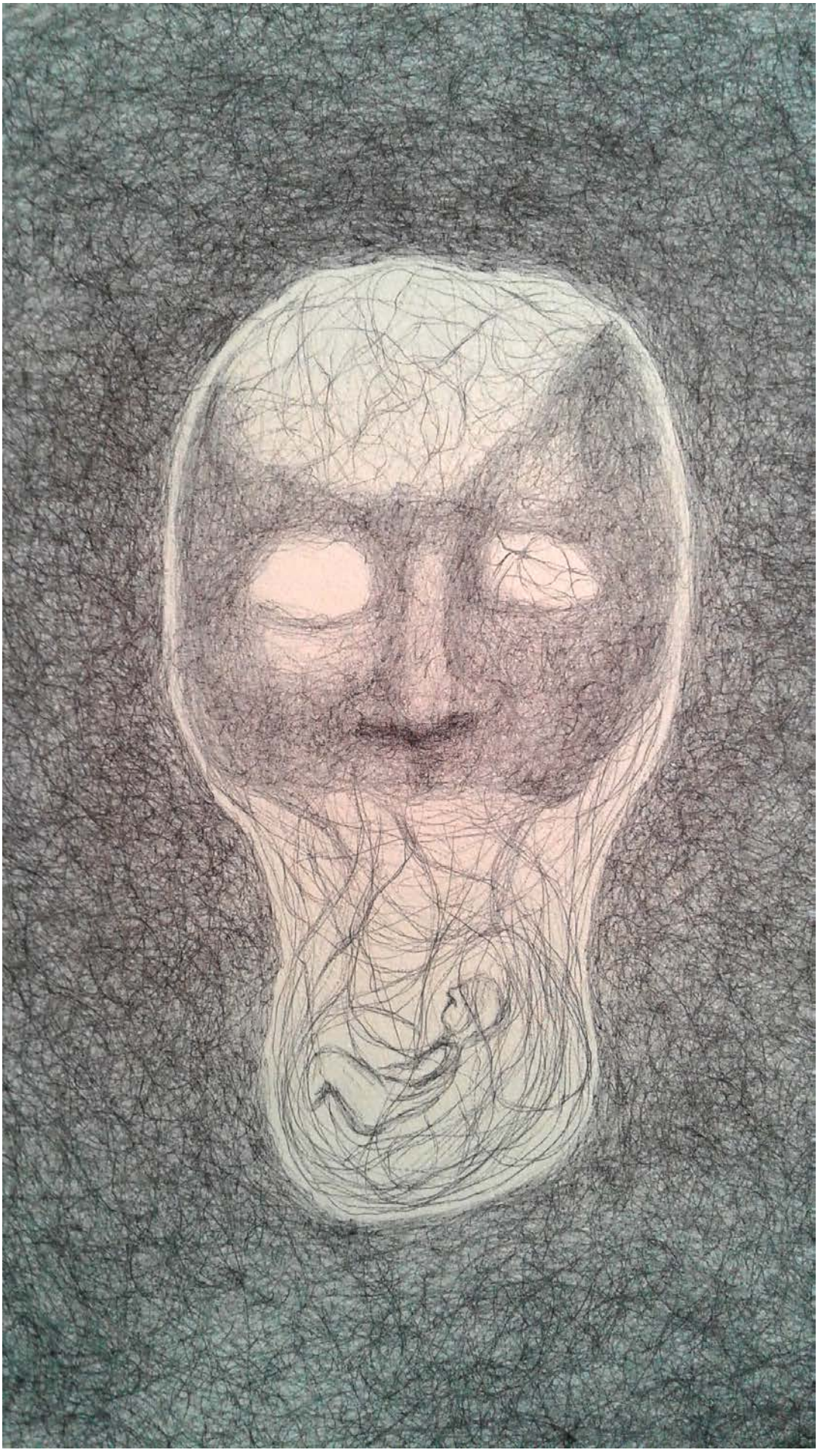
Eduardo Guarda



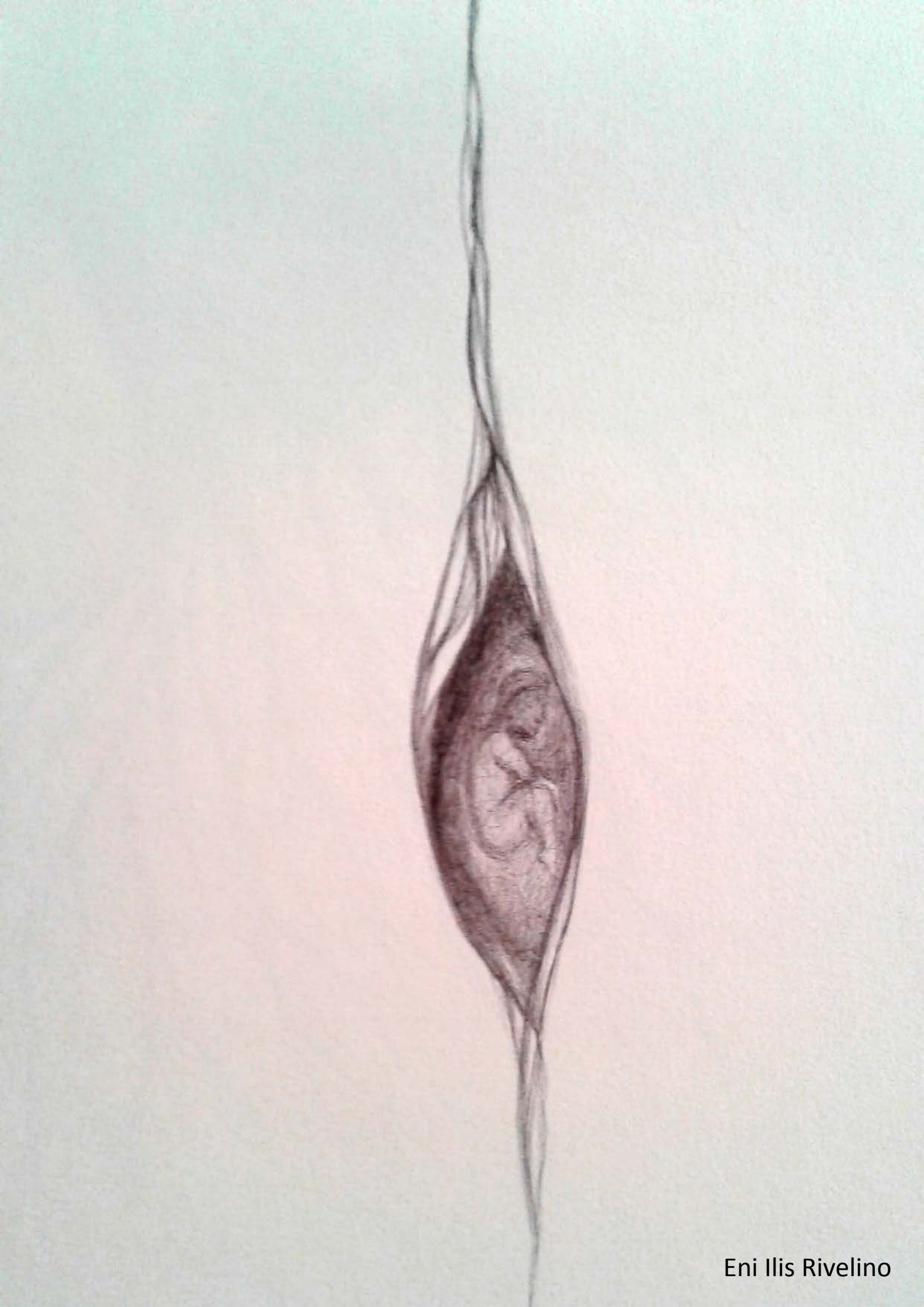




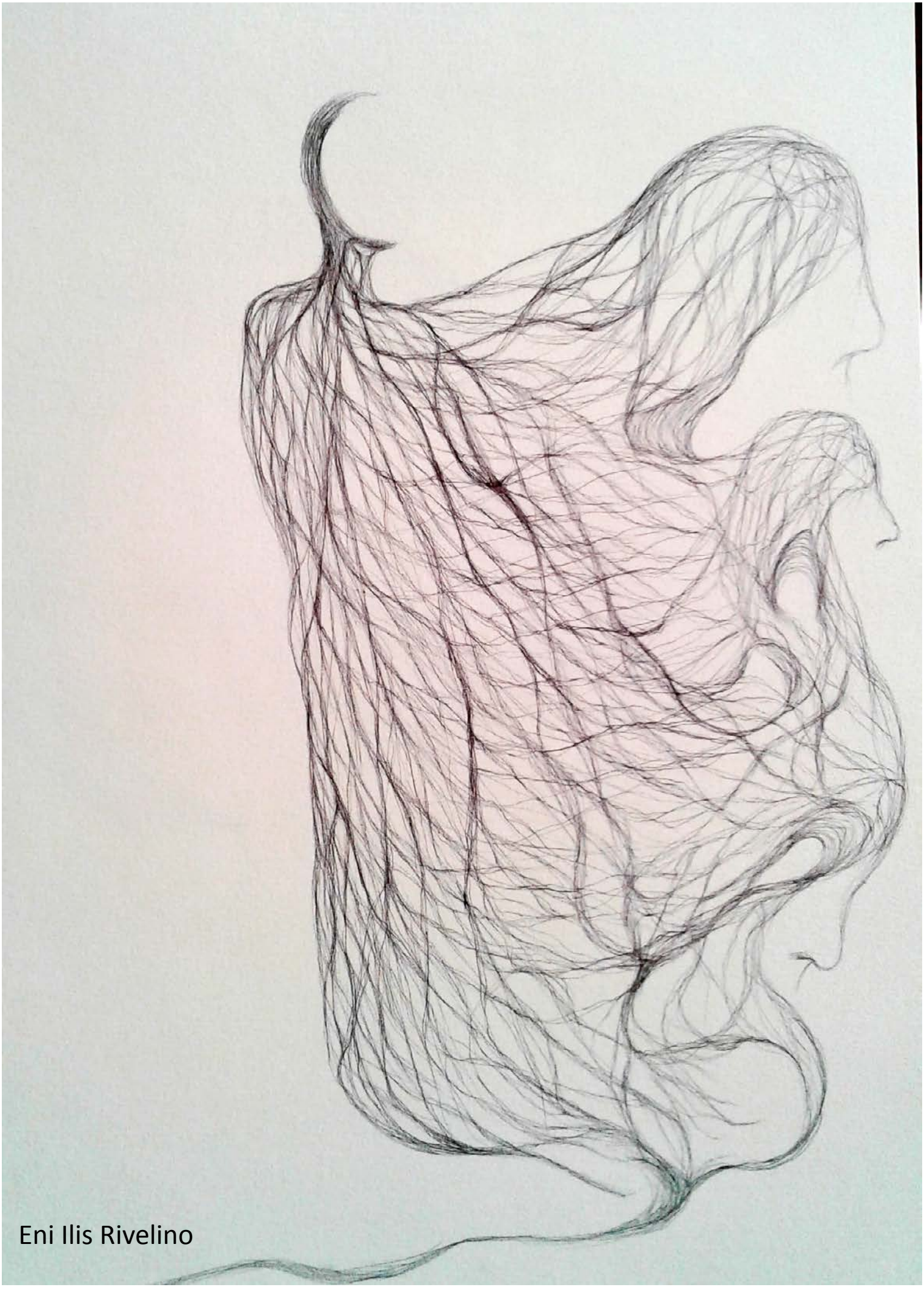
https://www.editaiseafins.com.br/2020/09/12a-salao-dos-artistas-sem-galeria/



Eni Ilis Rivelino



Eni Ilis Rivelino



Eni Ilis Rivelino

Platini ou Zico?





A paixão pelo futebol começa cedo na vida de um garoto. Tudo parece conspirar para que o ame.

É inevitável. E em época de Copas afloravam duas paixões, a do bom e velho futebol rachado nos campinhos das ruas, e a paixão pelo nacional, um certo patriotismo sazonal verde-amarelo.

Colecionei figurinhas de três Copas. O Laranjito de 1982, as seleções e as mascotes de 1986, e por fim a chatíssima coleção de mascotes e bandeiras de 1990. Era tudo no chiclete, sem essa de álbuns e editoras. Guardávamos nossas economias para essas caras coleções. Parte comprada nas imediações da escola, parte conquistada no "Bafo", ou nas buscas vespertinas.

Em bandos definidos por ruas, caminhávamos próximos a supermercados, bares e rodoviária. Tudo em busca de uma embalagem que algum descuidado tenha jogado sem se aperceber da preciosidade que vinha junto aquelas gomas de tutti-fruti ou hortelã.

Éramos cinco. Entre todos do grupo, tinha uma grande amizade por Ney. Tínhamos os mesmo hábitos, colecionávamos figurinhas da Copa de 86, do Ploc Gigante, Ploc Monsters e mais um tanto de coleções que não me lembro agora. Jogávamos bola de gude e futebol próximo à escola todo o fim de tarde. Era a primeira vez que colecionava figurinhas e tinha um grupo com que compartilhar.

Esse novo amigo, era uma figura intrigante. Caçula da casa, era mimado por sua mãe e irmã. Craque de futebol e de bola de gude, mas, um tremendo chorão, no sentido mais literal possível. Era franzino, de cabelo castanho encardido, volte meia saía a rua com os olhos remelentos. Costumava caminhar pelo bairro com seu borna atravessado pelo corpo e um estilingue a tira colo.

Nessa época, ofender a mãe era regra.



Queria se mostrar respeitável. Não dava outra. Bastava cobrir de elogios a mãe do desafeto do grupo e esperar a reação.

É obvio que destas ofensas resultaram muitas brigas.

Todos nós conhecíamos as mães de todos, umas até interessantes para as nossas fantasias de meninos. Mas a mãe do Ney era a única que nunca havíamos visto, até achávamos que ele e seus irmãos haviam sido abandonados por seus pais, que mentiam para não serem entregues aos Assistentes Sociais.

Mas na verdade, eles tinham pais, o pai estava enterrado em sua cidade natal. Assim como eu, eram novos no bairro. Enquanto a mãe, a vi pela primeira vez em uma novena de fim de ano. Era uma senhora fechada, de pouca conversa, orava com todos e ao término da novena retirava-se para sua casa e de lá saía somente às cinco da manhã para trabalhar.

Dela, o Ney apenas falava que era cozinheira. E só.

Sabia que não era abandonado. Mas vivia o dia todo do jeito que queria. Estudava quando queria. E brincava. Brincava o dia todo. Ao ponto de dar inveja.

Mas foi na Quaresma de 1986, em mais um daqueles grupos de oração monótonos nos quais éramos arrastados por nossas mães, que tudo mudou.

Sentado próximo a porta, ficava a imaginar a vida de nossos pais, a beatice de minha mãe e de quase todas as mulheres casadas do bairro, que em meio a uma oração e outra, tomava-se a vida das desquitadas e solteiras desfrutáveis. Creio que rezavam tanto para se redimirem de si mesmas, e mal sabiam disso. Ao longe, no Bar do Manoel, próximo à linha férrea, escutava a animada roda de sinuca. Local em que homens casados e solteiros pareciam fugir de sua rotina e companheiras.

Porque não acompanhar meu pai? Que mal fiz para estar aqui. Nem da vida dos outros falo.

Mas não.

Estava eu de novo, preso aos grupos de oração.

Pecado daqui.

Pecado dali.

Louvado seja o Senhor.

Em meio a tudo isso, passou por mim a mãe do Ney, atrasada. Mas mesmo assim, altiva e elegante em sua saia de brim cinza que lhe cobria as pernas até



os joelhos. Era uma noite atípica para a época do ano. Fazia calor, vestia uma blusa de alças que nos permita ver a contraluz o desenho de seu *sountien*.

Sempre com o cabelo preso e o rosto limpo de maquiagem, a mulher era vista como uma criatura desprovida de sexo. Honrada, casta após a sua viuvez. Mas não na boca de algumas vizinhas.

Em parte elas tinham razão.

Sua boa fama durou até quando chegou à boca das senhoras do bairro, isso em meados de 1988, que ela estava de caso com um homem casado, um motorista. Vindo à tona quando este deixou a mulher e três filhos para mudar-se definitivamente para sua casa. Foi um escândalo.

Mas isso é uma outra história.

Nesta noite, esta senhora seria responsável por nos apresentar a mais fina flor. Pois para esse encontro, trouxe sua filha Eliete, que com o falecimento do pai, ficou morando com os padrinhos em sua cidade natal, até que as coisas se normalizassem.

Sabíamos todos que Ney tinha uma irmã. Mas nunca tínhamos visto. Ora ou outra a escutávamos cantarolando, mas faltava coragem ou pretexto para chama-lo. É fato que nunca precisávamos, pois esse sempre estava na rua.

Em meio aquele amontoado de pessoas que lotavam com suas ladainhas e Pai Nossos a minúscula sala da casa, lá estava ela encostada em um canto, silenciosa e olhar baixo, com seu belo corpo que precariamente iluminado parecia se espremer entre os corpos presentes.

Ao término do encontro de oração, não tive pressa em me retirar, nem sequer questionei o hábito de minha mãe se estender em suas conversas. Pelo contrário, torcia para que fosse ter com a mãe do Ney, que perguntasse da garota, que me obrigasse (como era de costume) a acompanhá-la. Mas não aconteceu. E conforme a sua rotina, se retirou discretamente da novena, levando consigo a filha pelas sombras dos quintais.

No dia seguinte, não deu outra, procurei um pretexto digno que atraísse o Ney. Que me permitisse ficar em sua casa contemplando a beleza de sua irmã.

Batata. Já sabia como atrai-lo.

Ainda pela manhã, procurei em minha coleção de figurinhas, os números que ele mais aspirava. Sai como um raio de meu quarto, perdido em pensamentos e desejos, mal percebi minha mãe na cozinha distribuindo nossos afazeres. Acredite, entre Eliete e eu havia uma pilha de louças do jantar, os tênis de meus irmãos, o quintal e o escovão.

Quando terminei, já passavam das três da tarde, não me contive, ao menor sinal de alforria sai rua afora.

Morava a uma quadra de sua casa, para encurtar caminhos cortei quintais, que naquela época, eram abertos, um ou outro com cerca de balaústra. A pressa aumenta a distância e com ela o desespero.

Cheguei à casa do Ney pelos fundos, o varal de roupas estava carregado, não conseguia ver nada dentro da casa de meu amigo, mas à medida que aproximava, escutava uma voz doce a cantarolar uma balada romântica em um inglês enrolado.

sey u sey mi / sey ou to love.

Era ela.

Eliete.

A surpreendi, gerando na pobre um susto que interrompeu bruscamente a cantoria.

Mais que depressa, com um tom de voz de quem acabara de ter sua privacidade invadida, perguntou-me secamente:

- O que é isso? Que liberdades são estas? Como você chega assim em minha casa?

Vislumbrei cada palavra.

A voz era doce. Seca. Mas doce.

Em meio a contemplação, dei por mim, e para evitar maiores confusões, de pronto respondi.

- Eu sou amigo do Ney... Ele está?

E a garota agora mais irritada do que assustada sem levantar-se de onde estava, voltou-se para dentro e chamou-o. esse não demorou muito a responder. De dentro de casa, com uma voz prensada gritou:

- Quem “taí”?

Elite já incomodada:

- É um amigo seu.

E o Ney em outro grito sôfrego respondeu:

- Fala para esperar que eu já vou. Ai!

Ciente que eu havia escutado a resposta do irmão, em silêncio, ela voltou ao que estava fazendo, ignorando-



me.

Sentada sobre uma cadeira que arrastara para a pequena varanda de sua cozinha, com uma toalha no colo, cuidadosamente removia suas cutículas dos dedos dos pés, apoiava-os sobre uma banqueta de madeira. Confesso que eram pés lindos e finos, de pele macia. O pé esquerdo como que por capricho de Deus, tinha uma pequena pinta preta próxima ao dedo mindinho. Aquilo me excitava a possibilidade de tocá-lo, até mesmo lambe-lo. E por que não?

Seus dedos, das mãos e dos pés eram finos e delicados. Dedos de uma dama, diferente dos tipos vulgares que batiam na porta de casa. Vestia uma minissaia, o tempo me trai a memória, não lembro se florida ou jeans. Só me recordo que era uma minissaia, que permitia que contemplasse suas belas pernas grossas espremidas pela peça justa e curta, encobertas parcialmente pela toalha em seu colo. Usava uma camiseta branca, com um cachorrinho cor de rosa estampado. Estava sem *sountien*, seus seios soltos na camiseta brincavam livremente a cada movimento.

Percebendo-me ainda ali, e com certa indiferença, Eliete perguntou-me o nome, mais por educação do que por curiosidade.

Respondi-lhe. Não sem antes a saliva grossa enroscava em minha garganta.

Secamente continuou seu pequeno interrogatório.

- E o que você quer com o Ney?

Eu me perdia entre suas coxas e o seu olhar frio, era um duro exercício de concentração.

- É que nós colecionamos figurinhas da Copa, e eu vim ver se ele tem alguma figurinha para trocar.

Propositalmente elevei meu tom de voz ao dizer: ... É que eu estou com as figurinhas repetidas do Platini e do Zico.

De súbito escutei a voz do Ney que vinha do banheiro.

- Espera ai. Já estou saindo.

Pouco tempo depois, lá estava ele a porta, todo

suado e pálido, com a sua carteira de figurinhas a mão, pronto para negociar o valor da troca.

Sentamos em outras duas banquetas, próximas ao tanque de lavar roupas, ambos de frente para Eliete que neste momento já nos ignorava e continuava a cuidar de seus pés, agora não mais removia as cutículas, mas pintava as unhas. Confesso que me esforcei durante toda a conversa para ver o fundo de sua calcinha. A cada movimento de pernas, uma nova tensão aflorava em minha curiosidade de garoto. Evitava levantar a cabeça, e para ganhar tempo e distrair o meu amigo, mostrava-lhe toda a minha coleção de figurinhas, o que o deixava encantado. Era uma forma de pagar-lhe por aquele momento.

Ficamos ali, sentados, discutindo futebol, as possibilidades de o Brasil levar a Copa, o valor de troca da figurinha de um Platini, que naquele ano se tornaria o carrasco dos brasileiros. Não havia assunto que nos entretia mais do que discutir futebol.

Em meio ao nosso debate, Eliete levantou-se e disse ao Ney:

- Vê se não vai pra rua viu? Mamãe e Dedé estão para chegar. Eu vou tomar o meu banho, e assim que eu sair você entra para tomar o seu.

Aquilo era música.

Um "mamãe" tão docemente pronunciado despertava em mim a vontade de pular sobre ela e roubar-lhe um beijo. Veio-me a mente dar toda a minha coleção da Copa de 86 para o Ney, em troca pedir para que ele permitisse que eu tomasse banho em seu lugar. Queria respirar o perfume do banho de sua irmã, e se fosse sortudo o suficiente, encontraria em algum canto do banheiro a calcinha que acabara de usar.

Suei frio com tal pensamento.

Enquanto perdia-me em meus devaneios, e o Ney em minha coleção de figurinhas (a maior do bairro), Eliete colocou um ponto final em minha visita, mandando-o entrar.

Contrariado Ney entregou-me as figurinhas, acabamos nem realizando a troca. Prometi voltar outro dia para que a fizéssemos, e retornei para casa.

Foi um avanço. Naquela noite tive sonhos maravilhosos com os pés e as coxas de Eliete. E com a esperança renovada em poder voltar em sua casa para concluir a troca.

Mal sabia Platini o bem que me fez naquele dia. Por fim, como um gesto de gratidão e superstição guardei a figurinha e não a oferecia a ninguém.



(A)normalidade

(A)normalidade traz uma série de retratos do novo normal imposto pela Covid 19 que já matou mais de 150 mil pessoas no Brasil e modificou profundamente o nosso cotidiano.

Se há um ano dar banho em compras de supermercado era anormal para nossa cultura, hoje é normal, assim como tirar os sapatos antes de entrar em casa, usar máscara, lavar o dinheiro e sacolinhas de supermercado.

O proposito deste ensaio é destacar detalhes do cotidiano que indicam o surgimento desse novo normal característico do momento de pandemia, isolamento e incerteza em que estamos inseridos.

Sobre a autora

Fotógrafa e educomunicadora, Silvia Cristina dos Reis é mestra em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade. Possui bacharelado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo e licenciatura em Letras. Desde 2017 se dedica a pesquisar e fazer experimentações unindo, arte, fotografia e comunicação. Atualmente, faz parte do Estria fotocoletivo (https://www.instagram.com/stories/estria.fotocoletivo/) e ministra oficinas de fotografia.

Silvia Cristina dos Reis
Graduada em Letras e Comunicação Social pela Universidade Federal de São João del Rei - UFSJ.
Mestra em Artes, Urbanismo e Sustentabilidade pelo Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanismo e Sustentabilidade - PIPAUS.
Membro do Grupo de Estudos & Pesquisas em Educomunicação , certificado pelo CNPq, da UFSJ.













Cinemas reabertos com ares de cineclube
O insólito acontece: cinema comercial projeta clássicos de Coppola, Kieslowski e Resnais e até filmes autorais inéditos, de brasileiros a coreanos. Pandemia fez distribuidoras segurarem blockbusters e abre espaço a primavera da 7ª arte



Kubrick, Resnais, Coppola, Scorsese, Wenders, Spielberg, Kieslowski

Por José Geraldo Couto, no Blog do Cinema do Instituto Moreira Salles

Kubrick, Resnais, Coppola, Scorsese, Wenders, Spielberg, Kieslowski. Há quanto tempo o circuito comercial não exibia, ao mesmo tempo, obras marcantes de todos esses cineastas?

Pois é exatamente isso o que acontece hoje na cidade de São Paulo, e talvez em menor grau em outras capitais pelo Brasil afora. Sem falar de cults contemporâneos como Matrix, 2046, O filho da noiva e Corra!, bem como de filmes autorais inéditos como o coreano O hotel às margens do rio, de Hong Sang-soo, e os brasileiros Sem seu sangue, de Alice Furtado, Macabro, de Marcos Prado, e Breve miragem de sol, de Eryk Rocha.

Por vias tortas, é a pandemia de covid-19 a responsável pelo fenômeno. A explicação é simples: com os cinemas abrindo timidamente, com restrições de público e o compreensível temor de boa parte dos potenciais espectadores, as grandes distribuidoras por enquanto não se mostram dispostas a lançar seus blockbusters – aqueles rolos compressores que costumam deixar pouco espaço para as produções independentes ou de cinematografias não hegemônicas.

Ar de cineclube

Com isso, cinemas como os Espaços Itaú, o Petra Belas Artes e o Reserva Cultural – para ficar no caso paulistano – acabam apostando numa programação mais arejada, robusta e menos descartável. Os cinéfilos, pelo menos os mais destemidos, agradecem.

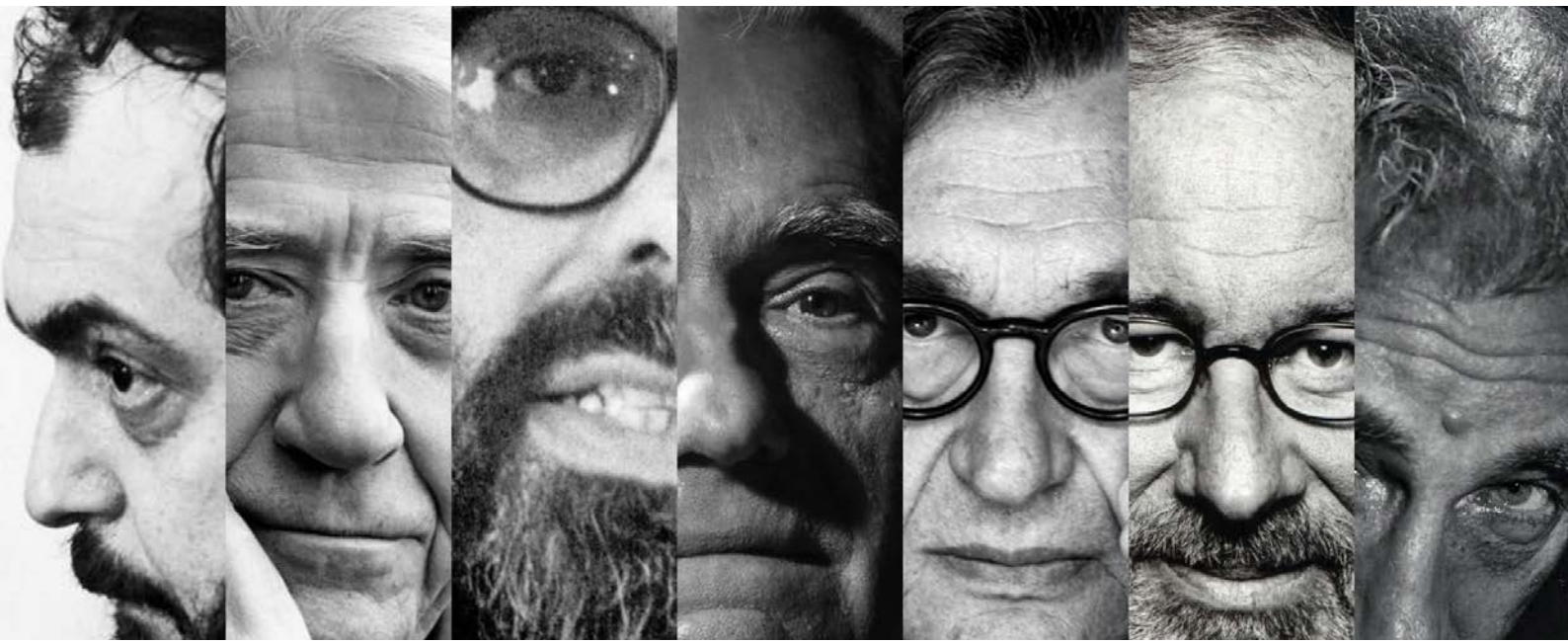
As salas exibidoras adquirem até um ar de cineclube, com mostras dedicadas a determinados cineastas. O Reserva Cultural, por exemplo, programou uma retrospectiva Krzysztof Kieslowski, com dez longas-metragens do diretor polonês, entre eles as obras-primas Não amarás, Não matarás e A fraternidade é vermelha, além do inédito Sorte cega (1987). Está relançando ainda E.T., de Steven Spielberg, e O iluminado, de Stanley Kubrick.

Já o Petra Belas Artes e o Espaço Itaú trazem vários títulos de Christopher Nolan, incluindo Batman – Cavaleiro das trevas, A origem e Dunkirk. Uma retrospectiva dedicada a Wim Wenders no Belas Artes termina hoje (15/10). E voltam à tela dois dos maiores sucessos da sala: Medos privados em lugares públicos, de Alain Resnais, que ficou em cartaz durante quase quatro anos, de julho de 2007 a março de 2011, e 2046, de Wong Kar-wai, exibido durante dois anos, de janeiro 2006 a janeiro de 2008.

O Espaço Itaú relança também o monumental A melhor juventude (2003), de Marco Tulio Giordana, em duas partes de três horas cada. E traz ainda Os bons companheiros, de Martin Scorsese (no Shopping Pompeia), e Apocalypse now – Final cut, de Francis Coppola.

Mostra internacional
Tudo isso serve de preâmbulo e complemento à 44ª Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, que começa no próximo dia 22 e este ano terá 198 filmes, exibidos basicamente online, o que pela primeira vez permitirá o acesso de espectadores de todo o país. Enfim, de falta de opções o cinéfilo não poderá reclamar. De excesso, talvez.

fonte: https://outraspalavras.net/poeticas/cinemas-reabertos-com-ares-de-cineclube/



Xanti e Lee – Conversando sobre Bullying

de Sérgio Ricardo

Xanti: Queridos amiguinhos, vamos jogar conversa fora um pouco?

Lee: Ôh, Xanti.

Aprendi que só se deve falar o que é importante, nada de falar besteiras, coisas que se pode jogar fora.

Xanti: Não é isso Lee; quero dizer conversar sem preocupação, falar o que vier a mente.

Lee: Entendi, falar por falar para ver aonde chega a conversa. Legal, vamos lá. Depois de um logo papo sobre as coisas da vida: jogos de futebol, brincadeiras dos cães, gatos e loros que se tem em casa. Resolveram fazer um jogo.

Lee: Somos vinte e dois, vou separar em grupos depois decidimos do que vamos brincar.

Você, você e você que são mais gordinhos vem pra cá.

Xanti: Lee, você não pode separar desta forma, chamando-os de gordinhos.

Lee: Mas eles são fofinhos, bonitinhos.

Xante: Vamos ver se eles ligam de ser chamados assim?

Lee: Vamos!

Ricardo: Eu não ligo só não gosto quando me batem.

Pérsio: Eu não ligo não, sou gordinho mesmo!

Mário: Eu gostaria que você pedisse desculpa, mas adultos não fazem isto.

Rob: Sei que é o jeito dele falar, mas eu mesmo não gosto que me lembrem de a toda hora que sou gordinho.

Xanti: Você viu Lee, um teve medo de você, outro disse que não ligou, mas será? Outro ficou chateado e outro chamou sua atenção.

O que achou disso, Lee?

Lee: Percebi que não é legal falar com os outros a partir de suas características.

Xanti: Isto tem um nome, sabia?

Lee: Como assim?!

Xanti: Falar de uma característica qualquer de uma pessoa com ou sem tom de malícia é uma das formas de bulling.

Lee: Ôh nominho. Bulling!

Bem, nada de características físicas. Vamos lá então.

Vamos jogar um contra; camisetas azuis versus brancas. Você, você e vocês ai, os pernas de pau vão jogar contra o timão ali. Vamos dar uma surra neles!

Xanti: Ôh, Lee!

Lee: Fala Xanti!

Xanti: Você viu o que acabou de fazer?

Lee: Como assim?!

Você formou um time dando a eles o selo de perdedores e exaltou o outro, e a inda incentivou um dar uma surra no outro, é para ser só uma brincadeira.

Isto também é uma forma de bulling, mesmo se tratando de grupo.

Lee: Eh, bulling, preciso aprender para não errar de novo.

Depois de refazer os times da forma correta tiveram um ótimo jogo, todos se divertiam e cuidaram de sua saúde já que todo esporte é importante para fortalecer o organismo, na adolescência é vital, pois o corpo humano gera muita energia e precisa gastá-la.

Lee reparou que poderia então fazer uma pequena torcida já que os jogos estavam animados.

Lia: Posso participar?

Lee olhando-o disse:

Você é muito pequenina.

Carol: Eu posso Lee?

Não, você, não e você também não.

Escolhendo as que achavam mais preparadas para a brincadeira distribuiu as varinhas e as colocaram na beira do campo.

Depois de tudo pronto:

Xanti: Lee, agora você fez tudo certinho, né!

Lee: Acho que sim, não falei da característica de ninguém, apontei quem achei mais preparada e pronto!

Xanti: Você não deixou a pequena Lia negou a participação da Vini, da Rita e da Sheila.

Lee: É que eu tive escolher as que fazem um visual mais elegante, olha, todas com altura parecida, cabelos compridos, você não acha melhor assim?

Xanti pensou o quão difícil é lidar com o Lee, a natureza dele leva-o a erros constantes, é uma marca do povo brasileiro e porque não dizer de muitos outros países, por isso tanta violência em escolas, uma hora qualquer, alguém estoura e uma briga acontece.

Xanti: Lee vou ajudá-lo a compreender melhor este problema. Resolveu que iria reunir crianças e adolescente com os mais diferentes problemas e trabalhar esta questão de forma que todos aprendam que não se deve olhar para as diferenças.

PRODUTOS ALIMENTÍCIOS

TioLuFoods









Banda Londrinense de Punk Rock lança o seu novo album “Power Treta”





Droogies lança novo álbum: Power Treta

Banda de punk rock de Londrina (PR) aborda relacionamentos e opiniões em tempos de conflitos digitais

Chegando quase à maioridade, a banda paranaense de punk rock Droogies celebra 17 anos de história com o lançamento do novo álbum: Power Treta. Lançado em CD, o disco está disponível on-line nas principais plataformas de música em streaming e pode ser adquirido pelos perfis da banda na internet.

Álbum

O nome mescla uma termo inglês com uma gíria brasileira para designar os tempos difíceis de intolerância pelos quais passamos diariamente nas linhas do tempo de nossos perfis em redes sociais. O título também faz referência à mudança de formação, que atualmente é um power trio composto por Daniel Thomas (vocal e contrabaixo), José Molina (bateria) e Teixeira Quintiliano (vocal e guitarra), e aos entreveros vividos internamente em quase duas décadas de trajetória no cenário underground.

O disco traz 10 faixas inéditas produzidas no estúdio High Voltage por Gustavo Di Lorio entre 2018 e o primeiro trimestre de 2019 e a concepção artística de Daniel Ete (Muzzarelas/Drakula), que já produziu capas de discos, cartazes e artes para nomes como Marky Ramone, Ratos de Porão e Zumbis do Espaço. Power Treta é o primeiro álbum da banda que conta com participações especiais: o rapper Thales Uzi nos vocais de "Street Art" e Greik Zamberlan nos backing vocals de "Teenage Mother". As composições versam sobre críticas sociais, depressão, conflitos existenciais e ficção bem-humorada.

Trajetória

Reordenado para uma formação mais enxuta, o power trio de Londrina já lançou três EPs independentes: D.E.M.O (2003), Street Stripper (2005) e Droogies (2009). O Droogies também participou da coletânea tributo ao Misfits (USA) na América do Sul e se apresentou ao lado de nomes como CJ Ramone (USA), Mudhoney (USA), Coffin Lids (USA), Olho Seco, Cólera, Ratos de Porão, Lobotomia, Ação Direta, Nitrominds, Questions, Street Bulldogs, além de outras referências importantes do hardcore e punk rock nacional.

Para conhecer e baixar a discografia completa do Droogies, acesse droogies.bandcamp.com

---

Facebook / Instagram / YouTube / Spotify / Google Play / Amazon Music / Bandcamp

WhatsApp: +55 43 98418-3260 / E-mail: bandadroogies@gmail.com







FESTIVAL CAUSO & VIOLA DIGITAL

DIAS 12 A 14 | NOV.2020

PREMIOS PARA OS 5 PRIMEIROS COLOCADOS

20 GRUPOS

ACESSE O SITE:
WWW.CAUSOEVIOLA.COM.BR



IRMÃS BARBOSA

ZÉ MULATO & CASSIANO

PAULO FREIRE

+ OFICINAS ONLINE

CONTAÇÃO HISTÓRIAS

APOIO

COPEL

INCENTIVO

PARANÁ INCENTIVO À CULTURA
PROFICE

PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO

Projeto aprovado no Programa Estadual de Fomento e Incentivo à Cultura | PROFICE da Secretaria de Estado da Comunicação Social e da Cultura | Governo do Estado do Paraná.



mocian
SINTA A BELEZA
WWW.MOCIAN.COM.BR
43 3378 8787 9 9624 1819
Av. Rio Branco, 820 - Jardim Agari. Londrina - PR

mocian
SINTA A BELEZA
WWW.MOCIAN.COM.BR
43 3378 8787 9 9624 1819
Av. Rio Branco, 820 - Jardim Agari. Londrina - PR


GENTE...CUECA NÃO TEM BOLSO.
2020
@mmocanus

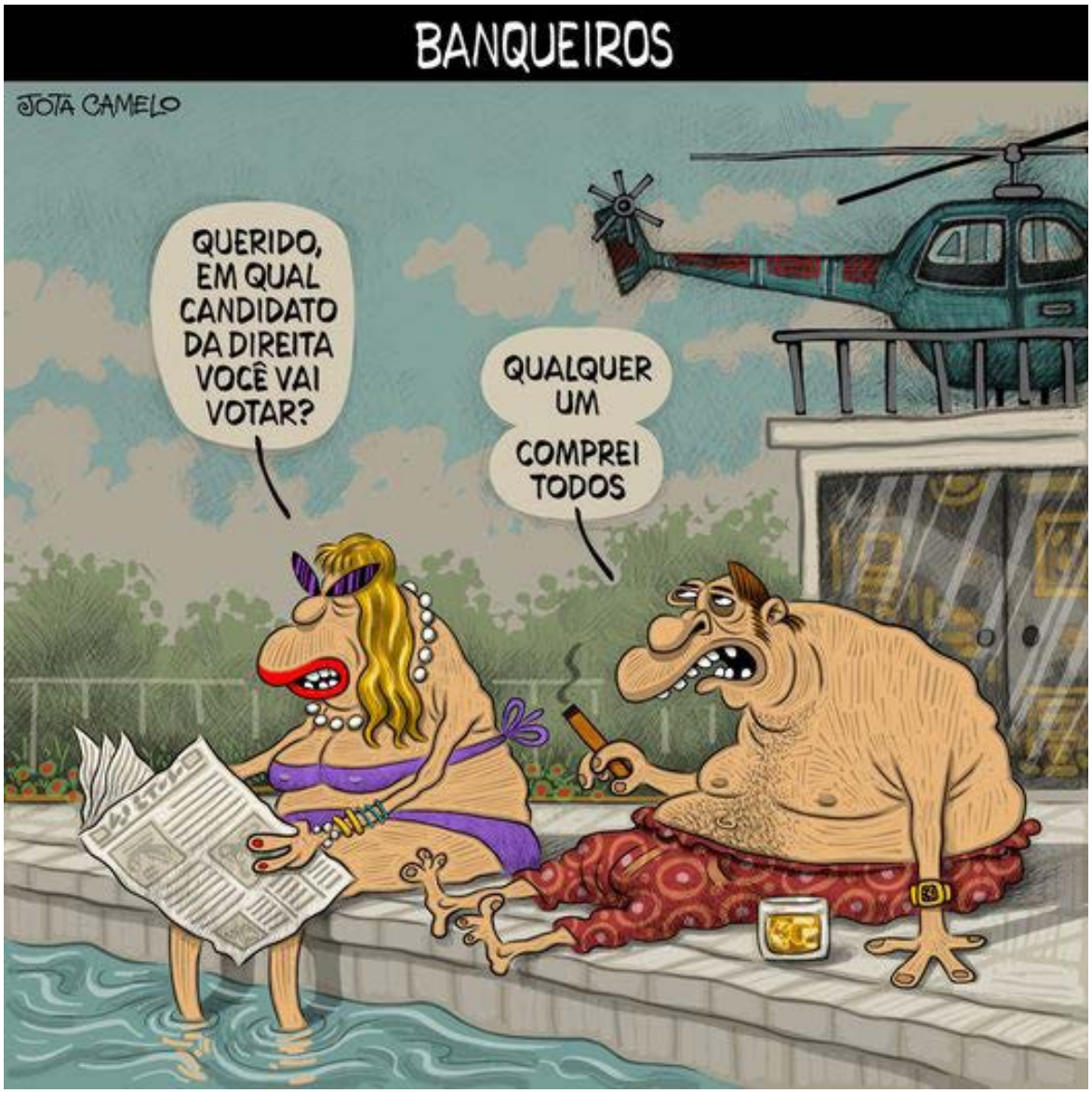

PF ENCONTRA DINHEIRO NA CUECA DE VICE-LÍDER DO GOVERNO BOLSONARO.
MAS O MITO FALOU QUE ACABOU A CORRUPÇÃO...
-MAGON-

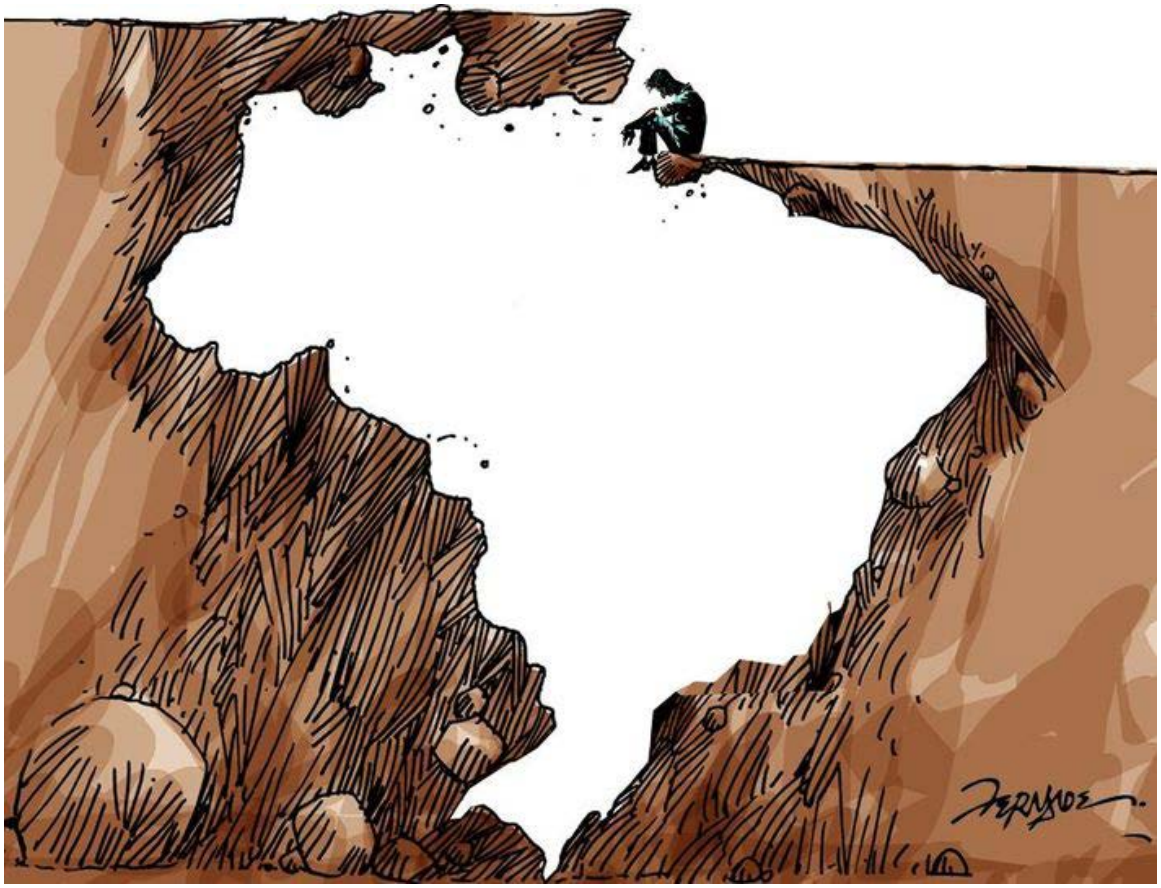

QUANTAS NÁDEGAS SÃO NECESSÁRIAS PARA ESCONDER R$ 89 MIL EM NOTAS DE R$ 200 ?
IVAN CABRAL


É UM SUBSTANTIVO FEMININO PAROXÍTONO DE ORIGEM LATINA, COM SEIS LETRAS AGRUPADAS EM TRÊS SÍLABAS
VOVÔ, O QUE É JUSTIÇA?
Edu


ACABOU A CORRUPÇÃO!
89 MIL
LATUFF
2020
BRASILDEFATO.COM.BR


A NOTA É CINZA... MAS TODO MUNDO SABE QUE EU ENTREI DE LARANJA!
CÉLIUS





Fonte: Facebook/jornalistaslivres

ABJEÇÃO ÉTICA E INSTITUCIONAL

Ana Paula de Oliveira Gomes
Jurista, professora e escritora
@engenhodeletras

O artigo intenciona refletir sobre dois aspectos contemporâneos da vida do brasileiro: vacinação compulsória em relação ao coronavírus e distinção entre deficiências para os fins de efetivação inclusivista.
No que concerne à problemática da vacinação obrigatória, recentemente, foi divulgado pelas mídias sociais que o atual governador de São Paulo haveria afirmado, se houver aval regulatório em
favor da "CoronaVac", só estará liberado da imunização quem apresentar atestado médico liberatório. O mandatário público teria também anunciado que adotará "medidas legais se houver
contrariedade nesse sentido". Fonte: Olhar Digital (acesso ao término do texto).
Primeiro: a "CoronaVac" foi desenvolvida pelo laboratório chinês Sinovac e testada no Brasil em parceria com o Instituto Butantan. Recorde-se que a China foi o país que exportou a doença em questão. Causou a pandemia e, agora, vende a cura.
Sim, a China de Xi Jinping que, há pouco tempo, conclamou seus militares a permanecerem leais e a se prepararem para guerra (vídeo na referência do artigo). A propósito da normatização do
assunto, em nível de Brasil, prescreve a Lei 13.979/2020:

Art. 3º Para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional de que trata esta Lei, as autoridades poderão adotar, no âmbito de suas competências, entre outras, as seguintes medidas: […]
III - determinação de realização compulsória de:
a) exames médicos;
b) testes laboratoriais;
c) coleta de amostras clínicas;
d) vacinação e outras medidas profiláticas; ou
e) tratamentos médicos específicos; […]

Pela perspectiva jurídica, a regra nacional abriu a possibilidade de as autoridades determinarem a realização compulsória de vacinação (e outras medidas profiláticas). Como a questão se relaciona ao direito à vida em contraponto a liberdades fundamentais, possivelmente, a
constitucionalidade do dispositivo será debatida pelo guardião da Constituição da República.
O que não se sabe (ainda) é sobre a eficácia da "CoronaVac" e se será aprovada pela agência reguladora competente. As dúvidas são muitas: a vacina manipula o material genético individual?

Se sim, isso é ético? Há probabilidade de intercorrência de danos genéticos? Se sim, poderiam ser
revertidos? Quais as consequências (toxidade) dessa vacina? Poderá causar efeitos colaterais sérios?
Mesmo que a mídia (e os políticos) banalizem o problema, as dúvidas parecem razoáveis. O

clamor por novo tipo de vacina, sob a bandeira de restauração da “normalidade”, não pode deixar de
lado o custo versus benefício em termos de saúde e ética.
Agora, a segunda questão orientadora do debate: distinção de deficiências para os fins de promoção de ações inclusivistas. O Estadão divulgou que o atual governador de São Paulo sancionou lei com isenção do imposto sobre a propriedade de veículos automotores para pessoas
com deficiências severas ou profundas.
Efeito prático dessa lei estadual: a princípio, pessoas com limitações de longo prazo leves ou moderadas, que dirigem o próprio carro, não têm direito ao tratamento fiscal favorecido. Se procedente o que foi noticiado, a iniciativa é completamente inconstitucional. Não se pode fazer
acepção entre deficiências. A lei induz à normalização de um ilícito: a discriminação em função da
deficiência. Com a palavra, os inclusivistas de São Paulo!
A legislação universal – Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, que, no Brasil, tem status de Emenda Constitucional – veda, expressa e substancialmente, a discriminação
em função de deficiência de qualquer natureza ou grau de severidade. Dificuldades no processo de
inclusão não servem de pretexto para a (re) implantação de uma cultura excludente e/ou segregacionista a vilipendiar o trato civilizatório na contemporaneidade.
Não se pode normalizar no Brasil (nem em país algum) a falta de alteridade. O governo não tem o direito de corroborar atavismo jurídico que desconhece o conceito universal de pessoa com
deficiência e os termos da própria Lei Maior vigente. Há algo de muito estranho em marcha na
cultura governativa das lideranças brasileiras. Na prática, invertem a marcha do processo civilizatório.

Referências

<https://olhardigital.com.br/coronavirus/noticia/doria-afirma-que-vacinacao-contra-covid-19-sera-
obrigatoria-em-sp/108845>. Acesso em: 18.out.2020.
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/l13979.htm>. Acesso em:
18.out.2020.

<https://brasil.estadao.com.br/blogs/vencer-limites/doria-sanciona-lei-com-isencao-de-ipva-apenas-
para-deficiencias-severas-ou-profundas/?fbclid=IwAR2vPS0w-vSYmjbNuxgQFgilLDmNFjEh5cEIuyYNisF72jcRtq7-kX_xQHg>. Acesso em: 18.out.2020.
<https://youtu.be/hkGBnEFQdp4>. Acesso em: 18.out.2020.

QUAIS SÃO AS ATRIBUIÇÕES DOS CANDIDATOS DE NOSSAS CIDADES?

Segue abaixo atribuição de Prefeito, Vice e Vereadores. O que podem e não podem fazer ou prometer.
É muito importante pesquisarmos, Histórico, Ficha limpa, Conhecimento, Capacidade. Quanto mais nos conscientizarmos e pesquisarmos menos probabilidade de sermos manipulados. O que se tornou muito natural para os corruptos nas ultimas décadas! Também é muito importante que possamos saber quais são as atribuições Obrigações dos políticos.
Vamos às (Obrigações) de um Prefeito:
Desenvolver as funções sociais da cidade e garantir o bem estar dos habitantes.
Arrecadar, administrar e aplicar impostos municipais com justiça.
Pavimentar ruas, preservar e construir espaços públicos como praças e parques.
Implementar, manter em boas condições postos de saúde, escolas creches municipais e transporte escolar das crianças.
Organizar serviço público, proteger patrimônio histórico cultural do Município.
Garantir transporte público e organização do transito, ouvir reinvindicações da comunidade, promover o desenvolvimento urbano e ordenamento territorial. Buscar convênios benefícios e auxílios para o município, apresentar projetos de lei à câmara municipal, e também sancionar ou vetar. Intermediar com outras esferas do poder sempre com objetivo de beneficiar seus cidadãos. Zelar pelo meio ambiente, pela limpeza da cidade e saneamento básico.
Todas as atividades relacionadas ao cargo é obrigação do prefeito planejar, comandar, coordenar, e controlar. O trabalho é de liderança Servidora.
Agora as (Obrigações) do Vice Prefeito.
Este é o mais próximo do prefeito. Ao contrario do que muitos pensam o vice este não precisa estar no titulo de prefeito para fazer alguma coisa. Pode colaborar de inúmeras formas como dialogar com os cidadãos da cidade. Sua principal função é substituir o prefeito caso seja necessário, mas também podem ser delegados a estas responsabilidades e tarefas administrativas que auxilie o prefeito na gestão.
Um vice-prefeito que não se compromete com a gestão ou só cuida desta quando o prefeito esta ausente talvez não seja o melhor candidato nas próximas eleições. Simplesmente ter um bom nome para ser vice hoje em dia é muito pouco mesmo porque este (a) esta recebendo para ser vice. Claro que não será tão atuante quando o próprio prefeito, mas é preciso que esteja em todas as importantes questões e reuniões da prefeitura.
Ele também pode ser um estrategista politico e não precisa ficar esperando o prefeito se ausentar para fazer alguma coisa. Se em sua cidade o Vice-prefeito não participa ativamente das questões politicas junto ao prefeito e vereadores este (a) esta ali meramente para substituição e não seria justo com os cofres públicos. Então o Vice também tem de trabalhar ativamente sendo articulador ou fazendo contato com as comunidades em relação ao que acontece durante a gestão do prefeito. Outra coisa que Vice e prefeito devem ter é muita afinidade, divergências podem prejudicar o andamento de a boa gestão, porém este também pode se manifestar caso não concorde com alguma decisão que possa prejudicar a cidade, cofres públicos ou o bom andamento da administração. Também pode existir uma coligação, bem como ser observado se o vice tem qualificações como gestor pois este não pode ocupar o cargo sem o conhecimento que o mesmo exige. Normalmente os partidos escolhem um Vice que agregue valor e que também seja um bom imã de votos nas eleições.

Agora vamos as (Obrigações) de um Vereador:
1 Representar os interesses da população perante o poder publico.
2 Legislar criar extinguir e emendar leis que ele julgar que seja mais adequada ao interesse publico. E essas leis são de exclusividade do município ao qual foi eleito.
Mudança criação ou extinção de tributos municipais,
Criação de bairros distritos subdistritos dentro do município.
Estabelecer o perímetro urbano, nomes de ruas, aprovar documentos orçamentários do município. Elaborar, deliberar e votar o Plano Diretor Municipal.
Aprovar plano municipal de educação. Regras de Zoneamento uso e ocupação do solo, determinar o tombamento de prédios.
3 Fiscalizar o Prefeito ou seja fiscalização das ações do Poder Executivo Municipal.
Fiscalizar contas da Prefeitura para inibir o problema que temos em nosso País com obras superfaturadas. Fiscalizar o poder executivo e administração indireta pode visitar órgãos municipais e questionar o prefeito por escrito sobre qualquer duvida e o mesmo é obrigado por lei a dar uma resposta em no máximo 30 dias.
4 Criar comissões parlamentares de inquérito.
Com ajuda do tribunal de contas do estado ou do Município pode realizar o controle externo das contas publicas.
O que um candidato vereador não pode prometer ou fazer?
Afinal não tem o poder pra isso.
O vereador não tem poder sobre leis do estado, da União e da Constituição.
Terminar obra de uma rua ou escola
Melhorar o serviço de coleta de lixo
Implantar escola de tempo integral.
Aumentar número de vagas na rede de educação.
Criar centros de arte Cultura.
Reforçar policiamentos em bairros.
Mais uma vez é muito importante saber quais são as obrigações dos políticos visto que recebem para realiza-las. E não para usar suas atribuições para fazer marketing politico. Simplesmente quem não realiza deve ser dispensado como quando nós somos se não realizamos um bom trabalho.
Espero ter ajudado! Um forte abraço!
Ricardo França
Colunista Revista D-Arte – Paiquere 91,7 Alta Performance Podcast – Instituto Cultura e Arte Brasil. Consultor, Leader Coach Pnl, CREF 6262.





A Constituição Federal de 1988 determina no Art. 3º, inciso XLI que "Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação; e no Art. 5º, inciso XLI, que "a lei punirá qualquer discriminação atentatória dos direitos e liberdades fundamentais".

D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

Caderno de **Literatura**



Ilustração - Wilson Inacio

EM DEFESA DO IMAGINÁRIO (parte 1)

Sueli Bortolin

Rovilson José da Silva

Em tempos de pandemia, período em que um bom texto poderia acalentar corações e apaziguar as almas, há um movimento na contramão se intensificando. Estamos perdendo vidas, ampliando nossas dores e a desvalorização do imaginário é nítida.

Muitas famílias estão evitando de comprar livros e objetos pessoais que tenham personagens de contos de fadas entre eles: bruxas, duendes, ogros etc. Querendo poupar as crianças do medo, as tornam, muitas vezes, inseguras. Além disso, temas como doença e morte são evitados para não as entristecer, porém o medo e a tristeza precisam ser vivenciados, eles são componentes do nosso viver.

Colocar as crianças numa redoma de vidro é ruim e é, mais prejudicial, do que permitir que elas tenham contatos com esse gênero de personagens. O psicanalista francês René Diatkine, quando esteve no Brasil em 1993, em entrevista concedida à Fábio Altman afirma: “A criança sabe distinguir muito bem a linguagem do cotidiano da linguagem das narrativas. Ouvindo histórias, ela cria um espaço em sua cabeça para um mundo mágico fabuloso. Ela aprende a reagir a situações desagradáveis e a resolver os seus conflitos pessoais.”

A criança tem direito de ter acesso ao mundo mágico. Para exemplificar a importância do imaginário para a criança, extraímos uma história do livro *Contos de Perrault*, publicado em 1989 pela Editora Itatiaia na Coleção *Obras da Cultura Universal.* Esse livro encontra-se esgotado, ele foi traduzido por Regina Regis Junqueira e é composto de diferentes contos, contendo ilustrações de Gustave Doré de 1862. Sua Introdução intitulada *A respeito dos contos de fadas*, foi escrita por P.J. Stahl, é belíssima e resumi-la aqui seria desrespeitoso, portanto, optamos por inclui-la na íntegra.

Meu amigo Jacques entrou um dia numa padaria para comprar um pãozinho que chamara sua atenção. Pretendia levar o pão para um menino que havia perdido o apetite e só concordava em comer alguma coisa quando o distraíam. Pareceu a meu amigo que um pão tão bonito deveria apetecer até mesmo a um enfermo.

Enquanto esperava o troco, entrou na padaria um meninozinho de sete ou oito anos, pobremente vestido mas muito limpo.

- Dona - disse ele à padeira - Mamãe me mandou buscar pão...

A padeira subiu ao balcão (o caso de passou numa cidadezinha do interior) e tirou da vitrina das bisnagas de quatro libras o melhor pão que encontrou ali, e o depositou nos braços do meninozinho.

Meu amigo Jacques reparou então na figura franzina e enfezada do pequeno comprador, que contrastava com o aspecto viçoso e rechonchudo do enorme pão, cujo peso ele mal parecia aguentar.

- Você trouxe dinheiro? - indagou a padeira.

Os olhos do menino se anuviaram.

- Não, senhora - respondeu, apertando a bisnaga contra o peito - Mamãe disse que vem falar com a senhora amanhã.

- Está bem - disse a padeira bondosamente - pode levar o pão, meu filho.

- Obrigada, dona - falou o meninozinho.

Meu amigo Jacques recebeu seu troco, meteu sua compra no bolso e se preparava para sair quando notou, parado às suas costas, o menino do pão, que ele julgava já estar longe.

- Que é que você está fazendo aí? - perguntou o padeira ao menino, que ela também imaginava já ter ido embora. – Não ficou satisfeito com o seu pão?

- Oh, fiquei sim - falou o garotinho.

- Pois então vá levá-lo para sua mamãe, meu pequeno. Se você demorar, ela vai pensar que ficou brincando pelo caminho e vai ralhar com você.

O menino não pareceu ter ouvido. Alguma coisa parecia atrair toda a sua atenção. A padeira aproximou-se e deu-lhe um tapinha carinhoso no rosto.

- Em que é que você está pensando, em vez de ir embora? - falou ela.

- Que é isso que está cantando aqui? - perguntou o meninozinho.

- Ninguém está cantando aqui - respondeu a padeira.

- Está sim – insistiu o menino. - Ouça: Cuic, cuic, cuic, cuic...

A padeira e o meu amigo Jacques apuraram o ouvido, mas nada ouviram a não ser o refrão de alguns grilos, hóspedes costumeiros das casas onde é feito o pão.

- Será um passarinho - indagou o garoto - ou é o pão que canta quando está assando, como as maçãs?

- Não é nada disso, meu tolinho - falou a padeira. - São os grilos. Eles cantam onde está sendo feito o pão porque o forno acaba de ser aceso, e a vista das labaredas os deixam contentes.

- Os grilos! – exclamou o menininho. - Eles são o que a gente costuma chamar de cri-cri?

- Isso mesmo - respondeu pacientemente a padeira.

O rosto do menino se iluminou.

- Dona - falou ele, corando diante da ousadia de seu pedido - eu ia ficar muito contente se a senhora me desse um cri-cri...

- Um cri-cri? - sorriu a padeira. - Que é que você vai fazer com um cri-cri, benzinho? Está bem, seu eu puder dar a você todos os que andam aqui pela casa, farei isso agora.

- Oh, basta que me dê só um, se a senhora puder! - falou o menino juntando as mãozinhas pálidas acima do seu enorme pão. - Ouvi dizer que os cri-cris trazem felicidade para as casas. Quem sabe se nossa casa tivesse um, a Mamãe, que tem tanta tristeza, nunca mais chorasse...

Meu amigo Jacques olhou para a padeira. Era uma bela mulher, de rosadas faces. Ela enxugou os olhos com a ponta do avental, e se o meu amigo Jacques também estivesse usando um, teria feito o mesmo.

- E por que a sua pobre mamãe chora tanto? Indagou o meu amigo Jacques, que não pôde evitar de se meter na conversa.

- Por causa das contas, senhor - falou o garotinho. - Meu papai morreu, e por mais que a Mamãe trabalhe, nós nunca conseguimos pagar todas as contas.

Meu amigo Jacques levantou em seus braços o menino, e junto com ele o pão - e creio que abraçou todos os dois.

Enquanto isso a padeira, que não tinha coragem de pegar ela própria os grilos, desceu até a sala de fazer pão e pediu ao marido que recolhesse uns quatro, os quais foram colocados numa caixa com alguns buracos na tampa, para que eles pudessem respirar; em seguida entregou a caixa ao meninozinho, que foi embora todo contente.

Quando ele partiu, a padeira e meu amigo Jacques apertaram as mãos calorosamente.

- Pobre criança! Falaram os dois juntos.

A padeira apanhou então o seu livro de contas, abriu-o na página onde estavam anotadas as dívidas da mãe do menininho e traçou um grande risco atravessando a página, porque as contas eram muitas, escrevendo embaixo: pago.

Enquanto isso o meu amigo Jacques havia colocado sobre uma folha de papel, para não perder tempo, todo

o dinheiro que trazia nos bolsos - que, por sorte, era bastante naquele dia - e pediu à padeira que o enviasse o mais rápido possível à mamãe do menino dos cri-cris, junto com a nota de quitação de suas contas e um bilhete dizendo que ela possuía um filho que um dia seria a sua alegria e o seu consolo. Entregaram tudo a um padeirinho de longas pernas, recomendando-lhe que se desincumbisse com toda a destreza da missão. O menino, com o seu enorme pão, seus quatro grilos e suas curtas pernas, não pôde andar tão depressa quanto o padeirinho; de forma que, ao chegar em casa encontrou a sua mamãe, pela primeira vez em muito tempo, com os olhos afastados do trabalho e um sorriso de paz e felicidade em seus lábios.

Ele acreditou que foi a chegada dos seus quatro bichinhos escuros que tinha feito o milagre, e na minha opinião ele não estava errado. Será que sem os cri-cris e o seu bom coração terá ocorrido aquela mudança no humilde destino de sua mãe?

FIM

Na nossa avaliação esse relato é um convite para pensarmos nos contos de fadas como possibilidade de levar a criança a compreender a vida e a enfrentar diferentes medos, entre eles, o abandono, a morte, a solidão etc.

Após ter incluído essa história na Introdução do livro *Contos de Perrault*, publicado em 1989 pela Editora Itatiaia na Coleção *Obras da Cultura Universal,* P.J. Stahl questiona: qual seria o valor dela na abertura de uma obra composta por contos de fadas? Acreditamos que a sua resposta é um alento na atualidade: Para ele: “Servirá para responder por um fato – por insignificante que seja – a essa categoria de espíritos positivos demais que pretendem hoje, em nome da razão, banir o maravilhoso do repertório da infância.”

Atenção: Nossa conversa não termina por aqui, até o próximo mês.

Sugestões de leitura:

ALTMAN, Fábio. Histórias sem fim. **Veja**, São Paulo, 17 de março de 1993.

PERRAULT, Charles. **Contos de Perrault**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1989.



Essência

O tempo nos molda, já nem sei minha forma
O que trago no peito, à vezes aflora
A angústia rouba a cena hoje
Amanhã, só haverá vestígio da dor
O corpo dança ao som de uma velha canção.

Thais Andressa - São João del-Rei (MG)

UMA TROVA SOBRE ESCOLHAS

Decisão é desafio...

Não tem fácil solução.

Mas pior se me desvio

do que fala o coração.

Edweine Loureiro

Saitama - Japão

COLECIONADORES

Era uma caderneta de fiado. Dos tempos em que a mãe comprava na venda. No dia 10 de cada mês pagava a conta. Seu Geraldo não gostava de atraso. Nem ela. Só atrasou uma vez. Quando a tempestade caiu. O dinheiro já estava no banco. Mas, naquela tarde não conseguiu chegar a tempo. Seu Geraldo foi compreensivo. Afinal era um sábado. O dinheiro só iria pro banco na segunda-feira mesmo. E lá estava ela, na segunda-feira pela manhã. Antes de ir para o trabalho. Foi o que minha avó contou.

Eu encontrei a caderneta entre seus guardados. A vida inteira ela colecionara objetos. Era bibliotecária na biblioteca pública. Mas, não colecionava livros. Para ela, lugar de livros era a biblioteca. À disposição de eventual leitor ou leitora. Me trazia um livro por semana. Mesmo depois de adulto. Da biblioteca. De vez em quando eu ganhava algum de presente. Ainda ganho. Ao contrário dela, eu queria manter os meus. Mas, a cada seis meses ela me convencia (ou obrigava?) a doá-los para a biblioteca pública. Acabei me acostumando. Agora sou eu que levo. De vontade própria.

Mas, fora os livros ela colecionava objetos. Os guardava em malas. Durante 35 anos juntou 35 malas. Uma por ano! As malas tinham de tudo. Chaveiros, moedas, canetas, calendários, fotografias, isqueiros vazios, bibelôs, maços de cigarros vazios também, miniaturas de automóveis, e tantas outras coisas. Começou a colecionar depois que meu pai morreu.

Eu ficava intrigado com seu comportamento. As malas iam se enchendo aos poucos. Ela não separava os objetos por tipos. Cada mala tinha de tudo um pouco. Estranho para uma bibliotecária, não? Eu pensava que ela poderia ter as coleções organizadas.

Quando comentava isso, ela ria. Me dizia que não suportava a ordem em uma biblioteca. Fizera o curso influenciada por uma amiga. Passou no concurso logo depois da formatura. Se acomodou. Ainda antes de casar, até pensou em se demitir e buscar outra ocupação. Mas, ficou grávida. Do traste de meu pai. Que vivia de bico. Por mim, ela achou prudente continuar no emprego público. Casaram-se às pressas. Antes da barriga se revelar. Meu pai morreu de cirrose três anos depois. Gastava o dinheiro dos bicos na via sacra dos bares na vila. Minha avó materna que me contou.

Depois da aposentadoria, há cinco anos, ela passava a maior parte do tempo examinando o conteúdo das malas. A gente continuava morando com minha avó materna. Depois da morte de meu pai, fomos morar com ela. Minha avó cuidava da casa. Cozinhava. Minha mãe pagava uma moça para vir uma vez por semana ajudar na limpeza. Faxina pesada.

Eu cheguei a pensar que ela iria organizar as coleções. Ledo engano. Pegava uma mala. Esparramava o conteúdo sobre a cama. E ia recolocando cada objeto de volta. Devagar. Olhava demoradamente para cada um. Passava horas assim. Me dava uma agonia. Por sorte, eu só ficava em casa pela manhã. Meu trabalho de porteiro é no turno da tarde. Gosto de ser porteiro. Posso ler enquanto trabalho. Mas, nos finais de semana eu a via no quarto. Parecia um ritual. Para cada objeto uma expressão facial. Careta. Sorriso. Muxoxo. Raiva. Indiferença. Alegria. Tristeza. Arrependimento. Eu ficava curioso. Perguntava. Ela não dizia nada. Ou, no máximo:

_ É só uma lembrança sem importância.

Quando ela pegava a caderneta dizia um palavrão. Filho da puta! Era o único objeto que despertava uma expressão oral dela. Com os outros a emoção surgia na face. Eu temia pela sanidade mental de minha mãe. Porém, ela não teve tempo para isso. Um dia amanheceu morta. Um mal súbito durante o sono. Nem eu, nem minha avó percebemos. Pela manhã, quando ela demorou para vir tomar o café da manhã conosco, fui até o quarto. Pensei que dormia. Chamei. Sem resposta, me aproximei. Notei que não respirava. Depois da missa de sétimo dia, cheguei com a vó em casa. Disse pra ela que ia arrumar as coisas da mãe. Peguei uma das malas. Esparramei na cama. Falei para mim mesmo:

_ Vou fazer o que ela nunca fez.

E me pus a organizar as coleções. Esvaziei todas as malas. Aquela montanha de quinquilharias em cima da cama. Por sorte o quarto era grande. Comecei a separar. Chaveiros em uma mala. Bibelôs em

outra. Isqueiros na terceira. Mais uma para as miniaturas de automóveis. E assim por diante.

De repente, vi a caderneta. Era a única. Fucei em tudo e não achei outra. Era de 1969. O ano em que meu pai morreu. Eu tinha três anos.
Curioso quis saber com o que meus pais gastavam o dinheiro de minha mãe. A cada três dias, tinha uma garrafa de pinga Tatuzinho marcada. Às vezes, era uma Oncinha. Pelo jeito eram as marcas preferidas do traste do meu pai.
Fui mostrar para a vó. Ela pegou a caderneta. Uma lágrima escapou de um dos olhos. E daí ela me contou do dia em que minha mãe atrasou o pagamento. No mês seguinte, após a morte de meu pai, minha mãe não quis mais comprar fiado. Estava livre do traste. Segundo minha avó, seu Geraldo estranhou. Insistiu para que ela continuasse. Ela não quis de jeito nenhum. Disse que comprava fiado só por causa do falecido.

Agora, aos 38 anos, sou eu que coleciono quinquilharias. Só que sou organizado. Uma mala para cada tipo. Estou pensando em colecionar cédulas de dinheiro. A única coisa que não encontrei nas malas de minha mãe. Está sobrando uma.

Autor: Fernando Antonio Prado Gimenez

Minibiografia do autor: Londrinense, professor universitário e escritor que reside em Curitiba. Cinéfilo e editor da Revista Livre de Cinema (relici.org.br). Registra seu contos, poemas e crônicas nos blogs: Breves Textos – Crônicas e Contos (brevetextos.blogspot.com) e Um Haikai ao Dia (umhaikaiaodia.blogspot.com).

Fernando Gimenez

www.issuu.com/fgimenez (livros e outras publicações)
www.3es2ps.blogspot.com (empreendedorismo e pequenas empresas)
www.relise.eco.br (Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo)
www.leiturasemcinema.blogspot.com (cinema)
www.relici.org.br (Revista Livre de Cinema)
www.umhaikaiaodia.blogspot.com (poesia)
www.brevetextos.blogspot.com (contos e crônicas)

E AS COVAS ABERTAS

Sorriso tétrico
aguardando o fantasma, os corpos
Poucas lagrimas os rostos
e os coveiros
parecendo astronautas
cumprem o dever fúnebre
de depositar as urnas lacradas
lacradas feitos
a bocas do povo
ante o inesperado acontecer
e os gritos mudos
saem verticalmente
e horizontalmente
e se antes era ficção
agora e realidade!

NESTE DOMINGO

Neste Domingo
o sol escondido
nas franjas das nuvens
ensaia um adeus
quase magro de encanto
e para o meu encanto
a tristeza dedilha
a canção de lembrar
hoje neste domingo
eu quero me virar
praia
onde a areia fina
Sirva de tapete tépido
ao arrepio do andar.

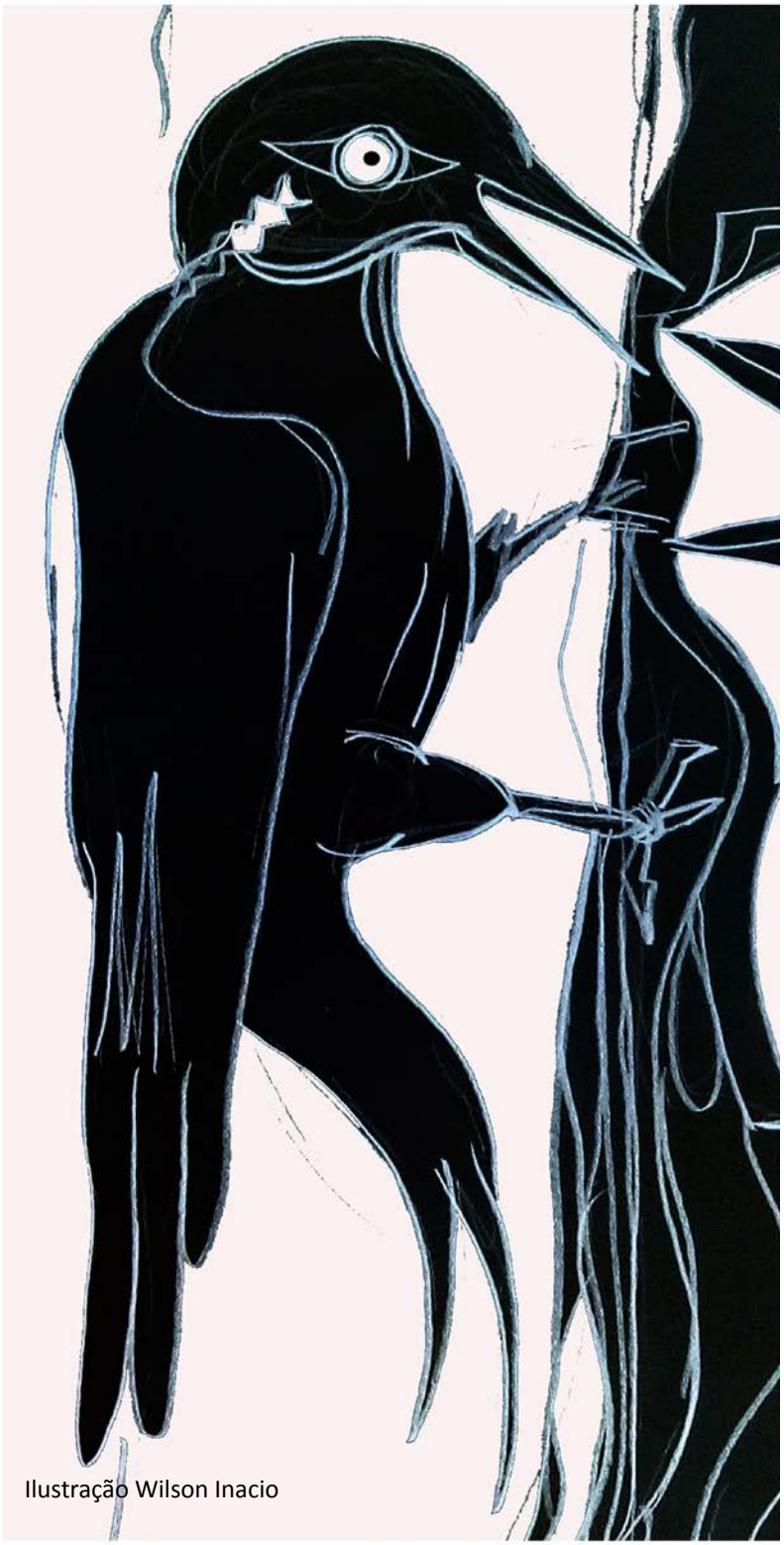


Ilustração Wilson Inacio

SOU PÁSSARO POEMA

eu sou e vou
e como um
enigma paradigma sentinela
no céu azul

vou traçando
riscando
compondo

em meu vôo
e sobrevôo
sobre as flores
o poema
tema do meu pantanal
beijando amores!

vou na busca colorida
apenas
as penas
se refugiam nas cores
das dores
desenho forte solidão
alada
signo forte do vôo
fotogênica magia pantaneira.

Benedito C. G. Lima

Corumbá-MS

LEÃO EM FORMA DE VIRUS OU VIRUS EM FORMA DE LEÃO?

Mais um dia de expectativa. Medo de um espirro antes até gostoso, medo de tossir antes tão comum. Medo de gente que gosto tanto, medo de abraçar e ouvir a voz, antes tão prazerosa. E medo de uma notícia de alguém que tossiu ou espirrou, medo de perder mais alguém. Medo que vai medo que vem, medo de ver a TV e saber a verdade! Medo do invisível mas verdadeiro que ouvi falar, o contrário de ouvir que Deus é presente mas invisível sentia conforto, era o invisível mais seguro que eu sentia. Medo de viver com medo e morrer sem despedida. Anseio pela tarde que prenuncia a noite! Então suspiro de alívio, ainda bem! venci o dia. O dia, antes tão lindo que inebriava minha alma com o céu azul, cinza ou com nuvens, dia que alegrava os pássaros com seus cantos que me encantavam, dia que o sol iluminava as árvores e brilhava as ondas do mar e inspirava aos poetas, quando antes fascinava-me tanto, dia que escolhia o espetáculo do pôr do sol anelando as nuvens para emocionar minha alma e fascinar meus olhos, dia que trazia a brisa perfumada das flores ou de alguém que passava, agora uso máscara para me proteger, medo de morrer! Dia que os aviões cortavam o céu e os barcos navegavam nas ondas tranquilas do mar, e agora torço que vá logo embora e antes era o prenúncio maravilhoso da noite. E a noite? escuridão e silenciosa. Antes, dava nome às estrelas, e cumprimentava a lua vaidosa e faceira que mudava de tempos em tempos, lua nova, minguante ou cheia, “lua que no céu flutua, lua que nos dá luar”, coisas dos apaixonados. Noite de amor, dos sonhos e das lembranças, noites de prazer, agora a noite traz medo. O medo aumenta de doer o pé. Vem sonhos com pesadelos. Acordo assustada. Tenho certeza que ouvi o toque do celular com notícia que alguém tossiu. Volto a deitar e pensar. Durmo e acordo. Ufa! Venci a noite! Amanheceu!! Aonde estará esse vírus em forma de leão? Na porta ou na brisa que vem da palmeira? Vou fechar a janela.

DAR AS MÃOS.

Hoje amanheci com uma dose de melancolia. Um gosto de saudade que parecia que eu estava envolvida dentro de uma redoma de vidro do tamanho de meu quarto, mas cheia de saudade! Aspirei e respirei, tudo certo. Estiquei meus pés e meus baraços, certos também. Olhei para a palmeira que mora bem na minha janela, por entre suas folhas verde vi o céu quase branco. Estava um silêncio tão marcante que há tempo não ouvia nada. Os pássaros e as ondas do mar também estavam silenciosos, sinônimo de melancolia. Fiquei olhando para a janela e até meus pensamentos estavam vazios. Tentei uma recordação qualquer mas não consegui, será que aquela melancolia ia se apoderar de mim por muito tempo? Me perguntei. Olhei pra o relógio e já eram quase sete horas da manhã. Domingo sem sol, sem missa sem visitas. Pensei no inverno sereno dando passagem a primavera que se antecipou e já floriu alguns jardins e até árvores. Uma amiga postou uma foto do Museu de arte contemporânea em preto e branco, do alto do elevado, parecia estar reverenciando o mar. E uma chuva em forma de garoa parecia respeitar o silêncio dessa manhã. Senti vontade de um banho e um café. Voltei para cama e senti frio, mas logo senti calor, essa indefinição de desconforto se chama inquietude. Tinha levado a xícara com um pouco de café para meu quarto. E comecei a beber lentamente e o sabor do café perfumou meu olfato. E o som de uma ambulância cortou o silêncio. Quem será que aquela ambulância foi socorrer. Fiquei mais triste. Dei minhas mão a mim mesma. Segurei firme como quem segura uma amiga. Quantas vezes fiz isso na minha vida? Muitas, ah! Lembrei que sou única, que tenho que cuidar de mim para ser cuidada por alguém, que tenho que me amar para ser amada. De mãos dadas, aspirei e respirei, não era melancolia, era saudade de mim mesma.

QUERO MAIS.

Mais arroz, mais pão, mas nada. Tanto quero, que mais um pouco satisfaz, mas o que fazer com tão pouco se quero mais? Mais tempo, mais manhãs, mais tardes para esperar a noite. Mais ais para sentir emoção, mais saudade que até dói no coração. Quero mais, que lembro o quero-quero que canta na grama e alerta quem vem. Mas se quero mais, o que dizer ao tempo que basta o que vivi? Quero mais viver, muito mais ainda aprender a separar o trigo do joio que chamo de pessoa. Ah! Muito mais ainda, ver o sol nascer e dizer que nunca vi igual, mas que nada, tantos vi nascer, como se pôr, que quero viver mais, para ver os últimos raios no mar ou nas folhas das árvores que brilham igualzinho, a pedra do anel dela, que mais que partiu, ainda vive aqui a me ensinar. Quero mais arroz que de tão branco, se misturar ao feijão dá sabor e satisfação. Quero mais pão que de tão bom, Jesus repartiu e ainda hoje é benção, perdão e apelo dos que sente fome. Quero amar muito mais e saber a diferença, quero mais pessoas boas e as más muito mais longe de mim, por fim, mais esperança, enfim, viver muito mais ainda para aprender que as vezes menos é mais e mais é amanhecer e aprender muito mais a agradecer, do que pedir mais. Quero viver muito mais ainda para sorrir e abraçar muito mais.

FLORES E FRUTOS NO VERÃO!

Outubro parece prévia de festa. Realização de sonhos ou esperança de sonhar
Uma festa que esta por vir, será que setembro deixou flores para essa festa? O outono trouxe frutos.
Manga caju jabuticaba e Jamelão.
Ai solidão! Ai saudade que não sei de que ou de quem, mas ai saudade gostosa de sentir.
É festa que está por vir? Com flores da primavera frutos do outono e tudo no verão
Ai solidão! Não sei se é solidão ou saudade, mas na minha idade.
Nem sei dizer o que é diferente, é do passado ou de gente, só sei dizer.
Que essa solidão tem gosto de flores e frutos do verão
Outubro! Já sei! Acho que lembrei! O que é ! nada é igual porque vem
Novembro que nem lembro, mas foi embora setembro.
É... já sei o que é igual, o que é tal... Ninguém fala... já sei
É que dezembro vem com Natal
Tudo de novo, até ano novo também.

FUI MUSA DE MIM.

Fui musa nas músicas, nos poemas e nos quadros. Fui musa no sorriso dos carteiros e nas flores dos jardineiros. Ah! fui musa nos filmes, nas operas e nas tevês. Da varanda olhando o céu, vi estrelas de dia e sol no mar sem fim. Até um navio que apitava se despedindo de mim. Fui musa do eco que vinha dos altos falante na música de Charles Aznavour. E do moreno de cabelos ao vento e olhar triste, e sob a lua escondia meu rosto sob o pulôver, para não ver o caminho e não saber voltar. Fui musa nas canções tristes dos violeiros e queria até enxugar suas lágrimas, queria ser só tua. E nua nos canaviais cortar minha pele e eternizar a dor do amor. Ah! fui musa de mim, nos cabelos vermelho diante o espelho, fui musa de mim. Assim! Fui musa para não findar minha vida, e minha alma ainda que frágil, percorrer em sonhos o passado que quero viver, e o presente que ainda vivo permanecer alegre e sonhador. Assim ser musa de mim mesma, de meus sonhos e do amor à vida que amo tanto.

CONTRA O TEMPO.

Percebi na última festa de aniversário um zero depois do numeral. Aplausos e brilho nos olhos de meus convidados. Uma alegria, que entendi depois que todos foram embora, que eu tinha vencido. Vencido o que? E ganhei o que? Naquela noite fui cansada para a cama, olhei meus cabelos como a fiscalizar e percebi que a pintura estava perfeita. Os dias passaram e as linhas em minha pele dos braços tomavam formas, quadradinhas, retinhas, mas não queria isso pra mim. Corri para a academia de ginástica e falei para o personal, que um exercício urgente para meus braços era necessário para tranquilizar-me. Percebi que as pessoas elogiavam minha beleza como se fosse recente, mas finalizavam “nem parece ter essa idade” essa frase vinha como agulhas e espetavam minha alma, sim minha alma. Sentia medo de envelhecer e perder meu status, meu emprego, e o pior, meus amigos. E perdia a cada ano um amigo para a morte! Corria contra o tempo, fiz a primeira plástica, um ano depois outra plástica, e depois uma outra reparadora porque a primeira deu errado, não percebia que envelhecia por dentro, e lá dentro não havia especialista para plastificar. Percebi que a corrida era da academia para a cirurgia plástica, para os revigorantes, colágenos esfoliastes e hidratantes. E a maldita frase em cada encontro “nem parece ter essa idade”. Percebi que a luta contra o tempo era desigual e quando estava sozinha, sentia medo, medo de perder a beleza ou medo de perder a juventude? Medo de perder os amigos e minha família. Eu estava errada. Meus amigos envelheciam comigo e eu nem percebia, continuavam ali, a espera de um novo encontro para um chá. Minha família se dispersando e eu me tornando um fardo pesado, meus valores estavam em quanto deixaria de herança. Minha beleza estava no que desfrutei na juventude e no que realizei no presente, lembranças e paz! Corri tanto, e um dia parei. O espelho revelou as rugas e as raízes de meus cabelos brancos. A pele enrugou e li em cada ruga um episódio de uma história. Minha audição diminuiu, mas no silêncio ouvia as músicas que falavam de amor. Minha memória enfraqueceu para o presente, mas o passado vinha alegrar meus cochilos na cadeira de balanço. O tempo se mostrou lento e aconchegante. Percebi que não podia mais correr, que cheguei e fui sim, vitoriosa! Que meus amigos envelheceram comigo, e minha família? Também na corrida contra o tempo. Sorri de tudo isso. O tempo tem uma medida tão exata, tão cronometrada que chamo a isso: TEMPO DE DEUS.

MEDO DE SEUS PENSAMENTOS.

Lembrando de você que partiu tão cedo.
Descobri que minha alma errou o corpo. Sonhos eram pesadelos pelo erro que não foi meu. Como viver com medo do espelho e dos pensamentos que decifrava em cada olhar ou em cada pergunta? fugir, agredir ou rastejar. Escolhi agredir, debochar e fugir. Minha alma tentava falar, mas o conflito de tantos pensamentos assustava, e como fazer acreditar que o erro não foi meu, não escolhi ser assim. Caminhei pelas espreitas dos muros, temia uma ponte que me levasse ao mundo, sorria quando sentia vontade de chorar, silenciava quando sentia vontade de gritar que o erro não foi meu, foi minha alma. Temia os pensamentos a minha volta, porque decifrava cada olhar e cada pergunta disfarçada numa resposta desastrosa. A luta era desigual, meu corpo não era meu, minha alma também não. Finalmente achei a ponte e um horizonte ameaçador. Enveredei por estradas desconhecidas, amei, odiei, retornava com a carga da vergonha. Monstros saudavam minha inocência se perdendo na dor da vergonha, aprendia mais ainda a decifrar os pensamentos a minha volta, e temia que apontassem para meu corpo, e minha alma fugisse e a morte me levasse. E um anjo de outras terras trouxe a doença chamada docinho, que amargou vidas, transformou corpos e trazia medo e saudade. E quem apontou foi a doença, e quem eu tanto temia, acalentaram minha alma errante, ficaram ao meu lado até a derradeira hora. E como lanças envenenadas, as noites de euforia se tornaram doentias e minha alma errante sofreu com meu corpo que nunca achou a alegria. Perdi meus pensamentos no leito frio, mas minha alma não sentiu medo porque percebeu o amor que dedicaram. E numa tarde, meu corpo e minha alma, seguimos para a eternidade. Ouvindo Renato Russo
A Via Láctea

SOLSTÍCIO E EQUINÓCIO CONVIDAM À MUDANÇAS

Solstício momento mágico de mudança, noites longas para descanso da alma, dias curtos para pensar na vida, aproveite, e dispa-se de rancores e revista-se de sonhos, arrume a sua casa, desfaça-se do que não é mais útil, pode ser para outrem. Veja que as árvores se desfolham à mais leve brisa. E quando o equinócio chegar, estará iluminando os hemisférios da terra... primavera e outono se igualam pelos raios solares. Dias iguaizinhos para viver as realizações. Você perceberá como é leve e saudável renovar para admirar as flores da primavera e se deliciar das frutas no outono que chegarão nessas épocas.

O SONHO É MEU

Se a noite não fosse tão longa, não descobriria como é bom ter insônia. Tentei fechar os olhos, tentei mudar a posição, tirei um travesseiro, arrastei o corpo para mais baixo, recoloquei o travesseiro e mais um que estava do lado. Cobri meus pés, senti calor, abri a janela, senti frio. Era uma luta comigo mesma, será que não me conhecia mais? Me perdi na tentativa vã de mergulhar nos braços de Morfeu ou nas músicas de Orfeu? O vento soprava e a lâmpada do poste fez reflexo de sol, não entendo como tentam imitar o sol, se a noite é tão linda e confortante, se tiver sonhos. Estiquei os braços e tirei o protetor do copo de água, as pedrinhas imitando cristal caíram na mesinha e fez um barulho que foi agradável naquele momento de silêncio. A água ainda fria saciou uma sede que nem sei se tinha. Vieram lembranças em forma de sonhos, vivi recordações que ficaram no passado, brincadeiras na ladeira, apito da Maria fumaça até o cheiro de carvão. Lembrei do maquinista que usava chapéu de cowboy, e uniforme bege, nos olhava pedindo que não jogássemos uma pedra nos vagões já sem vidros. Lembrei até das borboletas amarelas com manchas pretas, que hoje sei que eram as monarcas, lembrei dos gritos histéricos de alguém que viu um sapo com a boca costurada e eu tinha coragem de tirar as linhas. Será que o sapo era fofoqueiro? Não, diziam que em sua boca tinha o nome de alguém que deixou a namorada chorona da janela. Recordei com prazer o olhar do moreno e da música F comme femme na voz de Salvatore Adamo, que ele colocava para eu ouvir na rádio do parque, dos beijos que fingia serem roubados e do arrepio que sentia. Que saudade! Descobri que a insônia é um sonho que posso dominar, se as lembranças são boas, permaneço como numa tela de cinema, quando ruins, troco de lugar, descobri que esse jeito de sonhar é do quanto sou feliz, que a juventude foi um sonho do passado que vivo no presente e dou o final como quiser, o sonho é meu.

NÃO ME DEIXE.

Noite silenciosa, vez ou outra a brisa balançava as folhas da palmeira e eu esperava um som, mas nada! A lua escondida entre as nuvens permitia os raios prateados mas tímidos clarear o céu à sua volta, mas quase inútil. Esperei um assobio de um boêmio chorando a perda de um grande amor, mas nada, lembrei sorrindo que boêmio tem muitos amores por isso assobia canções tristes. Esperei o gorjeio da coruja que dorme no galho daquela árvore de frente a minha janela, mas ela também não estava a me olhar. Agucei os ouvidos à espera do apito melodioso de um navio qualquer, não ouvi, então forcei ao menos na imaginação, e dei adeus sorrindo como sempre faço. Nem o cheiro da fumaça de um cigarro nem pingos de chuva, esta madrugada é de solidão. Saí da janela e ouvi que as ondas do mar batiam e eu nem tinha percebido, sorrindo pedi desculpas ao mar, e uma orquestra parecia tocar uma canção de saudade, eram as ondas agora faceiras batendo na areia que as recebia com fulgor, mesmo nessa noite gelada, será? Deitei na cama em uma súplica quase infantil pedi: Não me deixe aqui sozinha e comecei a pensar em quem me deixou sozinha? É que a solidão dá nome a quem amo, e foram tantas que, listando em minha memória adormeci.
Amanheci e ouvi FRIO DA SOLIDÃO. Com Xitãozinho, Xororó e Roupa Nova.

Lira Vargas
Liravargas1@gmail.com

Quadrinhas fora do esquadro

(Carlos Vilarinho – Vila)

I

Na palavra nítida
Dada por nada
Afago a vítima
Com a rima furada

II

Alguma coisa prende
Fantasia adere ao fato
Tato de duende
A vida em sentido lato

III

Sonho guardado
Medo não é erro
Mas ficar parado
Já é desterro

IV

Nossa desumanidade
Homem vil e profano
Razão pela metade
Do ser vazio e ufano

V

Roo a poesia até o osso
Sorvo na medula a rima
Ainda arrisco o pescoço
Pra ver ser rola um clima

VI

A ideia uma elegia
Que na volta encolheu
Era só fantasia
Que ficou no breu

VII

Mudar até virar gente
Bastaria já não basta
Vou sair furtivamente
Desta vida madrasta

VIII

Em cada canto você
Fuga – espanto
No programa da tv
Na aula de esperanto

IX

Razão tão estranha
Do sanguíneo poeta
Cada verso uma façanha
Pro cabide do esteta

X

Fechemos os olhos
Teu perfume seduz
É tu que escolho
Minha flor de alcaçuz

Esboço

Não sei se,
No seu abraço,
Me perco
Ou me acho

Se dentro
Do seu coração
Eu encontro
Espaço

Só sei que,
A sua voz,
Em sonhos,
Eu ouço

Tua imagem
Reside
Em minha mente:
Esboço

Névoa
Que encobre
A tua face:
Tempo

Quisera eu
Poder,
Te descortinar:
Vento.

Claudia Lundgren

O Sublime Picadinho do Jabaquara

Valter Resende

O ano de 2004 galopava como um appaloosa e muitas coisas aconteciam: A sonda Cassini da NASA chegou no planeta Saturno depois de entediantes sete anos de viagem; Um tsunami de proporções bestiais arrasou o Sudeste da Ásia, e largou nas praias cheias de entulhos, o choro de quem ficou olhando retratos; As Olimpíadas estão novamente na Grécia, e um de nossos corredores perde a medalha de ouro por conta de um irlandês filho de uma puta; Madri enterra seus mortos depois de um atentado terrorista do Al-Qaeda; Morreu um monte de gente que eu gostava como Marlon Brando e Christopher Reeve. Mas no meio de tudo isso, cheio de relevância para os terráqueos, havia algo que não interessava a quase ninguém, que era minha vida que corria no bairro Jabaquara em São Paulo. Eu tinha 14 anos no inicio de 2004, e a minha mãe já havia morrido há quase três anos. O meu pai que amou a minha mãe desde o dia que debruçou seus olhos nela, sentia os espinhos de se criar sozinho dois filhos, e fez o que pode para nos dar todo o amor do tempo que sobrava, quando não estava dando duro na ferramentaria de uma metalúrgica. Eu estava na oitava série, e não faço a puta da ideia o que isso equivale hoje, depois de tantas mudanças das progressões escolares. Eu e minha irmã dois anos mais que eu - ficávamos na escola a manhã inteira, e quando os portões do colégio se abriam para a nossa libertação, nossos estômagos urravam por comida. Geralmente o nosso pai, já havia deixado o nosso almoço pronto na noite anterior, e ele tinha o capricho de na maioria das vezes, não ser um *replay* do jantar. Era comida inédita e maravilhosa que ele cozinhava para nós dois. Mas nem sempre o Seu Bruno conseguia deixar o nosso almoço pronto antes

de sair na madrugada para a fábrica com o Chevette, e quando isso acontecia, ele deixava em cima da mesa da cozinha, o dinheiro para eu e a Adriana almoçarmos em algum boteco no caminho entre a escola e a nossa casa. A comida do nosso pai era foda, comida de domingo todos os dias, mas quando acontecia de termos que usar os botecos do Jabaquara como fonte de calorias, era também uma experiência maravilhosa.

Para quem não é de São Paulo, o bairro do Jabaquara fica nas cabeceiras das pistas 35R e L do Aeroporto de Congonhas. Eu cresci lá vendo os Electras, 737s, Fokers, A320 entre outros pássaros metálicos, lambendo o telhado da minha casa nos pousos e decolagens. Tirando o barulhos dos motores dos aviões que todo mundo já abstraia, era um bairro tranquilo, cheio de casas com fofoqueiros nas janelas, crianças brincando, gente trabalhando e muitos bares, que durante a noite gelava a garganta dos seus frequentadores com valentes goles de cerveja, e durante o dia servia os famosos PFs prato feito -, com preços acessíveis para quem caminha pelas ruas do Jabaquara. Eu e minha irmã íamos então para a escola às sete da manhã, e no caminho, já sentíamos o cheiro das cebolas e alhos sendo fritos e refogados que saiam dos bares, preparando as deliciosas refeições que seriam entregues nas mesas dos famintos ao meio dia. Era uma sensação deliciosa, uma experiência sensorial de perfumes, sons afinados do estralar da fritura e a visão das caixas de legumes e verduras fresquinhos, vindos dos Ceasa e carregados para dentro dos botequins. Acho que eu não me tornei cientista da NASA por conta disso, pois eu ficava a



aula inteira só pensando no almoço, e não me concentrava na trigonometria.
Os bares de baixo orçamento da minha infância no Jabaquara, eram bem alinhados com os do resto da cidade. Paredes azulejadas que sempre havia alguma falha da cerâmica, um balcão na parte central do boteco, que tinha uma máquina de café coado e água quente ao lado para lavar os copos, ventiladores de teto que haviam deixado de funcionar na década de 40, estufas de vidro com salgadinhos fritos e ovos colorido, um malandro que ficava num canto fazendo jogo do bicho, um eventual cachorro que assim que entrava era expulso, atendentes com um pano no ombro que nasceu branco mas a cor já estava combalida, e outras particularidades dos botecos *old school* que reinavam absoluto na minha adolescência. Mas não se deixem levar pela aparência, pois apesar do pouco apelo visual de um bar do Jabaquara, a comida servida nas mesas que quase sempre mancavam e precisavam de um pedaço de guardanapo de papel para reparar isso, era deliciosa. Longe da moda descabida dos restaurantes com comida cobrada à quilo, os botecos da minha época de escola, serviam a comida em maravilhosos pratos já montados, ou quando muito, em pequenas travessas que chegavam na frente dos clientes exalando um perfume delicioso de comida boa. Mas para manter os preços em um patamar que um trabalhador pai de alguns filhos consiga pagar pela refeição diária, os bares não só do Jabaquara, mas sim de São Paulo e quem sabe do resto do Brasil, adotaram um cardápio semanal, que dá certo há décadas. Isso dá a oportunidade dos donos dos bares da região comprarem os mesmos produtos ao mesmo tempo, formando de forma inconsciente, uma cooperativa de compra negociando melhor os preços. Este cardápio era e deve ser até hoje o seguinte:

Segunda-feira – Virado a Paulista



Pra muita gente o primeiro dia útil da semana é de redenção alimentar, e comer só coisas que não faz sombra para se redimir dos abusos do fim de semana. Mas não para os fieis seguidores do cardápio semanal *botequeiro*, que oferece logo no primeiro dia de trabalho, o majestoso Virado a Paulista, que é uma delicia formatada por bisteca de porco, ovo frito, tutu de feijão, couve manteiga refogada, arroz e banana frita. Uma verdadeira delícia que um trabalhador que ficou desde as cinco da manhã em Congonhas, abastecendo aviões debaixo da garoa implacável num frio cortante, come alegre com a esperança de dias menos doídos.

Terça-feira Bife à Rolê



Se você tentar encontrar em São Paulo um paulistano legitimo irá se frustrar. Impossível achar alguém nesta cidade quem tenha raízes há mais de três gerações, pois todos nós nascidos nesta metrópole, viemos de *first class* ou pau de arara de outro estado ou país. Então com a comida não poderia ser outra coisa. *Rango* delicioso do planeta inteiro, é servido em restaurantes caros da região dos Jardins, ou em barracas mequetrefes do centro, Liberdade ou Pari. Você pode comer um lámen mais gostoso do que é vendido em Tóquio na Rua da Glória, ou uma maravilhosa mussacá em uma restaurante árabe na periferia, e também uma legítima e deliciosa comida africana que é servida para brasileiros e quenianos na República. Mas todas as terças-feiras nos botecos de São Paulo, acontece uma verdadeira invasão italiana, pois a maravilhosa bracciola comida nas mesas do pais da bota com uma divina pasta, é servida com o nome de bife à rolê. Uma delícia. Bifes de são enrolados com cenoura, bacon, pimentão e o que mais o botequim se especializou em temperar por anos, e cozidos na pressão com o molho da casa. Esta fantástica iguaria geralmente é servido em São Paulo acompanhado de arroz e purê de batatas.

Quarta-Feira - Feijoada



São Paulo também é lugar de feijoada, que é vendida em milhares de cumbucas de barro pelos bares *low buget*. Os acompanhamentos são os tradicionais, e dependendo do bar pode ser: arroz branco, torresmo que estrala a cada dentada, couve manteiga refogada, lascas de laranja, bistecas, banana frita e farofa. Antes mesmo da chegada da *feijuca*, é entregue ao trabalhador esfomeado um pequeno shot de caipirinha, que prepara a boca do freguês e dá uma leve entorpecência, que faz os problemas darem uma trégua na cabeça. Quarta feira é mesmo um dia lindo.

Quinta-Feira Macarrão



A capital mais italiana do Brasil, tem mais um dia de rango ítalo. Desta vez é a massa que impregna os botecos de São Paulo. O campeão é o espaguete com um delicioso molho feito com tomates no limite da madurisse e da falta de dignidade, que geralmente acompanha uma carne de frango ou boi. Mas para derrubar os preços e deixar até os mais fodidos de barriga cheia, estes pratos muitas vezes sofrem um *downgrade*, e o molho de tomate feito com a própria fruta, é trocado por enormes latas de molho industrializado. Ainda assim fica gostoso, e dá para se almoçar com uma merreca.

Sexta-Feira – Peixe



São Paulo não está tão longe do mar assim, ai nas sextas-feiras é dia de comer um peixinho. São muitos tipos de pescados encontrados nas biroscas paulistanas, como sardinha frita, salmão grelhado, filé de merluza a milanesa e outras gostosuras vindas de rios e oceanos. Mas o prato que mais se vê nas placas escritas a giz nas portas dos bares de São Paulo nas sextas, é o filé de pescada com molho de camarão. Essa delícia também vai se adaptando pela cidade de acordo com o preço do IPTU do local, pois se em um boteco do Itaim você come um maravilhoso prato com um molho cheio de camarões, lá no Capão Redondo se encontra o mesmo rango, só que se conta com a sorte do freguês encontrar mais que três minguados camarõezinhos, mas é tão delicioso quanto.

Não eram só estas opções que eu e a minha irmã tínhamos nas refeições que fazíamos nos botecos. Havia também outros PFs que se podiam comprar todos os dias. O famoso comercial, provavelmente o prato com o preço mais acessível de um bar popular, consistia em um bife não muito grosso de um corte com um preço comedido, levemente batido com um martelo culinário para quebrar fibras e músculos que o boi havia adquirido durante uma vida em Araçatuba. Além da proteína, o comercial também acompanhava arroz, feijão, um punhado de batata frita e uma salada que geralmente era uma folha de alface, duas finas fatias de tomate, uma de pepino e algumas rodelas de cebola. Era pobre de ingredientes... Sim... Muito... Mas o sabor era delicioso e os temperos deixavam tudo aqui um divino banquete periférico. Outra opção que tínhamos, e que na minha opinião superava todas as outras da placa escrita a giz da porta do boteco, era o picadinho. O tradicional picadinho servido nos bares de Sampa, consiste em cubos de carne cozida com batata, cenoura e muitos temperos que formam um caldo maravilhoso, e o preço é ultra acessível. Vai ficar para a eternidade na minha memória gastronômica, o boteco do Seu Salles no Jabaquara, onde eu e minha irmã fizemos dezenas de refeições. O lugar era um bar caricato, com todos os detalhas que uma boa *ximboca* teria, e a comida era muito gostosa e barata. Todas as vezes que nós botávamos as nossas bundas nas cadeiras do Bar Salles, o atendente Tobias já vinha anotar o nosso pedido em um talão do jogo do bicho com um pano cheio de histórias no ombro. Era um momento mágico e angustiante a hora da escolha, e a minha irmã que sempre foi muito mais segura do que eu, fazia logo o pedido, que geralmente era o delicioso prato do dia. Já eu com a minha hesitação, ficava em dúvida se eu comeria em uma terça-feira o majestoso bife a rolê, o comercial, um omelete de encher os olhos, ou qualquer outra delícia que estava escrita a giz. Mas 70% das vezes, eu optava pelo maravilhoso picadinho, que chegava até a minha frente pelas mãos do Tobias.
Era um verdadeiro ritual comer o picadinho no Bar Salles. A carne fibrosa acém , desmanchava nas minhas passadas de garfo, e os pedaços de batata e cenoura, impregnados com o caldo delicioso, eram amassados pela ponta do meu garfo e misturados ao arroz que acompanhava o prato. O feijão também estava incluso no prato, que tinha um perfume encantador de bacon e até um pouquinho de coentro. Bom pra caralho!

Mas não era só no Bar Salles que havia um esplendido picadinho no bairro do Jabaquara. Na cozinha da minha casa, o meu pai preparava o picadinho mais gostoso que eu comi nesta minha vida indômita, com um cheiro que tomava conta da casa, quando o cozinho estava sendo feito e o vapor com perfume dos temperos saia da panela de pressão. Era um imponente picadinho de boteco sem sair de casa.

Picadinho de Boteco

Ingredientes para uns cinco cidadãos.

- 1 kg de acém picado em cubos.
- Uns 300 gramas de batata sem casca e cortada em pedaços.
- Uns 300 gramas de cenoura sem casca e cortada também em pedaços.

- 6 dentes de alho picado

- 1 cebola grande.
- 1 lata de molho de tomate pronto (Sim não é pecado usar molho pronto, mas compre de boa qualidade)
- 1 lata de cerveja preta (não pode ser cerveja doce tipo Malzbier)

- Uns 80ml de shoyo

- Uns 100ml de caldo de legumes bem concentrado. Okay, se estiver com preguiça, use dois cubos de caldo industrializado

- Pimenta do reino.

- Óleo ou azeite

- Sal a gosto. Cuidado que o shoyo é bem salgado.

- 1 pimenta dedo de moça sem sementes bem picada.

Meu pai sabia que poderia fritar o alho com óleo de soja que não faria diferença, mas ele gostava de usar o caro azeite de oliva para deixa a cozinha impregnada de cheiro de alegria. Quando o alho já estava dourado dentro de uma panela de pressão, ele colocava os cubos de acém e dava uma selada enquanto moía a pimenta por cima. Carne selada e ele jogava todos os outros ingrediente dentro da panela, e 30 minutos depois que ela começasse a fazer chique-chique, era despressurizada e aberta. O cheiro era maravilhoso, mas o caldo sempre tinha que dar uma reduzida com a panela aberta para engrossar. Pronto!

Papai sempre fazia arroz branco e salada de agrião para acompanhar o picadinho, que nós três comíamos conversando sobre nossas vidas, nossos sonhos e como seriam as coisas se a mamãe ainda estivesse viva. Nunca falávamos dela com tristeza, mas sempre com muita saudade.
Morei com o meu pai até os meus 27 anos, e como o meu interesse maluco por cozinhar foi eclodindo, todos os dias saia daquela cozinha no Jabaquara comidas fantásticas, e eventuais experimentos fracassados. Quando minha irmã se casou, parecia que faltava um pedaço da gente na hora das refeições, e só no dominho que a Adriana sentava na mesa, já com a família maior com a chegada do meu cunhado e da minha sobrinha. Depois que eu sai de casa para morar sozinho, sempre que eu posso eu vou até a mesma casa do meu pai no Jabaquara e cozinhamos juntos. No caminho eu não vejo mais o Bar Salles, pois foi engolido por algum empreendimento imobiliário, mas as sensações que eu tive naquele bairro, comendo deliciosos PFs, não há trator que vá derrubar.

Objetivamente

É preciso que você saiba
O quanto é bonita
É justo eu te dizer
Gosto do seu jeito de ser

Você tem o direito de saber
Quão esplendoroso é o teu olhar
Ousado e ligeiro
Certeiro em me capturar

Tu és linda
Estou afim de ti
Para conhecer-te mais
A chamo para sair

Caso aceite, verá com surpresa
O prazer que é te ouvir
Tua risada me arrepia
Me encanta te ver sorrir

Você é bela
De face resplandecente
És valorosa
A alma inteligente

Falo a ti objetivamente
Quero algo mais entre a gente
Entre as demais virtuosas
És tu a mais excelente.

Deivid Carlop.

Conselheiro Titular no CONSEC pela Setorial de Leitura, Literatura e Livro

TRAJETÓRIA EXEMPLAR

Evandro Valentim de Melo

Raras são as noites em que, ao se deitar em sua enorme cama, Daniel não se recorda da estrada percorrida até os dias atuais. Dele emana gratidão por todos os poros do corpo pelo que possui: “um homem é valorizado, respeitado pelo que tem” – diz ele pra si mesmo, enquanto revê as dificuldades experienciadas pela família que, sem perspectivas na terra natal, emigrou Brasil acima, até chegar à Bahia e se submeter à condição de mão de obra barata na colheita de cacau de um daqueles coronéis sem patente.

Ainda menino, juntou-se ao pai, para elevar a estatística dos mal remunerados na colheita do fruto que enricava os proprietários daquelas terras. Sua estatura avantajada o distinguia dos demais trabalhadores da fazenda, pois, em pouco tempo o “varapau” atingiu um metro e noventa e oito de altura.

Houvesse estudado, mas tal privilégio não fez parte de seu enredo na infância e adolescência, poderia imaginar ser mais um dos filhos de Zeus com uma mulher mortal, a exemplo de Hércules. Seria uma possível explicação para seus quase dois metros de altura, já que boa nutrição se mostrava tão distante quanto Ilhéus de Atenas.

Quando muito, em seu prato de alumínio amassado, figuravam farinha de mandioca acompanhada da própria mandioca cozida, alguma fruta raquítica e, raríssimas vezes, carne de caça: teiús e avoantes, por exemplo. Contudo, enxergava a situação sob o prisma positivo. Pensava ele: “eu jamais saborearia o fruto do mandacaru se não tivesse vindo para cá”.

O tempo passou e as condições de penúria da família de Daniel tornaram-se ainda mais críticas com a chegada da vassoura-de-bruxa, praga que atingiu os pés de cacau e varreu para a pobreza extrema os já desfavorecidos trabalhadores da lavoura cacaueira, assim como vários dos coronéis, outrora, ostentadores de riquezas.

Já com idade avançada e debilitados pelas precaríssimas condições de vida, pai e mãe de Daniel sucumbiram; não suportaram tanta adversidade. Repentinamente, aos vinte e um anos, Daniel se viu órfão.

Os trezentos quilômetros até Salvador foram percorridos vagarosamente por ele. O então jovem rapaz, pela estrada afora, oferecia serviço braçal em troca de comida. Nem sempre encontrava alguém disposto a proceder à troca. Quantas noites aquele jovem magrelo e comprido dormiu ao relento, faminto, a se aquecer apenas com o manto da esperança de dias melhores...

Na sequência dessas lembranças, Daniel sente imensa satisfação pelas condições de sua vida hodierna. Ajeita o macio travesseiro de plumas de ganso e programa o despertador para as seis horas da manhã do dia seguinte.

O farto desjejum sempre o deixa de bom humor, pois ele o confronta com as inúmeras vezes em que despertou com o corpo doído, enfeitado de picadas de pernilongos e, ao lado, sua fiel companheira, a fome, tendo, ao fundo, os sons emanados do estômago semelhantes à bateria de um bloco carnavalesco.

Por tudo o que enfrentou até atingir a atual posição social, novo rico, emergente ou outros adjetivos atribuídos aos que eram pobres e se tornaram detentores de grandes fortunas, Daniel, não só jamais desperdiça alimentos, como também não consegue se calar diante de eventuais convidados que lhe

acompanham nas refeições, quando esses deixam sobras no prato.

Quem o acompanha, aprendeu a se servir em pequenas quantidades, a fim de não o desagradar. Ninguém deseja figurar na lista de desaprovação de um homem tão poderoso e influente.

Seja por admiração, temor ou interesse, Daniel recebe inúmeros convites de pessoas que querem agradá-lo na dimensão degustativa, que lhe é tão cara, dada sua história de vida. Quando em almoços ou jantares, conseguem dele aprovação pelas iguarias servidas, não cabem em si de satisfação. Os ofertantes do almoço ou jantar, ficam a observá-lo em suspense. Caso ele repita o prato, os rostos se descontraem, o alívio preenche a atmosfera, pela certeza de que o menu e o evento são exitosos.

Vez em quando, periódicos convidam Daniel a compor matéria, seja sobre empreendedorismo, contexto político ou, a preferida dele, alta gastronomia. Certa vez, em entrevista para uma revista semanal, a jornalista abordou a vida pregressa de Daniel. Ao relatar o sofrimento da infância e adolescência, invariavelmente, ele se emociona. Na sequência da matéria em construção, foi perguntado sobre eventuais ações para que outras pessoas ou famílias não padecessem da sofrida caminhada, a via sacra que flagela tantos habitantes, seja do Brasil ou mundo afora.

- Orgulho-me de minha trajetória. Superei as agruras de minha via *crucis* sem ajuda de quem quer que fosse. Tenho convicção de que esses programas sociais, bolsa isso, bolsa aquilo só enfraquecem as pessoas, que tendem a se acomodar. Por outro lado, dada a fome por mim sentida, companheira por muitos quilômetros de minha trilha pessoal, adquiri repulsa por desperdício de comida. Na minha presença, ninguém comete esse pecado. Minha mãe sempre dizia “o melhor tempero é a fome”. Ela estava certíssima. Jamais esqueci essa assertiva; por outro lado, o genial Millôr Fernandes nos deixou, entre suas muitas contribuições: “Gastronomia é comer olhando para o céu”. Misturo essas duas frases e sigo adiante.

A jornalista empreendeu hercúleo esforço a fim de dissimular a decepção pela resposta ouvida, dada a imensa fortuna do entrevistado e as possibilidades daí decorrentes. Ela pensava “quanta coisa esse homenzarrão rico e poderoso poderia fazer para melhorar as condições de penúria existentes...”. Todavia, não ousa externar o pensamento. Ao contrário, ela o felicitou pelas conquistas, desejou saúde e sucesso, nessa ordem.

Daniel agradeceu o espaço oportunizado pela revista:

- Espero que meu humilde exemplo inspire leitores aqui, ali e alhures.

Daniel se sentou no banco traseiro de seu belo carro e pediu ao motorista para se dirigir ao recém-inaugurado restaurante de um promissor chefe de cozinha premiado em um desses concursos de alta gastronomia.

Chronos, senhor do tempo, continuou sua incansável labuta de girar a manivela que faz o dia sequenciar à noite num eterno replicar. A vida seguiu.

O Lago das Carpas

A vontade escarpa
E salta
Ligeira do fundo do lago do íntimo.

O sopro é lisonjeiro.

Tem o cheiro da alforria
Das cerejeiras azuis do japão
Plantadas em um vazio qualquer
De Bonsai.

O sopro sai
E pausa o ócio
Num instante de ar puro:

Queria ser a tilápia
Nas límpidas arpas
Do barulho das águas.

A conformidade dos dias
Prende as nadadeiras,
Poda as flores
E pousa no apuro

De tantas promessas antigas
Que não podem mais ser desfeitas.

Ervilha Vermelha

Ontem me perguntaram se eu era uma menina
E eu não soube responder
Esse inferno de pergunta.

Não porque eu não seja mulher,
É que as vezes eu sou tanta coisa:

Uma garota,
Uma amante
Uma gota,
Um semblante,
Um inverno
Um menino,
Um pingo
E um girino,

Um giro de roda
No vento leste que sopra
No ponto final de cada esquina.

Uma menina é pouca coisa
Pra me definir
Quando eu sou tantas outras
Entre cada ervilha vermelha
Do interno do punho em meu ventre.

Pássaros Cinzas

Ao despertar,
O rosto levantou amassado
A cara mais triste
As sobrancelhas pesadas,
Marcadas pelas sobras das sombras.

As estrelas subiram
Tomando para si o piado das arpas.
E o dia amanheceu cinzeiro.

Da cor da pele sem brilho
Do olhar sem lume
Refletido no silêncio côncavo dos pássaros
Acendidos em cigarros parados
No alto dos cumes
Prontos para despencar.

A gravidade onerosa faz sentir
O peso da fumaça que sobe
Tentando a revoada tênue
Entre o tenhar da sobriedade abafada
E o tear da alvorada soada.

Apenas o tabaco dando aqueles amassos
Em borboletas embrulhadas na boca do estômago.
- algo que soaria como gastrite,
Se o assombro que desgasta não fosse
Mais enrolado do que toda a baforada em agite.

Jéssica Iancoski
Produtora de conteúdo | Escritora | Podcaster

https://www.linkedin.com/in/jessicaiancoski/
www.jessicaiancoski.com
jeiancoski@gmail.com
https://www.instagram.com/euiancoski/
https://www.instagram.com/podcast.historias/

FRAGMENTO 2

...Odeio tudo isso, odeio as cores, os barulhos e os cheiros. A vista é suportável, mas ainda sim melancólica e caótica. Odeio ser pobre, odeio não poder voltar para casa em um Honda Civic com ar condicionado depois de ter assinado documentos e dado ordens.

Chegar na minha casa, passar pelo meu portão elétrico e me deparar com uma decoração moderna e minimalista. É a nova moda no mundo da decoração, o minimalismo, pelo menos pelo que vi em uma revista exposta na banca de jornal, tem alguma coisa a ver com ter mais espaço.

Eu gostaria de ter mais espaço em casa, mas, mais minimalista que aquele lugar só se tirar o fogão... Odeio tudo nessa merda de lugar! Dizem que é pecado odiar, eu sei lá, eu odeio onde estou, não queria estar aqui. Queria estar lá, lá fora, com as casas decoradas e os *personal trainers*...

- Boa noite pessoal, tudo bem? Eu venho aqui pedir a ajuda de vocês - a pobreza não tem lado bonito, ela é triste, crua...

- Estou vendendo esse chocolate quem puder me ajudar um por dois reais, cinco por dez...

Os olhares são os mais curiosos, uns olham com piedade, uns olham com desprezo e uns nem olham, não enxergam a realidade a sua volta, porque sentem nojo da pobreza, sentem ódio dela, mas, a consomem a todo instante, em seus livros, filmes, series e pesquisas no google.

Consomem a pobreza e a violência, mas a odeiam. Hipócritas.

– Obrigado minha senhora, que Deus abençoe! Mais alguém, gente?! chocolatinho aqui um dois reais, cinco por dez! - Mas isso aqui não é desconto! - É marketing, doutor!

Hoje, somos protagonistas de livros e filmes, atores famosos nos interpretam, globais. Dizem que estão dando voz ao pobre, não vejo. Tudo o que vejo são brigas, violência e ódio, choros, lamentações e televisões.

– Obrigado quem pôde ajudar! – são quase onze horas, acho que hoje chego em casa antes da uma, tem mais um ônibus depois só perna.

– Fala meu bom! –

Cauê estuda administração, na faculdade não sei o que de São Paulo, maneiro, respondo sempre que ele fala das aulas

– Cê vai ver irmão, ano que vem eu saio da favela, tudo vai mudar quando eu terminar a faculdade!

– Verdade, mano – Sair da favela, é o que todo mundo que mora na favela quer, não morar mais lá, mas chegam muito mais pessoas do que saem, e essa é a única movimentação, pessoas chegando aos montes e saindo aos poucos.

A violência é uma constante no dia a dia, e os assaltos feitos por moradores contra outros moradores vem sendo cada vez mais frequentes, a favela se vira contra ela mesma...

– Falou, mano! – Falou! - Até quem tem faculdade não tem saído, mas talvez o Cauê consiga... Que consiga então, filho único mimado, nem precisa subir o morro e ainda mora em casa rebocada. Odeio subir esse morro, meus músculos nunca vão se acostumar, temos uma vista privilegiada, Larissa dizia, não sei que privilégio é esse de ver a pobreza crescer... -

Filho? - Oi mãe. - Graças a Deus. - Tô morto de fome. - Tem pão. - Filhos e filhas, acompanhem comigo em Mateus capitulo dezenove, versículo vinte e três onde Jesus diz a seus discípulos – Será que minha mãe percebe a quão alta está a televisão? - Eu garanto a vocês: um rico dificilmente entrará no Reino do Céu - Deve ser por isso que a gente vive no inferno aqui... - E ainda vos digo, ele diz, irmãos: É mais fácil um camelo entrar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus...- Esperando a recompensa depois da morte, já que em vida não há esperanças, sei lá, comédia esses caras...

Kananda Nogueira

ENTRE DEGRAUS E CANÇÕES

Esse amor que me acompanha
Que transborda em meu ser
É o mesmo que me impulsiona
Que me faz subir degraus
Com diferentes tamanhos e obstáculos
Mas, que me fazem acreditar na vitória...
Em ritmos acelerados ou no compasso de uma valsa
A música e a melodia
Envolvem-nos em cada passo
Desafinar faz parte
E os ajustes são feitos ao longo dos ensaios
Tropeços e quedas compartilham momentos
Assim, vivemos em meio aos degraus e canções
Em meio às subidas e corais
Ou nos rascunhos infinitos
Abraçados, amarrados, emaranhados
E narrados em desafios
Esboços e pretensões
Inspirados nesse amor
Nas saudades e biografias eternas!

Karine Dias Oliveira
(Nova Friburgo/ Rio de Janeiro)

Ela está ai e o passatempo é descascar cebolas. Primeiro com as mãos tira a pele fina e se outra houver por baixo, retira-a também. Caso haja mais pele fina e seca, a mão trabalha diligente. Diligência que não alcança as cascas que caem, rodopiam, espalham pedaços frágeis de cor. Às vezes, um tapete se forma, tantas as cebolas que descasca. Cada cebola desnudada em sua brancura fica numa bacia e uma a uma e muitas vão se amontoando e preenchendo a bacia que se esconde sob o peso dessa brancura que não é pérola, que não é lua. Exercício que não prima por eficiência, apesar de ser eficiente – só ver quantas cebolas na bacia – não tem meta nem cota a ser alcançada. Talvez por isso, tão eficaz. Não se importa quando pedaços de cascas , se entranham em suas roupas, mas se chateia sinceramente quando a unha num deslize de força, machuca a brancura revelada. Quando isso acontece , não é sempre, mas acontece. Quando isso acontece , ela sacrifica essa camada, retira-a. força então de propósito a unha para rasgar, separar, tirar a casca machucada e trazer a tona a nova imaculada. Essa a razão de algumas cebolas serem menores que outras. E nesses momentos, a cebola sangra em sua branquidão e escorre na mão que a segura, mas a outra ligeira vem apagar o rastro e continuar o movimento. Verdade se diga, algumas cebolas são pequenas e recebem o mesmo tratamento e cuidado. Fica bonita a bacia cheia. Beleza que em algum momento se completa, porque se descascaram todas as cebolas. Não há mais como passar o tempo e como o intento é só tirar as cascas finas, as cascas secas, as cascas tênues, momento chega em que o movimento se completa. Tivesse ganas de forçar a unha e rasgar a pele polpuda de branco poderia continuar e continuar, mas não. Observa as cebolas na bacia. Observa o tapete de cascas caídas. As mãos livres de cebola, agitam-se no corpo, libertando outras cascas que ai pousaram. Breves voos então, sempre queda também. A bacia fica no chão, pois onde mais poderia deixar? Deixaria na janela se janela houvesse. Seria tão bonito numa noite com lua cheia, não seria? Deixaria sobre a mesa se mesa houvesse. Seria tão bonito se perto deixasse um colar de pérolas se o colar e mesa tivessem, não seria? Na cama não deixa, pois onde mais ficaria? Quando deitasse, a bacia poderia desequilibrar e derrubar as cebolas que cairiam , se espalhariam, se machucariam. Não, não. Há o chão, portanto, deixa a bacia no chão. Nem sempre há cebolas. Nem sempre há tempo para passar, diga-se também. E aqui a diligência e eficácia ainda não se arraigaram, apesar do muito tempo passado. Não sabe quanto tempo, porque não se lembrou de contar. Não sabe quando começou, apesar de saber que um dia acabará. Sabe que é muito tempo, sendo esse muito uma medida sem calendário e ponteiro de relógio. Nem medida é, antes é um acumular tempo num mesmo. Só percebeu depois que encontrou um passatempo e o tempo passou a ter outro ritmo? Talvez. O que é certo, acarretou precariedades e dissabores, pois se não há janela, porta também não. No lugar, um pano funcionando de cortina funcionando de porta, já está tão , tão encardido. O cheiro tão , tão entranhado, que lhe mandam deixem sempre essa porta fechada. Quem abre essa porta, levantando o pano, é golpeado se não retêm a respiração na travessia. Quem entra já prevenido, sabe que quando começar a respirar, será golpeado. Nas outras portas, guardam outros golpes, que ela não sabe, mas imagina. Sim, imagina porque vê quando a porta balança e a vassoura avança, deixar resíduos que segredam o que há por trás das outras portas / cortinas encardidas, puídas. Não só. Ouve os resíduos agudos que apesar de voz, não são palavras. Às vezes, alguma se encarna, mas tão esfiapada do contexto que fica tão aleatória e sem uso, que fica como os resíduos arrastados da vassoura. De seu quarto, também levam as cascas de cebolas que ficarão residuais em outros quartos. No seu, já ficaram restos de outros passatempos . quem entender a lógica desses passatempos e o seu surgimento e intento, talvez possa não se espantar, quem não entender, pode simplesmente ignorar como ignora tantas coisas, pois não? A vassoura que não ignora o que leva, arrasta, empurra, daqui para ali e ali que segue e segue até acabar na bocarra fétida do fim. No caminho, resíduos vão ficando, está dito. Nada segredam, só esperam nova vassourada para o seguir. A vassoura, eis a medida de tempo. nela se poderia inaugurar o calendário, mas ninguém lembrou de pensar isso. eis que a vassoura segue e leva, arrasta, empurra o que toca e se desgasta, esfiapa. A cada vez, a força para que leve os tapetes dos passatempos se faz mais incisiva, porque tão gasta! Logo não prestará mais e poderá descansar? Talvez. Porque outras vassouras terminais, ficam na bocarra fétida e auxiliam a empurrar o empurrado. Só quando aparece outra vassoura esfiapada pode enfim descansar sendo, por sua vez, empurrada. Ela nada sabe da vassoura, apesar de observá-la levar o tapete de cascas de cebola, apesar de não ter pensado em criar um calendário a partir de sua aparição. Ela nada sabe da vassoura. Sabe do arranhado do ouvido produzido pela sua passagem.

Sabe do resíduo que fica onde está e que será levado da próxima vez e , por isso, imagina. Imagina outros quartos, imagina as cascas das cebolas residuais em outro chão. Imagina. O que imagina? Não sabemos e teríamos que imaginar o que ela imagina. Talvez , ela imagine quais os passatempos que as outras passam a partir dos resíduos que observa. Talvez, ela imagine que as outras imaginem ela em seu quarto descascando cebolas. Talvez, ela imagine o trajeto da vassoura e a extensão do trajeto a partir dos resíduos que observa. Talvez não seja nada disso. Ela nunca vai nos confirmar, como não confirmará outras coisas. Aliás, dificilmente ela será procurada para confirmar alguma coisa, ainda mais no que se refere ao imaginar, porque a realidade já está tão documentada, alarmada, perpetuada, pois não? E sobre esta também não será indagada, mas coagida a estar , porque está no quarto sem janela e porta com pano funcionando de cortina, que funciona de porta. Já está dito. Não está dito que a bacia às vezes sofre com a vassoura que raspa o chão. Sim, às vezes, é empurrada e alguma cebola se desequilibra e cai de seu agrupamento, fica acolchoada pelas cascas caídas, às vezes é arrastada com estas e segue; outras, ao cair, rolam e escapam e somem no escuro debaixo da cama. Muitas murcharam assim e depois de murchas secaram, enegreceram aumentando o escuro debaixo da cama. Aqui a vassoura não passa e ela não lembra de pedir, porque não lhe ocorre que depois da queda uma fuga possa acontecer, que dirá então um resgate! Ocorre-lhe observar a fuga e observa até que a porta que não é porta se agita e ela fecha os olhos. Antes os apertava e virava a cabeça, mas percebeu que isso arranhava muito e se machucava muito. Aprendeu a fechar os olhos e os fechava. Não conseguia fechar os ouvidos e ouvia e ouvia tanto que se encharcava. Ouvia tanto que afogava. Ouvia tanto que lembrava de olhar a bacia cheia de cebolas descascadas. Via o redondo branco. Não é lua, não é pérola. Uma cebola com outra e outra e muitas na bacia. Via e continuava mergulhada. Via mais. Brancura fechada em si, a brancura carnuda cobrindo outra e isso até o vazio e uma e outra e muitas vezes. Via mais. O tempo passa e fica até que passatempo irrompa e respire o tempo. fechava os olhos, esperava o tempo passar e o tempo passava. Continuava com os olhos fechados e não se lembrava de imaginar. Lembrasse talvez imaginasse uma brancura cá dentro do olhar, uma brancura desse lado que se tornasse ... que se tornasse o quê? Quanto tempo? por quanto tempo? Agora, uma vez mais, a porta que não é porta, se agita. Uma vez mais a vassoura aparece e arranha o chão sem diligência, sem eficiência, como ela ,aliás que fica parada. Os olhos se abrem e tudo continua. Ela está ai e o passatempo é descascar cebolas, está dito e não será negado; seria repetido, porque nada se altera. Repetir e tornar a repetir? Repetir até o quê? Alguma bacia ficará repleta assim? E ficando repleta? Está dito que ela está ai e descasca cebolas. Suas unhas e dedos são diligentes e eficazes e tem ritmo e força , no resto não. Fecha os olhos, afoga-se no ouvir. Isso o que há nesse quarto que talvez seja o escuro, seja o embaixo de uma cama de uma dama endoidecida, de uma dama prostituída, de uma dama enclausurada, de uma dama envelhecida, de uma dama atarefada e explorada, de uma dama de vassoura esfiapada. Talvez nada disso e o imaginar também encharque essa realidade cheia de realidades que não se precisa imaginar, pois não? O fedor, o abafado, as baratas e os ratos, as marcas e as manchas das ranhuras não feitas pela vassoura. Nada disso foi aventado, apesar de tudo isso ai estar, mas aqui retifique-se, não é preciso imaginar. É preciso ir além desse constatar.

“Por pior que eu seja, dei, no entanto, uma cebola”, indicando sua prontidão para ser salva. (Quanto à velha senhora, as outras almas condenadas tentaram agarrá-la pelos pés para também ser puxadas para cima; egoísta, ela começou a chutá-las. A cebola se partiu, “e a mulher voltou a cair no lago, onde está queimando até agora”.

Os irmãos Karamázov, de Dostoiévski

Eni Rivelino

Crônica da propagação

Sem a hipótese, por ora perdida, de escrever uma crônica atual que não fale sobre a pandemia, começo por afirmar o tema. Este desastre é umas daquelas coisa que acontece, não debatamos revelações sobrenaturais ou conspiratórias, somos feitos de carne e a carne é perecível. Confesso o medo e a ansiedade que senti naqueles dias de Março. Que efeitos teria e o que aconteceria por Curitiba, pelo Paraná e no Brasil? Da Europa chegavam relatos de um isolamento da sociedade. Comprei mantimentos e os produtos que achei necessários, mas não exagerei. Depois chegou a informação: Trabalhem a partir de casa.

A incerteza é um veneno para a sanidade. Não sabíamos nada, só tínhamos os números de mortos a chegar aos milhares nas cidades europeias, fotos de hospitais cheios, médicos e enfermeiros exaustos, dormindo em corredores, gente entubada há semanas. A família e os amigos relatavam a veracidade dessas informações no Porto e no Norte de Portugal. A calma não chegava, e com toda a certeza não chegou ainda, mas a inspiração para este relato veio nesses dias de preocupação.

Alguns dias depois do isolamento encontrei algo que me fez sorrir e acalentar a mente.

Voltando para casa de uma cuidada saída, entrei na minha rua e encontrei, coladas com um simples durex nos postes da rua, uma em cada um, folhas com desenhos de uma criança, borboletas, sóis, flores, tudo aquilo que esperaríamos ver nos desenhos de um infante, mas algo mais os preenchia:

“Vai ficar tudo bem!”

“Se nada nos derrubou, não vai ser agora!”

“Vamos cuidar uns dos outros”!

Fui subindo a rua e admirando aquilo. Mais que tudo, sorria. Foi uma terapia. A voz de uma criança, provavelmente assustada, sem adultos que lhe pudessem explicar direito, escutando uns tantos outros que discutiam mais como contrariar os outros do que como se cuidarem, uma voz que tentava trazer a calma ao mundo. Sabia que escreveria sobre aquilo.

Encontrei-a mais acima, sentada, com mais folhas nas mãos, a menina olhava a rua vazia, não fosse eu e ela. Arrependi-me de não lhe ter falado. Sorria sem que ela me pudesse ver sorrir. Ela me fez sentir bem e eu, adulto, não consegui retribuir.

Nos meses seguintes, eu pensei várias vezes naquela criança. Não sei onde mora, não a reconheceria se a visse, não poderei agradecer-lhe pessoalmente. Por isso, a imortalizei num dos meus contos. Por isso a relato aqui. Lembro-me dela e daqueles desenhos regularmente. Foi ela que me trouxe o primeiro sinal de esperança que superaríamos isto, mesmo com todos os reveses. Propago essa esperança. Temos crianças para criar que poderão ser melhores adultos do que nós, menos divisivos e mais conciliadores, que cuidem mais do que insultem.

“Vai ficar tudo bem!”

Lourenço Moura

Obrigado pelo trabalho de divulgação da arte!
Um abraço.
Lourenço Moura

Lourenço Moura nasceu em São Pedro da Cova, Portugal e está radicado em Curitiba, Paraná. Mestre em Engenharia Eletrotécnica e de Computadores pela FEUP, estreou na literatura com o romance “Macário” e tem a coletânea de contos “Sombras do Isolamento” publicado em ebook pela Amazon.

NÃO CONSIGO RESPIRAR

CORONA VÍRUS

RACISMO

MACHISMO

IGNORÂNCIA ECONOMIA

OPORTUNISMO INJUSTIÇA

HIPOCRISIA DESEMPREGO

ódio

FOME

DITADURA

LAVAR AS MÃOS DIRIA LIVRE O NEUTRO

O PUTO

O JUIZ

O RICO

O PADRE

O PASTOR

O ELEITOR

O TRAIDOR

O POLÍTICO

O BANQUEIRO

O PRESIDENTE

O INDIFERENTE

LAVAR AS MÃOS É CULPA DOS MORADORES SEM SANEAMENTO

LAVAR AS MÃOS É CULPA DAS **mãe**S QUE PERDEM SEUS FILHOS

LAVAR AS MÃOS É CULPA DAS MENINAS E MULHERES GRÁVIDAS

DOS TRABALHADORES(A)

DOS PROFESSORES(A)

DOS FAMINTOS (A)

DOS ARTISTAS(A)

DOS NEGROS (A)

DOS INDÍGENAS

DOS GAYS

DAS PUTAS

Luciana Nascimento

NÃO ME INTERESSA!!

Não sei quanto tempo me resta mas,

também, não me interessa!

Não me interessa

sair fazendo tudo às pressas.

O que quero mesmo?

É uma conversa, não tão controversa, não tão depressa.
Quero uma prosa modesta, com uma seresta e
sem hora pra acabar.
Porém, lhe escrevo "às pressas", os advérbios que me restam

de afirmação
de negação
de dúvida
de tempo
de lugar
de modo
de intensidade

Wilson Inacio 2020

A filha da terra

Com lago pela frente e casas mais por diante, as dos familiares de grau primeiro, o repouso aparentemente na perfeição está a acontecer. Ao longe a montanha dos matinais passeios e casuais encontros com a fauna local mais a flora tão atenciosa, fá-la sorrir. Da pequena ilhota com o resto do lago a abraçá-la é que consegue ver na calma a envolvência pensada, sem demais preocupações do quotidiano lá longe, na cidade. Mas agora quando relembra os momentos que antecipa para o futuro quase a chegar ainda está na proximidade tão urbana, pelo menos assim, talvez com algum engano lhe parece, de onde saiu rumo à tal paisagem que conforme vê a outra envolvência que a acompanha passar, a permitida pelo comboio onde segue viagem, mais perto na distância a sente finalmente diminuindo, para sua felicidade crescente pois só tem deslocação possibilitada ao rural meio uma vez por ano. É no campo e na montanha que melhor se ilumina sua face com os raios solares a testemunharem os seus sorrisos perante a família que ainda por lá tem a sua vida e, na compreensível impaciência se irá provavelmente movimentando na espera que certamente desespera, sabendo naturalmente que a filha da terra estará para chegar. Foi lá que ela nasceu, brincou e cresceu, tendo rumado ao urbano lado com uma vida procurada para o melhor de si. Conseguiu-o e retribui no agora como em todos os anos, uma vez sempre no mesmo mês com o regresso, por toda a gente do campo tão aguardado, inclusive pelos não familiares que por esta altura já se vão juntando pois quanto à hora dela aparecer o relógio enfim diz que não faltará muito, enquanto a viajante, ela mesma de quem falamos até lá já se encontra na tal ilhota onde vê as casas, o campo e a montanha bem ao fundo na paisagem. As pessoas da família, igualmente no seu pensamento, e não só também têm consciência disso e para a ilhota vão observando com a vista para o outro lado de onde ela irá surgir, a filha da terra, que chega de comboio, faltando ainda um pequeno trajecto de carro, o qual por ela esteve alegremente em espera, junto à pequena empresa de aluguer de viaturas, onde o seu tio, à porta vai sorrindo com a chave na mão. Com muita saudade os prolongados cumprimentos, afinal um ano passou e o convite feito para um almoço no dia seguinte ficou apalavrado, em casa dos seus pais, os dela, para onde se dirige no instante. Os familiares vieram sempre na sua companhia durante a viagem e como o percurso de automóvel curto parece, a família quase a via desde que ela chegou, sendo o mais certo que avistava na perfeição desde há muito tempo na sua própria mente familiar, a figura central deste conto, então bem dentro do horizonte. E eis que ela vai chegar finalmente ao seu destino porque o tem à sua mercê por fim, na tal paisagem que a acompanhou desde que tomou saída urbana com o fim de viagem no campo onde família e não só recebe com ternura na saudade que vem do pretérito ano, a filha da terra.

Luís Amorim, de Oeiras, Portugal.

Quero minha vida de volta

Marcos Pontal

Não vejo a hora de acabar o isolamento social,
que não tem nada de legal.
Só faço,
porque não sou de aço.
Se pegar a doença,
isso pode dar uma bela de uma encrenca.

Quando isso acabar,
quero mergulhar.
Nas belas praias desse país,
me refrescando com vários açaís.

Quero ir ao cinema,
assistir a um filme de qualquer tema.
Só para matar a saudade,
das beldades.

Quero ir aos cultos,
adorar a Deus com crianças e adultos.
Orar com os irmãos,
cumprimentá-los com um aperto de mãos.

Quero ir a festas,
de aniversários e casamentos sem medo de aglomerar.
Comemorar sem receio,
e até fazer um torneiro.

Quero voltar a praticar esportes com os amigos,
e até mesmo com inimigos.
E disputar um campeonato.
Isso é fato!

Selva diária

Em meu ritual diário
renovo minha esperança
driblo as armadilhas
na selva da minha mente
tudo oculto e exposto
um tempo que se arrasta
aprisionado em meio ao coletivo
pacientemente espero, impaciente
por uma caçada sem fim
de um animal que enfrenta o caçador
e não foge.

Um caminho

Acima de nossas cabeças, arranha céu, chapéu
Em meio às ruas, caminhões, meus pés
O destino contra as montanhas
Na frente
Meu nariz

Eu apoio um lançamento
Enquanto finjo que tudo isso eu agüento
Contrato mais um detento
Menos impostos pro movimento
Na rua do carnaval
Do país

Isso tudo é lixo, de papel e carimbo
Como cabelos lisos da mulata
Como os morros das verdes matas
Em meio aos pedestres
Sempre há um que mata
Lua no reflexo do rio cor de prata
Descarta tudo no valão

O ônibus sacoleja, todos fazem de conta que nada vejam
E por ruas estreitas e tortas
Na casa, quem será que abriu a porta
Na calçada fria e morta
De joelhos e ninguém estende a mão
Com nosso olhar
Sempre na contra mão.

Mikael Mansur-Martinelli

Mikael Mansur Martinelli é Colatinense do Espírito Santo. Biólogo, professor e taxidermista. Contribui com suas pesquisas em periódicos científicos do Brasil e do exterior. Autor do livro “O pé de jambo e a fábrica de refrigerante” (Editora Jogo de Palavras) e da antologia poética “Letras e vida” (Editora Jogo de Palavras), junto com outros detentos no período em que passou preso e já participou de diversas antologias poéticas. Email: mansurmartinelli@gmail.com

Guerra Santa temperada (Príncipe de Mônica)



Por Paulo Roberto de Oliveira Caruso

- Alô, Pereira.

- Alô. Tudo bem por aí no Como o Diabo Gosta?

- Ué... Tudo bem... Mas por que você está falando tão baixinho, cara?

- É que eu estou no escritório do Tudo ao Gosto de Deus...

- E está fazendo o quê aí no restaurante da esquina? Pra você falar de forma quase inaudível, coisa boa é que não deve ser...

- É que eu não gostei de a gente não ter conseguido a fórmula do molho especial dos calzones deles. Já tentei de tudo: ofereci uma boa quantia em espécie ao Lorenzo; ofereci-lhe sociedade na nossa rede de restaurantes com direito a participação nos lucros e direito a voto e veto; mandei um *cracker* enviar vírus e um cavalo-de-troia ao computador do cara, mas ele deve estar em dia com o *Firewall*; tentei sequestrar a mãe dele, mas pegaram a sogra... Bem, deveria ter sequestrado um irmão ou até o cachorro dele, pra não confundir os capangas, sei lá... O Lorenzo não deu a mínima! Deve ter achado que era trote, e os meus capangas acabaram largando a velha num bairro afastado, de madrugada. O santo do cara é forte...

- Como? Ficou louco de vez? Está completamente obcecado pelo tempero do molho que o cara usa! O coitado descasca vários abacaxis por dia e só tem uma cantina pequena de comida italiana! Veio de baixo... O bambambã é você, que tem décadas de tradição e um monte de filiais de um restaurante luxuoso! Deixe o cara em paz, Macieira! Ele é só um novato buscando o lugar no paraíso, na terra do leite e mel... Veja bem o nome da cantina: Tu-do-ao-gos-to-de-Deus...

- E da-í?

- Daí que inveja é pecado! Ademais, você cometeu vários crimes decorrentes dela! Cuidado: a sua batata está assando...

- Nem pensar; eu quero a receita! Tenho que fazer jus ao nome da nossa rede de estabelecimentos...

- Ah, claro... E agora sequestra, espiona, furta...

- Compadre, ouça bem você: jamais, eu disse ja-mais(!) comi nada igual na minha vida! Maldita a noite em que você me convidou para jantar aqui! Eu perdi a minha paz, ouviu? Perdi a minha paz!

- Você perdeu foi o juízo! De vez! Da gula à vagabundagem?

- Balela! Não estou aqui ajoelhado no chão debaixo da mesa dele à toa! Você vai ver... Eu vou conseguir!

- Bem, já que se ajoelhou, aproveite e reze e saia já daí!

- Nem pensar! Vou conseguir o segredo! E olhe só: você é quem vai se beneficiar sem ter se esforçado o mínimo, já que temos tudo dividido meio a meio! E ainda por cima reclama... Cara de pau...

- Deixe isso pra lá, amigo. Pelo amor de Deus!

- Pelo amor de quem? Bem... nem sei por que me assusto, já que você nunca respeitou mesmo o nome da nossa rede...

- O adorador do Diabo é você, Macieira. Aliás, só falta me dizer que foi você, seu herege, o dono da árvore que cedeu a maçã para Adão e Eva em conluio com a serpente...

- Você é só dois anos mais novo que eu, seu velho!

- Aliás, por ter me telefonado, agora você está é me comprometendo... A Polícia Civil pode rastrear com facilidade esta ligação quando você for pego! E o pior é que eu nem sou a favor do que você está fazendo! Seu doente, você sequestrou a sogra do coitado!

- Opa... Achei um caderno de receitas antigo aqui na segunda gaveta da mesa! Ao lado de um vidrinho com óleo... Hummm, está escrito “óleo de Lorenzo”...

- Pirou de vez... Agora citando um filme dos anos 1990?

- Deve estar tudo aqui no caderninho, Pereira. Deve estar tudinho aqui... Ha!!! Quem é o louco agora, hein? Chupa essa manga, mané!

- Ai, meu Pai sagrado... Você vai acabar preso, seu maluco! Saia já daí!

- Não sem antes tirar fotos do caderninho; deve ser a Bíblia do Lorenzo... Afinal, se me pegarem saindo do escritório com as tais anotações, o caldo pode entornar pro meu lado, né? O seguro morreu de velho...

- Veja se sai logo daí, maluco! Virou sequestrador, criminoso cibernético e ladrão depois de velho, é?

- Hummmm, tem um jeito de coisa passada de geração a geração... Coisa linda de se ver! Agora você vai ver: vai ser chupeta no mel, mamão com açúcar... Entendeu?

- Cara, vão acabar agarrando você!

- Oi? Ah sim. Estou saindo. Estou saindo. Até logo.

- Até.

Após desligar o telefone celular, eis que Macieira chega à porta do escritório, não vê viva alma e se retira para o refeitório. Sem o menor problema ele ganha a porta da rua.

- Patrão, o senhor não vai registrar a ocorrência? Chamar a Polícia?

- Por que eu faria isso?

- Ué, seu Paulo... Acabamos de ver no sistema de vigilância o proprietário do Como o Diabo Gosta sair com o seu caderninho de receitas! Não vai fazer nada?

- Sei que ele não é cristão, mas não vou perseguir ninguém. Nem processar.

- Vai deixar tudo por isso mesmo?

- Vou.

- Não entendi nada.

- Aquele livro é na verdade uma cópia do original.

- Mesmo assim, senhor. Agora ele tem as suas receitas de família!

- Parece que sim, não?

- Ah, já entendi! A letra está em garranchos que só o senhor pode entender, né?

- Não. A letra é toda ela perfeitamente inteligível até mesmo por uma criança.

- Ué...

- Eu apenas andei trocando uns ingredientes... Onde era para constar orégano eu escrevi sal; onde era manjericão eu pus pimenta-do-reino; onde era açúcar eu pus alho... Essas coisas.

- Mas então o senhor nunca usou aquele caderninho...

- Já sim! Mas estou tão acostumado a saber qual ingrediente entra no lugar de qual que nem me confundo mais há anos! - ri-se o patrão. - O verdadeiro caderno está sempre bem guardado. Fique tranquilo. Eu já tinha sido sondado indecentemente por ele e resolvi me precaver antes.

- Ele vai se estrepar, seu Paulo. Tudo por causa do velho ditado popular: “Farinha pouca, meu pirão primeiro”...

- O senhor Macieira só vai ter uma pequena lição a aprender. Bem, talvez perca uns clientes... Mas, sinceramente, espero que o senhor Pereira deixe a sociedade com ele; parece-me um bom homem de Deus. Afinal, como diz outro ditado, “antes só do que mal acompanhado”.

Sempre contra a maldade (Príncipe de Mônica)

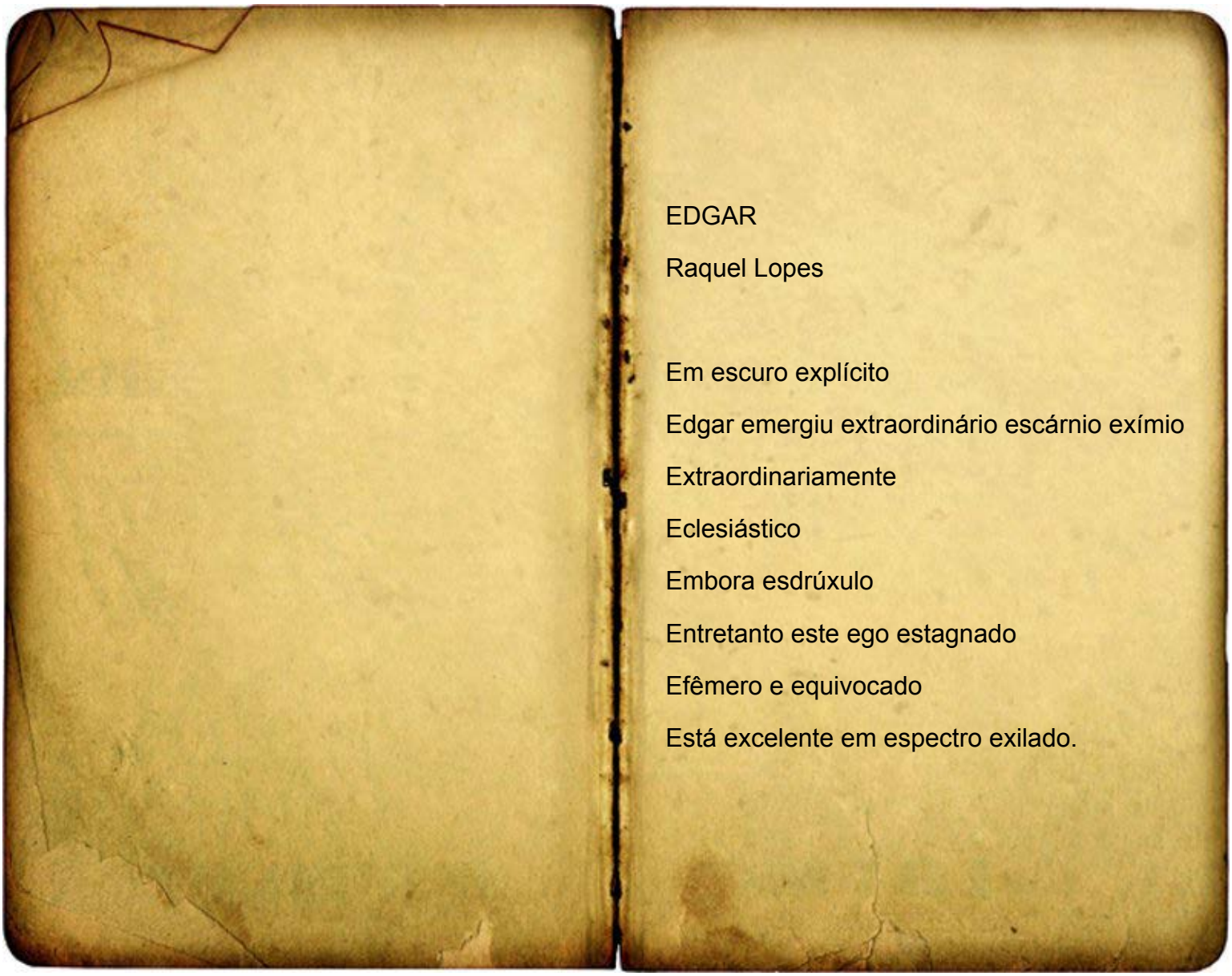
Três pedreiros duma obra “elogiaram”
uma dama que passava na calçada,
mas não viram que de pronto marejaram
as meninas dos olhinhos da adorada...

Ao ouvir os “elogios” que sobraram,
a moçoila então se pôs logo apressada,
o que a fez ouvir os ecos que a xingaram
em covarde sentinela desonrada!

Pelas formas curvilíneas da mulher,
eles viram nela o mais doce pavê
procurando um homem forte com colher...

Mas eu digo, homem, não pense você
que uma bela dama a vê-lo sempre o quer:
a maldade está nos olhos de quem vê!

Paulo Roberto de Oliveira Caruso



Minibiografia

Raquel Lopes, nascida em Jaboatão dos Guararapes, Pernambuco, Brasil. Faz curso de bacharel em Letras – Língua Portuguesa pela Faculdade Estácio de Sá. É pianista, poetisa é escritora. Amante das Artes e da literatura. Autodidata pela Escola da Vida. Tem várias participações em antologias e concursos literários pelo Brasil e em alguns países. Tem livros de poesia publicados no site Amazon e Clube de Autores. É membro da UBE.

A VOLTA DE DIONISO

Certo dia, no final de abril, ouvi o áudio enviado por um amigo que, como eu, estava em casa por conta do isolamento social. Há tempos, tenho conhecimento do gosto dele pela mitologia grega. Sempre que pode, arrisca relacionar as histórias dos deuses e dos heróis com a realidade atual. E já que lera recentemente um autor francês que também faz isso e navega pelas águas da Sociologia e da Filosofia, pediu-me para ouvir com atenção o áudio que gravara, centrado na figura do deus Dioniso.

Na gravação, meu amigo começou por dizer que desde o fim da Segunda Guerra Mundial o mundo tem presenciado de diferentes maneiras a volta daquela divindade grega, que simboliza as paixões fortes e o êxtase. Nos anos 1960, tal retorno estaria associado à liberalização dos costumes, à quebra de regras e a um menor formalismo cívico-religioso. Para exemplificar, citou os episódios que marcaram o "maio de 68" na França. A defesa do amor livre, do aborto, da liberação das drogas seriam, segundo ele, manifestações tipicamente dionisíacas. Observou ainda que Dioniso carregava consigo o sentimento de comunhão, o desejo de "estar junto", tanto que em suas andanças era acompanhado por um séquito de sátiros, cujas mãos estavam sempre ávidas por cálices de vinho.

Imaginando que eu estivesse já ansioso para saber que ligação ele faria com o Brasil de hoje, interrompeu brevemente a exposição para dizer: "calma, amigo, não deixe de me ouvir porque já chego lá". Então, prosseguiu. O sentimento de "estar junto" não implicava necessariamente um rompimento com o passado conservador. Podia, inversamente, implicar seu fortalecimento. Nesse caso, Dioniso não encontraria o êxtase no apreço pela liberdade, no despojamento, no questionamento de uma racionalidade autoritária, mas justamente no seu contrário: a veneração de uma ordem imposta de cima.

A essa altura do áudio, eu já não pensava em parar de ouvi-lo como, confesso, tinha mesmo pensado. Meu amigo, que não fala rápido e tem lá seus vícios de linguagem, continuava a falar com animação. Alternando os "tá" e os "né", disse que a veneração da ordem imposta não tinha natureza bem comportada e tranquila, mas agressiva e catártica. E que ela se espelhava na agressividade de comandantes determinados, talvez até um pouco loucos. Todo líder com esse perfil era capaz de mostrar claramente o caminho para alcançar o êxtase: guerra total contra o inimigo, fosse quem fosse. Agindo assim, conseguia exercer, de maneira plena, o comando sobre quem o tivesse como ídolo. Tornava-se, então, quase divino, já que qualquer objeção a ele seria rechaçada pelos seguidores por meio de um argumento pobre, mas eficiente: a pura e simples desqualificação do contraditório, visto como "lero-lero a serviço do inimigo". Assim, eles reafirmavam obstinadamente tudo o que o comandante dizia e fazia, por mais absurdo que fosse.

Meu amigo encerrou o áudio perguntando se o que disse me sugeria alguma coisa sobre o Brasil de hoje. Não pude, então, deixar de pensar nos atos de 19 de abril, que pediam o fechamento do Congresso, do Supremo Tribunal Federal e a volta do AI-5. Ao ver a fúria dos manifestantes, sua obstinação e seu ódio cego, veio-me à cabeça o seguinte: se Dioniso realmente voltou, encontrou por aqui sátiros fanáticos cujas mãos talvez estejam ávidas por cálices de sangue.

Renato Massari, Rio de Janeiro

Renato José de Oliveira (nas artes Renato Massari) é Doutor em Ciências Humanas – Educação e Professor Titular aposentado da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, na qual lecionou de 2007 a 2019.

A fumaça preta saindo da camionete reflete sob lágrimas de ozônio –
essa camada desgostosa que grita seus quarenta graus célcius
sob um povo que abrasa
Amazônia e Pantanal.
O barulho do chevette virou problema pequeno
e o suor
produzido
por pulmões sequiosos
que clamam
por vítreos ares.
A gente polui porque somos poluídos.

um dia a natureza há de nos despoluir.

Foi Deus quem me deu
estampado no parabrisa do escort
e Jesus dentro dele

ouvindo a rádio anunciando

11:45

no sinaleiro procura em seu Motorola um restaurante qualquer
saciar a fome numa mini-marmitex

O mais desprezado entre os homens.

Estacionar no mundo
essa baliza mal feita por uma SUV
é proibido estacionar.
A multa é salgada -
ou o carro não cabe na vaga
ou é sob o borchonoso sol
arde sem descanso.
É um descaso
o que fizemos com o mundo
jogamos ao acaso
o fim.

O ipê já não suporta mais cair
sob parachoques
não suportam esse paralelo entre raízes e calçadas.
Queriam se enforcar nos galhos
a tocar nesta lata que fervilha
dá nos nervos – o mato amarelado –
ter de tornar apenas um
o mundo de Gaia
e o mundo de Ford

As marcas de veículos me lembrando da realidade, um mundo que balança ao passar dos caminhões, a conversão proibida, os fiscais de trânsito, o giroflex da ambulância, os homens que costuram fios em postes...

O banco é de frente ao hospital, que é ao lado de uma clínica, que é ao lado de outro banco – ao meio, a barraca que vende coxinha adiposa.

Tudo o que acontece
Numa única rua
É tudo que me lembra
Dessa realidade – gordurosa, salgada, quente, aglomerada e circulatória
Vida urbanizada.

Rodolfo Barroso



MEUS SAPATOS

Meus sapatos são pesados
têm o peso da lama
do trabalho incessante
do constante esforço
da estrada contínua
por onde caminho.

De forma incansável,
serena e fulgente,
sonho...
Sonho com dias longos
em que desfruto do gorjeio dos pássaros
da brisa em minha face
e do descanso dos meus sapatos.
Minh'alma se inflama.

Calçados nuns pés sujos,
cansados do árduo trabalho,
calcados num chão batido,
retornam ao lar,
chegam em frangalhos,
sujam o assoalho.

Início de noite, ficam do lado de fora da casa
abandonados, sem aconchego
largados feito trapos.
Sozinhos.

Sigridi Borges

Um passarinho compõe sua canção,

Pega sua folha e caneta,
Põe se no galho a pensar

Olha para o céu gigante e azul
Se assusta com o vento ou a chuva,
Não sabe sobre o que expressar

Queria escrever uma canção sobre voar,
Mas o pouso sempre lhe pareceu
Mais cativante

Olha para uma serpente camuflada,
Escondida na grama linda e apaixonante
Sente compaixão por ela

Pensa em lhe compor um soneto
Para alegrar a alma, ou
Para desfazer um inimigo

Logo para de se perder em seu mundo,
Percebe se em um meio real....
Sai de sua profundidade

Vê belas frutas em outra árvore,
Pula, deseja saborear o que novos galhos
Podem lhe oferecer

Num piscar de olhos .....

Já é fim de tarde, está perdido no infinito pôr do sol,
Que logo findará.
Ainda se pergunta, sobre o que expressar?

Eterniza o sol em sua memória,
sem deixar a lua em segundo plano,
A contempla por igual, mas,
Com outra intensidade

Vê um gato brincando com uma pedra,
Feliz no simples jogo repetitivo,
Vê humanos amargurados, olhando para o mesmo gato.
Fecha os olhos, sorri.

Por fim, guarda o lápis e o papel,
Volta se ao céu, e, arquejando,
Branda um canto qualquer, mas.....
Que vem lá do fundo

Passa enfim,
Sua poesia ao mundo.

- Soares, Vinicius

D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA



EDIÇÃO DE ANIVERSÁRIO

NOVEMBRO / 2020

dartelondrina@gmail.com

insta @dartelondrina